

FACULDADES EST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

BENITO HOLZ KONFLANZ

**O ANÚNCIO DA FÉ CRISTÃ NA ERA DA PÓS-VERDADE: UMA PROPOSTA  
PARA ELABORAÇÃO DA PREGAÇÃO PARA CONTEMPORANEIDADE**

São Leopoldo

2022

BENITO HOLZ KONFLANZ

**O ANÚNCIO DA FÉ CRISTÃ NA ERA DA PÓS-VERDADE: UMA PROPOSTA  
PARA ELABORAÇÃO DA PREGAÇÃO PARA CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para a obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação  
Mestrado Profissional em Teologia  
Área de Concentração: Religião e  
Educação  
Linha de Atuação: Leitura e Ensino da  
Bíblia

Orientador: Júlio César Adam

São Leopoldo

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K82a Konflanz, Benito Holz

O anúncio da fé cristã na era da pós-verdade : uma proposta para elaboração da pregação para contemporaneidade / Benito Holz Konflanz ; orientador Júlio César Adam. – São Leopoldo : EST/PPG, 2022.  
135 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2022.

1. Pós-verdade. 2. Sociedade – Pluralismo. 3. Pregação cristã. 4. Pós-modernidade. I. Adam, Júlio César, orientador. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

BENITO HOLZ KONFLANZ

**O ANÚNCIO DA FÉ CRISTÃ NA ERA DA PÓS-VERDADE: UMA PROPOSTA  
PARA ELABORAÇÃO DA PREGAÇÃO PARA CONTEMPORANEIDADE**

Dissertação de Mestrado  
para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Faculdades EST

Programa de Pós-Graduação em  
Teologia

Área de concentração:  
*Religião e Educação* Linha  
de atuação:  
*Leitura e Ensino da Bíblia*

Data de Aprovação: 1º de julho de 2022

Prof. Dr. Júlio César Adam

*Presidente da banca*

Prof. Dr. Verner Hoefelmann

*Faculdades EST - Participação por videoconferência*

Prof. Dr. Klaus Andreas Stange

*FLT - Participação por videoconferência*



Minha amada Laísa, sou grato por ter recebido a dádiva de ser teu esposo. Desde o primeiro dia em que pude vê-la, eu tive certeza de que você era a mulher que o Senhor me concederia casar, mesmo que eu tenha passado por incertezas e nós por desencontros, há um tempo para tudo e, no tempo oportuno, começamos a conversar, para assim, com clareza, começarmos a namorar. Das muitas formas como Deus demonstra seu amor por mim, tu és a forma mais preciosa. Tu és a mulher pela qual eu orei e com quem tenho a alegria de estar casado, não imagino que poderia haver outra pessoa com a qual eu gostaria de estar compartilhando a vida e a caminhada de fé. Tu és uma mulher que vivencia a bondade e o cuidado, isso é nítido na forma como procedes comigo e com nossas filhas, Esther e Rebeca. Você me inspira a viver a família, a cada dia buscar mais a Deus e a vivência do amor com o próximo. Teu amor, fidelidade e carinho são verdadeiros bálsamos dos céus nos momentos de desânimo em meio às lutas cotidianas. Teu meigo sorriso e tua singeleza transbordam de teu coração, cheio de uma beleza, que só aumentou com o passar do tempo. O teu abraço é a certeza do aconchego e do amor verdadeiro. Tua dedicação em cuidar de nossas meninas e da casa durante o mestrado, foram notáveis. Lembro com muito carinho o quanto você me incentivou, insistiu para que me mantivesse firme e dedicado a este mestrado. Por isso, dedico este trabalho final do mestrado a ti, minha amada e doce Laísa. Tu és um instrumento de Deus na minha vida, o que contribui significativamente para este subsídio ser útil para inúmeras pessoas que são chamadas para anunciar as boas novas do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, o qual, mesmo antes de criar o mundo, nos amou e nos escolheu (Efésios 1.4). Te amo minha amada esposa Laísa, meu jardim.



## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço e louvo a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai misericordioso e Deus de todo encorajamento, o qual encontrou-me, miserável pecador, apenas por sua infinita misericórdia e graça, fazendo-me propriedade Sua e salvando-me pelo seu imenso amor. Sem Ti, não há razão para minha vida. A Ti, sejam toda a Honra, Glória e Louvor, pelos séculos dos séculos. Amém! À Worny Konflanz e Edi Holz Konflanz, pois grande parte do que sou, vêm do amor e dedicação de vocês, meus pais amados. Ao meu irmão Diones Konflanz, que sempre foi um grande amigo e parceiro, uma bênção de Deus na minha vida. À senhora Zaida Meirelles Barbosa, mulher sábia, firme e dedicada à educação, professora que me alfabetizou. Às pessoas que, ao longo da vida, passaram-me conhecimentos e ajudaram-me a crescer como homem e cristão. À minha amada esposa Laísa e filhas, Esther e Rebeca, que me permitiram dedicar tempo adequado para realizar o mestrado. Ao meu querido mestre Prof. Dr. Júlio César Adam, que ao longo da graduação de teologia despertou em mim o desejo por uma comunicação clara e eficaz da pregação, que em meio à sua exígua agenda, além de pacientemente orientar-me nesta pesquisa, fez preciosos apontamentos sobre o texto do trabalho final do mestrado. À IECLB e a Federação Luterana Mundial pela concessão da Bolsa de Estudo, a qual proporcionou os recursos necessários para a realização desta pesquisa. Um agradecimento especial à Faculdades EST, que com competência e disciplina, me ajudou a desenvolver minhas capacidades intelectuais. À Paróquia Evangélica Apóstolo Paulo, em São Luiz Gonzaga – RS e à Paróquia Unida em Cristo, em Joinville – SC, por me concederem tempo para estudar e redigir o texto. Ao meu primo, mestre e sociólogo Celso Dionatan Konflanz Garcia (Garcia Konflanz), que me auxiliou quanto ao vernáculo e nas longas conversas, discussões sobre a Cultura-Mundo e na correção ortográfica, assim como o auxílio de Kátia C. Reimer Siedschlag, Mestre em Engenharia de Produção, Especialista em Administração Empresarial e graduada em Administração com Habilitação em Comércio Exterior, que auxiliou no vernáculo em diversas partes deste trabalho final, embelezando-o, para Glória de Deus! Peço ao bom Deus, que a todos cumule com graça e paz.

Meu muito obrigado!



*O que mais me interessa é terminar o que Deus começou: a tarefa de que o Senhor Jesus me incumbiu: fazer que todos com os quais me encontre tomem conhecimento da extraordinária graça de Deus.*

Paulo de Tarso, Atos 20.24



## RESUMO

A pesquisa que será apresentada, comporta o labor acadêmico da pesquisa teórica, bibliográfica e de profunda reflexão sobre a origem e o desenvolvimento do conceito de *pós-verdade*, o qual mostra-se intimamente conectado a uma discussão mais ampla a respeito da concepção de pós-modernidade, a qual subordina-se a uma série de campos distintos, da arte até a sociologia, passando por alguns registros históricos, antropologia, teologia e da filosofia. O objetivo da pesquisa é apresentar uma análise da sociedade pluralista, a qual diretamente influencia indivíduos, seja através da diversidade étnica, religiosa, cultural ou pelo relativismo reinante. Analisa-se elementos que compõem o quadro conjuntural que permitem a afinidade de vários dispositivos sociais a formarem certo agir racional e comportamental. Esse cenário desafia o anúncio da fé cristã. Dessa forma, este trabalho tem sua relevância na medida em que contribui para a compreensão de tendências da atualidade e; faz apurada leitura das práticas homiléticas de pregadores e homiletas renomados contemporâneos. Esta pesquisa fornece a pregadoras e pregadores cristãos instrumentos analíticos para a compreensão cultural; promove diálogo com a teologia e a cultura; reflete sobre homilética e pós-verdade. Pondera de modo crítico e bíblico para elaborar e estruturar a pregação, base e fundamento da Igreja. Com o propósito de anunciar a fé cristã, com clareza e simplicidade, mas sem, contudo, distorcer, relativizar ou alterar as Escrituras Sagradas, manter a autenticidade dos princípios e valores do Reino de Deus, este trabalho final do mestrado quer possibilitar um viés dialogal de forma responsável com a sociedade.

**Palavras-chave:** Cultura. Sociedade Pluralista. Pós-modernidade. Individualismo. Ceticismo. Relativismo. Pós-verdade. Evangelho. Pregação. Verdade.



## ABSTRACT

The research that will be presented comprises the academic work of theoretical, bibliographic research and deep reflection on the origin and development of the concept of post-truth, which is intimately connected to a broader discussion about the concept of post-modernity, which is subordinated to a series of distinct fields, from art to sociology, passing through some historical records, anthropology, theology and philosophy. It intends to present an analysis of the current pluralist society, which directly conjectures and shapes individuals, whether due to ethnic, religious, cultural diversity or the prevailing relativism. Elements that make up the conjunctural framework that allow the affinity of various social devices to form a certain rational action with a view to certain behaviors. This scenario challenges the proclamation of the Christian faith. Thus, this work is relevant insofar as: it contributes to the understanding of a current concept; makes an accurate reading of the homiletical practices of a number of renowned preachers of today, the best of the best in the last 25 years. This research provides Christian preachers with analytical tools for cultural understanding; it makes dialogue with theology and culture; reflects on homiletics and post-truth. It ponders critically and biblically to elaborate and structure the preaching, basis and foundation of the Church. With the purpose of announcing the Christian faith, with clarity and simplicity, but without, however, distorting, relativizing or altering the Holy Scriptures, maintaining the authenticity of the principles and values of the Kingdom of God, this final work of the master's degree wants to enable a dialogic perspective responsibly with society, being grateful for the good things it offers and, on the other hand, how we can firmly and faithfully apply the gospel of Jesus Christ to it, which is non-negotiable.

**Keywords:** Culture. Pluralist Society. Post-modernity. Individualism. Skepticism. Relativism. Post-truth. Gospel. Preaching. Truth.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>2</b>	<b>CARACTERÍSTICAS SOCIOLÓGICAS E SUAS RELAÇÕES COM A PÓS-MODERNIDADE .....</b>	<b>25</b>
<b>2.1</b>	<b>O TERMO PÓS-VERDADE SE POPULARIZA .....</b>	<b>25</b>
<b>2.1.1</b>	<b>O mesmo contexto que homogeneíza, suscita diferenças .....</b>	<b>26</b>
<b>2.1.2</b>	<b>O passado e o presente: a globalização em detrimento das particularidades .....</b>	<b>27</b>
<b>2.1.3</b>	<b>Os temas culturais ganham importância na pesquisa .....</b>	<b>28</b>
<b>2.1.4</b>	<b>As crenças são contestadas .....</b>	<b>29</b>
<b>2.1.5</b>	<b>O mundo do pós-guerra: a globalização em detrimento das particularidades .....</b>	<b>29</b>
<b>2.2</b>	<b>A MODERNIDADE SÓLIDA E AS CARACTERÍSTICAS ESTRUTURANTES .....</b>	<b>30</b>
<b>2.2.1</b>	<b>Emergência da pós-modernidade: a sociedade líquida e a centralidade do consumo .....</b>	<b>31</b>
<b>2.2.2</b>	<b>O sujeito pós-moderno .....</b>	<b>33</b>
<b>2.2.3</b>	<b>Relativismo cultural .....</b>	<b>33</b>
<b>2.2.4</b>	<b>A imanência da modernidade e da sua sociedade industrial e mercantil.</b>	<b>34</b>
<b>2.2.5</b>	<b>A ascensão comunista .....</b>	<b>36</b>
<b>2.3</b>	<b>A MODERNIDADE E SUAS NUANCES .....</b>	<b>36</b>
<b>2.3.1</b>	<b>Globalização .....</b>	<b>37</b>
<b>2.3.2</b>	<b>Homogeneização ou diversidade .....</b>	<b>38</b>
<b>2.3.3</b>	<b>A modernidade foi a era sólida.....</b>	<b>40</b>
<b>2.4</b>	<b>MULHERES EM BUSCA DE EQUIDADE: UM ELEMENTO DE MUDANÇA ESTRUTURAL NA SOCIEDADE .....</b>	<b>40</b>
<b>2.4.1</b>	<b>A revolução comunista e o projeto feminista de esquerda.....</b>	<b>45</b>

<b>2.5 A EXACERBAÇÃO DOS VALORES DE CONSUMO: O CAMINHO PARA O INDIVIDUALISMO E O HEDONISMO.....</b>	<b>47</b>
2.5.1 A sociedade do consumo: o fim das estruturas coletivas.....	48
2.5.2 A teologia da prosperidade .....	49
2.5.3 A construção do indivíduo: a livre escolha, o presenteísmo e a felicidade .....	51
<b>2.6 O ENFRAQUECIMENTO DAS GRANDES NARRATIVAS DE MUNDO .....</b>	<b>52</b>
2.6.1 O indivíduo monta seu próprio mundo do mesmo modo que escolhe um produto.....	53
2.6.2 Tudo passa a ser efêmero: a sociedade líquida .....	54
2.6.3 Contestação e reconfiguração das instituições tradicionais .....	54
2.6.4 A tarefa individualista do sujeito moderno: a construção permanente de si em um mundo sem alicerces.....	56
2.6.5 Conclusão .....	57
<b>3 ANÚNCIO VIVO E EFICAZ DA VERDADE NUMA ERA DE PÓS-VERDADE E FAKE NEWS.....</b>	<b>59</b>
3.1 A PÓS-VERDADE NADA MAIS É DO QUE A VELHA MENTIRA.....	59
3.1.1 A banalização da mentira .....	61
<b>3.2 DEMOCRACIA POPULISTA E USO DAS REDES SOCIAIS E DESINFORMAÇÃO .....</b>	<b>63</b>
3.2.1 As redes sociais, os memes e a distinção entre verdadeiro e falso.....	64
3.2.2 O fenômeno da pós-verdade e a irrazão .....	65
3.2.3 O fim da verdade e a dissolução da convivência .....	66
3.2.4 A relativização da verdade não combina com o Evangelho .....	67
<b>3.3 O DEUS DO EVANGELHO INCOMODA OS DEUSES DE SI DA PÓS-MODERNIDADE .....</b>	<b>67</b>
3.3.1 A palavra distorcida: as <i>fake news</i> e a perda de confiança na comunicação .....	69
3.3.2 A necessidade da palavra de conteúdo sólido para a geração pós-moderna .....	70
3.3.3 Quando a palavra desvia o sentido: a teologia da prosperidade.....	71

<b>3.4</b>	<b>ALGUNS PRECEDENTES TEÓRICOS DA TEOLOGIA PÓS-MODERNA ....</b>	<b>72</b>
3.4.1	O pensamento teológico pós-moderno .....	74
3.4.2	A inexistência de absolutos, a falência moral e o vazio existencial.....	76
3.4.3	Quando a teologia quer superar Deus .....	76
3.4.4	Crítica à Nova Homilética .....	77
3.4.5	O relativismo da Nova Homilética e a perda da autoridade bíblica .....	78
3.4.6	Os efeitos na cultura e no meio social.....	78
<b>3.5</b>	<b>A NOVA HOMILÉTICA SE APRESENTA COMO UMA EXPERIÊNCIA E NÃO COMO BUSCA DA VERDADE.....</b>	<b>80</b>
3.5.1	Características da pregação na nova homilética .....	80
<b>3.6</b>	<b>UMA BUSCA POR VERDADES.....</b>	<b>82</b>
3.6.1	Reação à cultura-mundo: o sujeito precisa de referências sólidas de mundo .....	83
3.6.2	Um anúncio sólido do Evangelho.....	85
3.6.2	Conclusão.....	87
<b>4</b>	<b>ANÚNCIO VIVO E EFICAZ DA VERDADE NUMA ERA DE PÓS-VERDADE E FAKE NEWS .....</b>	<b>89</b>
<b>4.1</b>	<b>CONEXÕES COM PESSOAS E CONTEXTOS PARA O ANÚNCIO DO EVANGELHO .....</b>	<b>91</b>
4.1.1	Relacionamentos, comunhão e diálogo.....	92
4.1.2	Liberdade de expressão e segurança .....	93
4.1.3	Adaptar-se ao contexto e confrontá-lo com intencionalidade .....	95
4.1.4	Observar quem são os interlocutores do texto.....	97
<b>4.2</b>	<b>UM RETORNO ÀS FONTES DA REFORMA PROTESTANTE .....</b>	<b>98</b>
4.2.1	Princípios hermenêuticos reformatórios e a homilética luterana.....	100
4.2.2	Reflexos para a contemporaneidade.....	102
<b>4.3</b>	<b>O PODER DA SIMPLICIDADE.....</b>	<b>103</b>
4.3.1	Clareza da mensagem .....	106
4.3.2	Importância da habilidade em escrever com clareza e de anunciar claramente .....	107

4.3.3	Clareza e simplicidade pautadas na fidelidade doutrinária à confissão de fé cristã e a pregação bíblica.....	109
4.3.4	Pregando com horizonte ao compromisso .....	111
4.4	PROPOSTA ARQUITETÔNICA DA PREGAÇÃO .....	113
4.4.1	Primícias e movimentos para elaborar o esboço da pregação .....	116
4.4.2	Prioridade, propósito e lapidação do esboço .....	118
4.4.3	Acabamentos e corporificação da prédica.....	120
4.4.4	Conclusão .....	122
5	CONCLUSÃO.....	125
	REFERÊNCIAS.....	129

# 1 INTRODUÇÃO

A cristandade sempre enfrentou desafios para anunciar o evangelho, seja na igreja primitiva, seja na era da pós-verdade. De um lado a pregação tradicional – um discurso morno que parece não se comunicar adequadamente com as novas gerações. No que se refere à pregação do Evangelho, a era da pós-verdade tem gerado certa crise e mal-estar nas igrejas evangélicas históricas.

O doutor e professor Júlio Cezar Adam escreve sobre isso, afirmando que se tem a impressão de que a mensagem transmitida no púlpito não tem alcançado de forma eficaz o coração das pessoas, mas parecendo um Evangelho saturado, que não alimenta a fé dos membros e dos frequentadores. Nota-se um esvaziamento dos cultos nas igrejas evangélicas históricas onde se mantém a prédica clássica e um discurso descontextualizado com linguagem que não comunica.<sup>1</sup>

Porém, ao mesmo tempo, as modalidades de divulgação da fé, adaptadas à chamada era pós-moderna, desviaram-se de tal modo dos fundamentos da palavra que praticamente as deixaram de lado. A relativização, por vezes, manifesta-se no uso da fé em busca do fator financeiro da teologia da prosperidade, da libertação como da autoajuda dos *coaches*.

Fala-se, inclusive, em atualizar a palavra de Deus, tirando-lhe a revelação, como se ela fosse humana ou mundana e possível de ser reescrita. Além disso, têm surgido modalidades consumistas de fé, voltadas ao emocional e não à busca da palavra.

Mediante a crise da igreja evangélica brasileira, muitos pastores lutam para se adaptar a uma cultura pós-cristã sem abandonar a teologia evangélica de confissão luterana, em um cenário onde correntes procuram oferecer propostas alternativas, nem sempre conectadas com o Evangelho.

A pregação do Evangelho em muitas igrejas cristãs, com mais proeminência nas protestantes ou evangélicas, tem absorvido e está suscetível às mais diversas influências da atualidade. São pregações e igrejas cheias de subjetivismo, pluralismo,

---

<sup>1</sup> ADAM, Júlio Cezar. Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 53, n. 1. p. 160-175, jan. 2013. p. 162. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/650/799](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/650/799)>. Acesso em: 17 set. 2022.

por vezes tornando-se relativistas e consumistas, com indícios visíveis da imposição do mercado.

No exercício do pastorado percebe-se que, em diferentes contextos culturais, seja de uma cidade do interior ou de uma grande cidade, os desafios do que é ser igreja são os mesmos e as exigências são cada vez maiores sobre as lideranças de comunidades, na medida em que o relativismo, o individualismo e o consumismo passam a caracterizar cada vez mais a sociedade contemporânea, fazendo com que o ser humano leve uma vida cada vez mais privatizada e desenraizada em termos comunitários.

Assiste-se à relativização da verdade evangélica, no que se convencionou chamar de *era da pós-verdade*.<sup>2</sup> Portanto, cabe à teologia refletir da possibilidade em cultivar perspectivas para ser uma igreja missional, que seja biblicamente idônea e que alcance as pessoas em sua cultura.

Percebe-se que o ceticismo impera na cultura ocidental, junto a esse, uns sem-número de “ismos” alcançam e atingem a prática teológica, litúrgica, bem como da homilética. Deveras, os produtos e serviços religiosos, cultos, missas, como a forma da mensagem que estes apresentam, se tornam em grande parte emocionalmente descartáveis, pois sua identidade é afixada de forma materialista dentro de um perfil consumista cultural.

A questão está na dinamicidade e das possibilidades de como comunicar no púlpito de forma eficaz os conceitos da liberdade cristã, da graça e da justificação nesse contexto pós-moderno. Faz-se necessário pensar o anúncio e a prática da fé que, ao mesmo tempo, se comunique com os símbolos atuais, mas não deixe de lado a tradicionalidade de uma fé fundamentada nas Escrituras Sagradas. Vale registrar que pós-verdade não é sinônimo de pós-modernidade, mas ambas coexistem no mesmo lapso temporal ainda não definido.<sup>3</sup>

O artigo escrito pelo doutor e professor Adam intitulado: Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação, serviu de incentivo e apoio ao estudo acadêmico em busca de caminhos e respostas.

---

<sup>2</sup> Pós-verdade: o conceito político da moda é equivocado. **Carta Capital**, 03 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/revista/933/a-era-da-pos-verdade>>. Acesso em: 28 mar. 2022.

<sup>3</sup> AMORESE, Ruben. **Icabode**: da mente de Cristo à consciência Moderna. Viçosa/MG: Concluído. 1998.

Nada é mais vital para a vida e sobrevivência da igreja do que o culto e, dentro dele, a pregação. É pela pregação – em sua graciosa articulação divina e humana – que a fé é gestada e nutrida. Essa fé viva mantém a igreja viva. Ou seja, descuidar da pregação significa colocar, no mínimo, a fé em risco, e, junto com ela a própria igreja; junto com a igreja, a própria teologia. Em pleno século XXI, pregar no culto cristão é tarefa sublime e, ao mesmo tempo, tarefa complexa e desafiadora.<sup>4</sup>

Onde a fé e o ceticismo se encontram em ascensão, a cristandade é desafiada a ter um olhar crítico para a cultura atual numa profunda reavaliação de papéis e valores, frente a sua influência em nossas vidas e relacionamentos. Somos desafiados e encorajados a anunciar coerentemente o Evangelho. Como escreve Timothy Keller, os cristãos precisam refletir sobre o fato de que grandes setores da sociedade, antes de maioria cristã, viraram as costas à fé. De certo isso levaria a autocrítica das igrejas cristãs. E os céticos em meio a todas suas dúvidas, por mais céticas e cínicas que pareçam, são, na verdade, um conjunto de crenças alternativas.<sup>5</sup>

Sendo assim, o presente trabalho final do mestrado pretende analisar as lógicas sociais que operam no funcionamento e na atuação do pensamento pós-moderno, definindo-o e entendendo-o, a fim de dar conta de explicar, com maior ou menor consistência, a significativa projeção que ele adquiriu em meio a cultura mundial, fomentando a era da pós-verdade. Neste contexto, será apresentada uma proposição de homilética apropriada e adaptada ao ambiente da sociedade atual, onde o evangelho deve fazer sentido ao tempo hodierno sem perder a essência e o fundamento do evangelho verdadeiro.

O objetivo geral deste trabalho é investigar e propor um caminho homilético confiável para responder o problema central desta pesquisa: Em que medida a proclamação do Evangelho pode ser realizada com relevância neste contexto vivencial da pós-verdade?

O desenvolvimento desta pesquisa está estruturado em três capítulos. Em um primeiro momento, são apresentadas algumas reflexões acerca dos conceitos sobre pós-modernidade e como isso se reflete na constituição da sociedade atual, fazendo alguns recortes históricos, eventos e forças que formataram a cultura atual. O objetivo deste capítulo não é contemplar o imenso universo dos conceitos e noções dentro deste tema, mas oferecer algumas ferramentas analíticas conceituais úteis aos

---

<sup>4</sup> ADAM, 2013, p. 162.

<sup>5</sup> KELLER, Timothy. **A fé na era do ceticismo**: como a razão explica Deus. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 115-118.

leitores, para que esses, assim, possam se inteirar, ao menos, das principais definições.

No segundo momento, será abordada a noção de pós-verdade como característica da construção do discurso pós-moderno, em uma condição cultural atual em que se rejeita qualquer ideia de verdade, mas ao contrário, estipula-se tudo como relativo ou que demande ser construído conforme as vontades individuais. Estão relacionados o conceito de pós-verdade, às formas como ele reflete a homilética atual, a qual parece desviar-se radicalmente da concepção tradicional do Evangelho, que vê a palavra de Deus como uma verdade imponderável e necessária a todas as pessoas.

E por final, no terceiro capítulo propõe-se um caminho homilético confiável para responder ao problema central desta pesquisa: Em que medida a proclamação do Evangelho pode ser realizada com relevância neste contexto vivencial da pós-verdade? A intenção será propor um caminho homilético, o qual será composto por uma tríade de pontos fundantes, a qual seja, em forma de princípios, teses e orientações para um anúncio eficaz do Evangelho.

A partir dessas grandezas da comunicação e de toda pesquisa realizada, buscar-se-á constituir uma proposta arquitetônica para elaboração da prédica na era da pós-verdade. Dessa forma, este trabalho tem sua relevância na medida em que poderá contribuir para a compreensão do conceito pós-verdade, muito mencionado na mídia mundial; fornecerá aos ministros e ministras cristãs instrumentos analíticos para a compreensão cultural, bem como qualidade na formação intelectual. Tem o intuito de ser uma ferramenta para debater e compreender alguns aspectos da pregação na era atual.

Este trabalho poderá contribuir para o diálogo da teologia com a cultura. Trata-se de um diálogo inadiável, pois em muitos momentos no contexto contemporâneo a teologia é menosprezada no ambiente público. Trata-se, também, de um diálogo respeitoso, com abertura à complementaridade, sem arrogância ou pretensão de ambas as partes.

Buscar e construir uma cosmovisão de mundo que contemple a riqueza da diversidade; refletir sobre pregação e pós-verdade, de tal forma que possa ser uma ferramenta para lidar com a necessidade e com as oportunidades, na promoção do Reino de Deus e de um anúncio do Evangelho na era em que vivemos, de forma compreensível, significativa e transformadora.

Deve-se buscar o anúncio legítimo do Evangelho de Jesus Cristo conforme a cultura do nosso tempo, uma vez que a Escritura Sagrada afirma: E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo. (Rm 10.17.)<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> A BÍBLIA Sagrada. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 3. ed. Nova Almeida Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.



## **2 CARACTERÍSTICAS SOCIOLÓGICAS E SUAS RELAÇÕES COM A PÓS-MODERNIDADE**

O presente capítulo tem por objetivo expor alguns conceitos e condições analíticas que definem e marcam a constituição da sociedade atual. São desenvolvidas compreensões sobre as características sociológicas dos períodos históricos conhecidos por modernidade, pós-modernidade e, também, sobre o processo de transição de um para outro.

O objetivo da exposição não é dar conta de explicar a totalidade dos termos e conceitos que envolvem o tema, nem tampouco oferecer alguma proposição mais conclusiva acerca da questão, pois não existe consenso para tal no meio acadêmico.

Sendo assim, o objetivo do capítulo é fornecer um conjunto de informações que possa abastecer e contextualizar o leitor (ou um eventual pesquisador), de alguns dos principais termos, conceitos e proposições sobre a pós-modernidade. A partir disso, o leitor poderá ter uma compreensão mais esclarecida sobre o tema.

### **2.1 O TERMO PÓS-VERDADE SE POPULARIZA**

Ao se falar de modernidade e pós-modernidade, nesta pesquisa, toma-se como base a definição proposta pelo mestre e sociólogo Garcia Konflanz:

Quando falamos aqui em “modernidade” e “pós-modernidade” como eras sociais distintas, é importante que fique claro, que essa descrição não deve ser entendida de forma taxativa, mas simplesmente como um recurso para distinguir dois momentos históricos com características sociais diferentes. A questão da era em que estaríamos vivendo, se ela se constitui ou não como “pós-modernidade”, é uma discussão muito longa, levada a cabo pelos mais renomados intelectuais e que ainda está bem longe do fim. As exigências desse texto nos impõem a necessidade apenas de constar que existem diferenças importantes entre a primeira modernidade (aquela do século XIX e da primeira metade do século XX, marcada pelo forte industrialismo) e o cenário atual (iniciado na década de 1970 em decorrência de significativas transformações no capitalismo), e que essas diferenças, no que tange aos aspectos sociológicos, se referem a rigidez das estruturas sociais no primeiro caso, e a flexibilidade ou fluidez no segundo. Deste modo, como nosso interesse são as características sociais e não a classificação, não decorre prejuízo para o texto fazermos uso das diferentes terminologias criadas para classificar a sociedade atual, uma vez que todas elas indicam transformações

significativas ocorridas de lá para cá, independentemente da posição do autor sobre estarmos ou não na pós-modernidade.<sup>7</sup>

A modernidade e a pós-modernidade, tornaram-se objetos de interesse investigativo promovendo pesquisas e sinopses nas mais diferentes sociedades, sobre a diversidade, hábitos e costumes. Por conta das transformações que a própria modernidade experimentou, a cultura e as questões culturais avançaram como ponto central das discussões políticas e, obtiveram significativa importância como mediadores na relação de grupos. Inclusive, que o anseio de suscitar debates em torno dos temas culturais, econômicos, morais, da fé são inerentes à própria natureza da contemporaneidade.<sup>8</sup>

Entretanto, tanto o industrialismo, da era moderna, da repercussão do comunismo e da consolidação do capitalismo, da proeminência do âmbito mercantil, como a modernidade tardia ou pós-modernidade, seja no ocidente ou no oriente, como em contexto capitalista ou socialista/comunista, foram e continuam sendo períodos que atingiram fortemente as diferenças culturais, as crenças e as tradições.

### 2.1.1 O mesmo contexto que homogeneiza, suscita diferenças

Em muitos contextos, as particularidades locais foram profundamente contestadas, subjugadas e até extintas em prol – no caso do progresso técnico – do ser humano universal, da modernidade, dos estilos globalizantes do capitalismo e pela excrecência das mídias ou pelas imposições da pós-modernidade – o poder de persuasão do “politicamente correto”.<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> KONFLANZ, Celso. **A moderna tradição gaúcha**: um estudo sociológico sobre o Tradicionalismo Gaúcho. 2013. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. p. 9. Disponível em: <<https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/4715/1/448318.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2021.

<sup>8</sup> SHINN, Terry. Desencantamento da modernidade e da pós-modernidade: diferenciação, fragmentação e a matriz de entrelaçamento. **Sci. stud.**, 6 (1), Mar, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s1678-31662008000100003>>. Acesso em: 20 out. 2020.

<sup>9</sup> POLITICAMENTE CORRETO: Não é fácil definir o politicamente correto com precisão, mas é fácil de reconhecer quando está presente. Ele age em mim como o som, de quando eu era criança, da unha de um professor arranhando a lousa (quadro negro) porque seu giz era muito pequeno: isso me dava arrepios na espinha. É a tentativa de reformar o pensamento tornando algumas coisas indizíveis; também é a obscena, para não dizer intimidadora, demonstração de virtude (concebida como a adesão pública às visões ‘corretas’, isto é, ‘progressistas’) por meio de um vocabulário purificado e de sentimentos humanos abstratos. Contradizer tais sentimentos, ou não usar tal vocabulário, é colocar-se fora do grupo de homens civilizados (ou deveria eu dizer ‘pessoas’?). Theodore Dalrymple. In: PONDÉ, Luiz Felipe. **Guia Politicamente Incorreto da Filosofia**. São Paulo: Leya, 2012. p. 8.

A industrialização e a técnica<sup>10</sup>, a burocracia, a democracia e o estado-nação, bem como os produtos, os estilos de vida modernos, o consumismo, as marcas e todo o conjunto de efeitos da globalização e da mídia (entendida aqui como os meios de comunicação hegemônicos, de massa), se estenderam e se intensificaram por todo o mundo e homogeneizaram práticas e hábitos. [...] Observa-se então duas tendências quase que paradoxais concorrendo no mesmo cenário: uniformização e pluralização. A própria condição da globalização econômica e cultural e da homogeneização das práticas e hábitos, que aniquilam a diversidade, causam, por vezes, reações e conflitos, assim como a necessidade de diferenciação entre os grupos. Estes calcados, justamente, em signos e emblemas pretensamente recuperados do passado. E assim, nesta era, no momento em que a diferença é apagada pelo efeito da globalização, emerge a necessidade da fabricação da diferença, da demarcação das identidades.<sup>11</sup>

O paradigma civilizatório do capitalismo midiático globalizante se impôs ferozmente tanto sobre as regiões periféricas dos próprios países ocidentais como sobre as outras regiões do globo, modificando substancialmente as formas de vida de quase todas as comunidades e sociedades. Alguns efeitos mais percebidos dentro da efervescência da globalização, é a polarização no quesito política e religião, que suscita descrédito e desconfiança. A globalização fomenta o crescimento de um espírito cético, relativista e profundamente individualista, com marcas de hostilidade às crenças, em especial a exclusividade salvífica pregada pela fé cristã.<sup>12</sup>

### 2.1.2 O passado e o presente: a globalização em detrimento das particularidades

O fato é que não há possibilidade de contato direto com o passado, mas pode-se analisar os acontecimentos, que estão registrados em documentos, mídias ou por aquilo que nos foi transmitido em tradições por homens e mulheres, cujas memórias são falíveis e que estavam a serviço de interesses pessoais e faccionários. Dados históricos que fomentaram o universo no qual estamos inseridos e vivemos. Em outras

---

<sup>10</sup> INDUSTRIALIZAÇÃO é processo histórico que teve como marco o advento da máquina a vapor, quando a indústria passa a dominar a economia, impulsionando a urbanização e o crescimento demográfico no seu entorno. Esse processo modificou também todas as relações sociais e econômicas. De fato, a industrialização começou com a Revolução Industrial, que teve seu berço na Inglaterra durante o século XVIII, quando as mudanças tecnológicas, o acúmulo de capitais pela burguesia e fenômenos como o cercamento dos campos, que levou os trabalhadores para as áreas urbanas, permitiram o estabelecimento da economia de mercado, bem como do sistema capitalista. POLANYI, Karl. **A Grande Transformação**: as origens políticas e econômicas de nossa época. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto. 2021.

<sup>11</sup> KONFLANZ, 2013, p. 9.

<sup>12</sup> KELLER, 2015, p. 19-29.

palavras, deve-se buscar entender como foi formatado o *Zeitgeist*<sup>13</sup> que busca direcionar nosso viver.

Transformações globais que nos autorizam falar do surgimento de um novo *regime de cultura*, estruturalmente diferente, não dando continuidade a sistemas e valores tradicionais que perduraram em períodos ou eras anteriores, como na Idade Média.

Vive-se na atualidade o imperialismo de uma Cultura-mundo, a qual “designa a espiral da diversidade das experiências consumistas e ao mesmo tempo um cotidiano marcado por um consumo cada vez mais cosmopolítico”.<sup>14</sup>

Uma Cultura-mundo que fragmenta na individualização dos seres e dos modos de vida, onde há polos que forçam uma unificação global, como da diversificação social, individual e mercantil, longe de ser uma cultura mundial una e reunificada, denota um mundo instável e imprevisível, numa caótica ordem mundial, marcada por conflitos, fanatismos identitários ou ideológicos, terrorismos, a delinquência informática, etc.

A percepção que se tem, é de que quanto mais “as sociedades se aproximam, mais se desenvolve uma dinâmica de pluralização, de heterogeneização e de subjetividade”.<sup>15</sup>

### 2.1.3 Os temas culturais ganham importância na pesquisa

A modernidade e a pós-modernidade tornaram-se objetos de interesse investigativo, promovendo pesquisas e sinopses nas mais diferentes sociedades sobre a diversidade, hábitos e costumes.

Por conta das transformações que a própria modernidade experimentou, a cultura e as questões culturais avançaram como ponto central das discussões políticas e obtiveram significativa importância como mediadores na relação de grupos.

---

<sup>13</sup> ZEINGEIST: Foi usado pelo filósofo alemão Johann Herder no fim do século XVIII para criticar a arte que não respeitava, ou não dialogava, com o “espírito do seu tempo” – é esse o significado da expressão. In: BARBOSA, Mariana. **Pós-verdade e fake news**: Reflexões sobre a guerra de narrativas. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 69.

<sup>14</sup> LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo**: Resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 15.

<sup>15</sup> LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 16.

Inclusive, o anseio de suscitar debates em torno dos temas culturais, econômicos, morais, da fé são inerentes à própria natureza da contemporaneidade.<sup>16</sup> Para tal, observa-se que os temas culturais receberam grande espaço e importância permanente nos períodos históricos da era moderna e, especialmente, da pós-moderna.

#### **2.1.4 As crenças são contestadas**

O paradigma civilizatório do capitalismo midiático globalizante se impôs ferozmente tanto sobre as regiões periféricas dos próprios países ocidentais como sobre as outras regiões do globo, modificando substancialmente as formas de vida de quase todas as comunidades e sociedades.

Alguns efeitos mais percebidos dentro da efervescência da globalização, é a polarização no quesito política e religião, que suscita descrédito e desconfiança. A globalização fomenta o crescimento de um espírito cético, relativista e profundamente individualista, com marcas de hostilidade às crenças, em especial a exclusividade salvífica pregada pela fé cristã.<sup>17</sup>

#### **2.1.5 O mundo do pós-guerra: a globalização em detrimento das particularidades**

As atrocidades acontecidas na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) acionam uma reação. É no pós-guerra que se faz a saída da esfera nacional para a internacional, construindo-se um sistema normativo internacional de proteção aos direitos humanos, concretizado na assinatura da Carta das Nações Unidas, onde, claramente, o coletivo (no estado microrregional) perde força e potencializa-se o indivíduo (no estado macro – sem fronteiras).

Evidencia-se a revitalização das identidades coletivas que eram herdadas, por uma hiper modernização do mundo que prossegue, remodelado pelas lógicas do individualismo e do consumismo. De certa forma, estas lógicas condicionam o cenário

---

<sup>16</sup> SHINN, 2008.

<sup>17</sup> KELLER, 2015, p. 19-29.

para o início da fragmentação dos núcleos duros das sociedades, por exemplo, a diluição da célula mater, a família.<sup>18</sup>

## 2.2 A MODERNIDADE SÓLIDA E AS CARACTERÍSTICAS ESTRUTURANTES

Quanto à vida social, na modernidade, devido às circunstâncias, ela pôde ser considerada estruturalmente sólida, dura, pois mesmo propondo novas visões de mundo, novas instituições e, por fim, novas estruturas, elas possuíam a mesma rigidez social de outras épocas. De certa forma, as culturas locais prevaleciam diante das inovações tecnológicas e de trabalho. “O indivíduo passou a ser localizado e definido no interior dessas grandes estruturas e formações sustentadoras da sociedade moderna”.<sup>19</sup>

A sociedade moderna formatou a ordenação social na ideologia positivista de mundo. Segundo Giddens<sup>20</sup>, os filósofos do iluminismo e o marxismo, acreditavam que a racionalidade poderia moldar a história, pela compreensão, e, assim, tornar o mundo previsível, livre da subjugação da religião, teorias que não se concretizaram.

O aparelho produtivo ordenado, em massa, o sistema do fordismo<sup>21</sup>, com delimitações, divisões, a marcação, a função, enfim, o locus de cada um com suas devidas atribuições no conjunto da empresa, são características que se espalharam no modo de ser para todos os campos da vida social.<sup>22</sup>

Acreditava-se que pelo maior desenvolvimento da ciência e da tecnologia o mundo iria se tornar mais estável e ordenado. Uma ordem e progresso com nítidos limites entre as coisas públicas, com uma distinção clara entre dentro e fora do privado. Para a contínua evolução da sociedade, essa foi uma ideia de humanidade,

---

<sup>18</sup> JUBILUT, Liliana Lyra; LOPES, Rachel de Oliveira (Orgs.). **Histórico e mitos da Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2018. p. 29-39. Disponível em: <<https://www.unisantos.br/wp-content/uploads/2018/12/DIREITOS-HUMANOS-E-VULNERABILIDADE-E-A-DECLARAÇÃO-UNIVERSAL-DOS-DIREITOS-HUMANOS.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2021.

<sup>19</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2002. p. 30.

<sup>20</sup> GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record. 2003. Original 1999. p. 13.

<sup>21</sup> “O fordismo surgiu com o objetivo de sistematizar a produção em massa. Criado em janeiro de 1914, pelo norte-americano Henry Ford, o sistema foi um marco no mercado automobilístico da época, pois reduziu o tempo de produção e o custo dos veículos”. **Educa Mais Brasil**, 29 abr. 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/fordismo>. Acesso em: 16 mai. 2022.

<sup>22</sup> GIDDENS, 2003, p. 13-14.

construída para tentar buscar um mundo sistematicamente organizado, hierarquizado, unificado, com apenas uma forma de pensar.<sup>23</sup>

### **2.2.1 Emergência da pós-modernidade: a sociedade líquida e a centralidade do consumo**

Em meio ao processo de transformação do espírito da época, instauraram-se condições que forjaram o novo momento histórico. O campo social é transformado, assim como aconteceu com a esfera produtiva, diz Sébastien Charles:

De 1880 a 1950, os primeiros elementos que depois explicarão o surgimento da pós-modernidade se colocam pouco a pouco em cena, respondendo ao aumento da produção industrial (taylorização), a difusão de produtos possibilitada pelo progresso dos transportes e da comunicação e, posteriormente, ao aparecimento dos métodos comerciais que caracterizam o capitalismo moderno (marketing, grandes lojas, marcas, publicidade).<sup>24</sup>

As estruturas sociais foram liquefeitas a partir da instauração da acumulação flexível, como as lógicas fluidas se transferiram da esfera produtiva para a social. Vale destacar o papel do consumo de bens supérfluos nas camadas sociais nesse processo, principalmente após a Segunda Guerra, como carro chefe a grande democracia “americana”, geradora de tantos sonhos. Em resumo, a tarefa dos indivíduos livres era usar sua nova liberdade para encontrar o nicho apropriado e ali se acomodar e adaptar: seguindo fielmente as regras e modos de conduta identificados como corretos e apropriados para aquele lugar.<sup>25</sup>

Pode-se dizer que o consumo, tendo como mola propulsora a consagração da concepção consumista e da difusão de seus valores centrados no individualismo, no hedonismo, no presenteísmo etc. modificou a superestrutura ou a disposição social vigente, portanto, foi o elemento central do processo pelo qual a sociedade passou de rígida para flexível.<sup>26</sup>

Resumidamente, pode-se dizer que o consumo, tendo como mola propulsora a consagração da concepção consumista e da difusão de seus valores centrados no individualismo, no hedonismo, no presenteísmo, etc. modificou a superestrutura ou a

---

<sup>23</sup> GIDDENS, 2003, p. 24-36.

<sup>24</sup> SÉBASTIEN, Charles. In: LIPOVETSKY, 2004.

<sup>25</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 9-13.

<sup>26</sup> BAUMAN, 2001, p. 11-15.

disposição social vigente, portanto, foi o elemento central do processo pelo qual a sociedade passou de rígida para flexível.

A partir disso, o sujeito, assim reformulado, torna-se o senhor da realidade, nominando aspectos segundo seu bel-prazer. Pulverizado com uma nova mentalidade. A qual é proporcionada em grande parte da formatação recebida nas universidades mundo a fora, onde os ataques ferinos à religião são desferidos quase exclusivamente a fé cristã. Uma forte intervenção na vivência do ser para o tornar-se, constata-se na rejeição das doutrinas e o ataque à fé cristã. Há uma popularização da morte de Deus. A ideia da inexistência de Deus agora permeia, de forma explícita ou implícita, quase todas as principais das universidades seculares. Com isso instaura-se um vazio no coração de nossa cultura mundo.<sup>27</sup>

O indivíduo pós-moderno vive um processo de fragmentação, em que as novas organizações sociais e as novas tecnologias o levam em direção a referenciais híbridas.<sup>28</sup> Bauman reforça que, nesta sociedade líquido-moderna dos consumidores, cada membro individual é instruído, treinado e preparado para buscar a felicidade individual por meios de esforços individuais. Portanto, uma sociedade que vive a liquidez num mundo volátil, ambientes voláteis, com conceitos voláteis.<sup>29</sup>

O sujeito pós-moderno não está avesso à fé. Há uma crescente busca por espiritualidade, mas esta não escapa da mercantilização. Chegamos a um momento cultural totalmente diverso, em que tanto céticos quanto os crentes sentem que sua existência se encontra ameaçada.

Há um crescimento líquidos importante para ambos os lados. O fato é que há um engajamento subjetivo dos indivíduos, observando a bricolagem de crenças, de neomisticismo, de afetivização do crer e da crença sem vínculo. *Com a desinstitucionalização do religioso, o momento é da individualização, da dispersão, da emocionalização das crenças e das práticas.*<sup>30</sup>

Sem dúvida, o acima mencionado não demonstra menos desejo de realização do sujeito pós-moderno, que, *insatisfeito apenas com a posse material, confere ao espiritual toda importância que lhe cabe.*<sup>31</sup>

---

<sup>27</sup> CARSON, 2015, p. 22-25.

<sup>28</sup> CASTELLS, M. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

<sup>29</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 68.

<sup>30</sup> LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 134.

<sup>31</sup> LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 135.

### 2.2.2 O sujeito pós-moderno

Com as características da sociedade pós-moderna, o sujeito, assim reformulado, torna-se o senhor da realidade, nominando aspectos segundo seu bel-prazer. O contexto atual tem se mostrado um mundo em contínua construção, regido por leis probabilísticas, e não mais uma espécie de autômato. As pessoas são conduzidas de um mundo do 'ser' para um mundo do 'tornar-se'.<sup>32</sup>

O sujeito pós-moderno vive uma ideia líquida moderna de autorrealização cada vez mais acelerada e revisionista. Flexibilidade, não coerência; uma disposição em mudar a jornada existencial, e não fixação em crenças e hábitos adquiridos. Pois, este sujeito vive um processo de fragmentação, de identidade politizada, de descentramento do sujeito, a qual promove as crises de identidade.<sup>33</sup>

Bauman salienta que este sujeito hodierno se tornou imediatista e cético, que busca por prazer a qualquer preço. Um sujeito individualizado, com uma subjetividade diferente do indivíduo moderno, uma vez que a cultura se metamorfoseou, de um viés de ordem, para uma cultura dominada pelo hedonismo e pela ditadura da eficiência.<sup>34</sup>

### 2.2.3 Relativismo cultural

Aspecto próprio da pós-modernidade, o relativismo cultural está incluso na pós-verdade. É um conceito pertinente de perspectiva antropológica que se opõe à definição de culturas como superiores ou inferiores. Ou seja, cada grupo social possui uma cultura específica (sistemas culturais) que só pode ser analisada a partir de seus próprios códigos. Os sofistas podem afirmar que não há verdades, mas tudo é relativo. Sabemos que isso não se sustenta para todos os âmbitos da existência e mundo. Segundo Enrique Rojas, o relativismo se apresenta como um novo código de ética.

Tudo depende, qualquer coisa pode ser positiva ou negativa, não há nada absoluto, nem totalmente bom nem mau. Evidencia-se uma tolerância, em que nascem a indiferença e o ceticismo. A verdade, para o relativismo, é algo que está em constante mudança, que se move de um lado para o outro, segundo o juízo de cada um. O autor alerta que isso emerge um ser humano pessimista, desiludido, indiferente à verdade por comodismo, sem se aprofundar em questões importantes. O certo e errado configuram-se por formatações midiáticas ou pelo fluxo da maioria. Dessa forma, o ser humano

<sup>32</sup> BAUMAN, Zygmunt; RAUD, Rein. **A Individualidade Numa Época de Incertezas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. p. 9.

<sup>33</sup> HALL, 2003, p. 18-21.

<sup>34</sup> BAUMAN; RAUD, 2018, p. 20-25.

torna-se frio, neutro, sem compromisso e, centrado no relativismo, sofre uma espécie de melancolia, vivendo a condição de objeto manipulado, dirigido e tiranizado por estímulos deslumbrantes. O “deus de si”, pautado pelo “eu desejo e ninguém tem nada com isso”, descobre cada vez mais que não consegue manter-se livre e feliz simplesmente pela liberação de seus instintos e desejos narcísicos.<sup>35</sup>

Por esta ação direta na formatação do indivíduo pós-moderno, cria-se um novo paradigma no campo das relações humanas, a necessidade de buscar entendimento e linguagem adequada para realizar uma comunicação eficaz, um novo desafio para a pregação do Evangelho.

#### 2.2.4 A imanência da modernidade e da sua sociedade industrial e mercantil

O crescimento da sociedade industrial e mercantil também fazem parte dos efeitos da modernidade ou até da pós-modernidade. E é necessário observar alguns dos inúmeros movimentos sucedidos na transição de uma era para outra. O século XVIII é primordial para essa passagem – transformação da era, pois neste período as cidades tornam-se cada vez maiores por conta da migração da população camponesa a elas.

Entrementes, a Revolução Industrial<sup>36</sup> inaugura o sistema fabril mecanizado, uma substituição do trabalho manual pelas máquinas, tornando obsoletas as fábricas com produção manufaturada. Assim sendo, acarretou na aceleração da produção de mercadorias produzidas em larga escala e na globalização.<sup>37</sup>

As indústrias demandavam cada vez mais por mão de obra especializada, grandes quantidades de matérias-primas e por mais mercados consumidores. Um efeito dominó, implicando na aceleração dos meios de transporte de pessoas e de

---

<sup>35</sup> KURZAWA, Kitty. **Verdade ou mentira?:** uma análise cristã do fenômeno das fake news. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2020. p. 31.

<sup>36</sup> REVOLUÇÃO INDUSTRIAL: Revolução Industrial, o aspecto revolucionário desse fenômeno esteve no âmbito tecnológico, por isso o advento da indústria e da produção mecanizada, ocorrido na Inglaterra do século XVIII principalmente a partir da invenção da máquina a vapor por James Watt, em 1760, caracterizou-se como revolução.

<sup>37</sup> Ponderações deste ponto feitas a partir de LINDGREN ALVES, J. A. A Declaração dos Direitos Humanos na Pós-Modernidade. **DHnetDh.** Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/lindgrenalves/lindgren\\_100.html](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/lindgrenalves/lindgren_100.html)>. Acesso em: 19 abr. 2022; CARBONARI, Paulo. Globalização e Direitos Humanos: identificando desafios. **DHnetDh.** Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/carbonari/carbonari\\_t03\\_global\\_dh.htm](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/carbonari/carbonari_t03_global_dh.htm)>. Acesso em: 19 abr. 2022.

mercadorias, para encurtar o tempo e as distâncias geográficas ao escoar os produtos e serviços.

Com cidades cada vez maiores, subsequentemente absorvendo altas taxas da concentração e movimentação financeira, onde grandes fábricas e indústrias detinham muitos monopólios e se tornam mais poderosas que muitas monarquias, faz-se inevitável a fomentação de estados-nação.

Por conta de movimentações financeiras cada vez maiores, há um crescimento estratosférico no poder das agências bancárias, oportunizando o empréstimo bancário, políticas inflacionárias e a especulação financeira. Surgem assim os banqueiros internacionais que emprestam altas quantias de dinheiro para vários governos ao redor do mundo, com isso adquirem influência considerável nas medidas desses governos.

Nenhum governo consegue contrair grandes empréstimos se não estiver disposto a ceder alguma medida da própria soberania como garantia.<sup>38</sup> A história registra isso claramente com a Grande Depressão, quando grandes investidores financeiros obtiveram enormes lucros enquanto a bolsa Dow Jones, em Nova York desabava.<sup>39</sup>

No quesito financiar governos, podemos usar como exemplo, a famosa *Casa dos Rothschild*, fundada por Meyer Amschel Rothschild (1743-1812), do banco de Frankfurt, na Alemanha, que mantinham bancos da família em Londres, Paris, Viena e Nápoles. O século XIX foi especial para famílias como os Rothschild, J. P. Morgan, os Eaton e os Rockefeller, pois ficaram imensamente ricos financiando governos para que, no fim das contas, lutassem uns contra os outros, a tal ponto que se algum rei saísse da linha, explodiria uma guerra e ela seria decidida pelo modo como o financiamento ocorresse.<sup>40</sup>

Neste ínterim, os banqueiros internacionais se tornam uma das maiores forças manipuladoras de governos e subsequentemente de seus povos. Manipular a verdade para obter cifras monetárias, como escreveu Thomas Jefferson para John Adams: “[...] eu acredito sinceramente, como você. Que estabelecimentos bancários são mais perigosos que exércitos em prontidão”.<sup>41</sup>

---

<sup>38</sup> ALLEN, Gary; ABRAHAM, Larry. **Política, Ideologia e Conspirações**. A sujeira por trás das ideias que dominam o mundo. Tradução Eduardo Levy. Barueri: Faro Editorial. 2017. p. 43.

<sup>39</sup> ALLEN; ABRAHAM, 2017, p. 45.

<sup>40</sup> ALLEN; ABRAHAM, 2017. p. 44.

<sup>41</sup> ALLEN; ABRAHAM, 2017. p. 47.

### 2.2.5 A ascensão comunista

Outra força surge a partir das articulações políticas e filosóficas durante a Revolução Industrial, quando são escritos planos e princípios revolucionários por Adam Waishaup, fundador da Ordem dos Illuminati na Bavária. Um manual que fica em circulação por mais de 70 anos, até que o manual revolucionário é atualizado e assinado por Karl Marx e Frederich Engels, o qual foi originalmente denominado de *Manifest der Kommunistischen Partei* (Manifesto do Partido Comunista), que contém dez pontos para socializar um país.

Estes documentos foram publicados pela primeira vez em 21 de fevereiro de 1848, mais tarde, já com mais circulação, recebe o nome de O Manifesto Comunista. É, historicamente, um dos tratados políticos de maior influência mundial.<sup>42</sup>

## 2.3 A MODERNIDADE E SUAS NUANCES

É possível verificar que o Direito Internacional dos Direitos Humanos consiste em um sistema de normas, procedimentos e instituições internacionais desenvolvidas para executar esta concepção e promover o respeito dos direitos humanos em todos os países, portanto, no âmbito mundial.

O que promove a crescente mobilidade dos migrantes econômicos, intensificada pelas ações migratórias ilegais (tráfego de seres vivos) das agências extraterritoriais. Nessa ascendente migratória, a globalização promove um humanitarismo que lança responsabilidades à iniciativa privada e às organizações da sociedade civil.<sup>43</sup>

Tem-se uma indisfarçável animosidade mundial, por exemplo, com a forma como são limitados os acessos dos refugiados e imigrantes em toda Europa, em seus direitos de abrigo ou direitos de asilo. São dramas da grande migração de povos.

Se na modernidade buscava-se por estabilidade e progresso, hoje, como diz Bauman, vivemos disputas pela permissão de ser diferente, são choques e batalhas

---

<sup>42</sup> ALLEN; ABRAHAM, 2017. p. 64 e 66.

<sup>43</sup> MUNCK, Luciano. SOUZA, Rafael Borim de. A relevância do ser humano no contexto de institucionalização e legitimação do paradigma da sustentabilidade. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 1-14, julho-setembro 2009. p. 6-8. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rege/article/download/36674/39395>>. Acesso em 17 set. 2022.

cujo resultado é impossível de se prever e, em cujo caráter conclusivo, não se pode confiar.<sup>44</sup>

A busca pela utópica harmonia mundial, na busca pela vida digna a todas as pessoas, tem se mostrado cada vez mais frágil. Governos e até as Nações Unidas são pressionados pelas forças de mercado e consumo, como pelo desejo de ganhos políticos, e acabam caindo em contradição.

Um exemplo dessa fragilidade ou contradição é a violação feita aos direitos humanos pelos 171 países que assinam em Viena, no ano de 1993, os direitos da humanidade, favorecem a institucionalização do humano, pelo direito de cooperações e instituições proprietárias.<sup>45</sup>

O resultado para a contemporaneidade é uma nova interpretação da ideia dos direitos humanos básicos que estabelece, no mínimo dos mínimos, os alicerces da tolerância mútua, mas, cabe enfatizar, não chega a ponto de estabelecer os alicerces da solidariedade mútua.<sup>46</sup>

Na contemporaneidade, observa-se um mundo rapidamente individualizado, que obriga as pessoas a encontrarem suas próprias maneiras de enfrentar problemas socialmente criados.<sup>47</sup>

### 2.3.1 Globalização

O contexto em si em que estamos inseridos é reflexo das inúmeras transformações ocorridas na forma de produção capitalista durante o século XX. Agora, a globalização estabelece uma nova sociedade flexível, destradicionalizada, desinstitucionalizada, sem formas definidas ou lócus de enquadramento fixo para os indivíduos – a fragmentação da pessoa.<sup>48</sup>

---

<sup>44</sup> BAUMAN, 2013, p. 39.

<sup>45</sup> A responsabilidade da administração do social, tudo paliativo e anestésico de uma forma puramente racionalista na legitimação da marginalização de massa, a desqualificação, as inovações tecnológicas e econômicas têm custado em matéria de instabilidade, desemprego e exclusão social. Em detrimento da hegemonia privada. Os donos do mundo seguem inabaláveis, crescem cada vez mais, consecutivamente continuam sendo os que mais poluem o planeta.

<sup>46</sup> BAUMAN, Zygmunt. **A Cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 38.

<sup>47</sup> BAUMAN, 2013, p. 50.

<sup>48</sup> A temática permanece e normas e conceitos são elencados, discutidos e utilizados como ferramentas de definição, enfim, teorias são levantadas para analisar temas como: globalização, flexibilização, individualização, consumo, industrialização, mídia, etc. Elencando alguns pensadores importantes destes Zygmunt Bauman que aplica em suas análises as noções de *modernidade líquida* e *pós-modernidade*; Antony Giddens com *alta modernidade*; Ulrich Beck e a noção de *modernidade reflexiva*.

Esta é a nova era social, que flexibilizou o modo de produção nos anos de 1970, que se caracteriza pela destruição dos enquadramentos dos indivíduos em estruturas sociais rígidas como família, tradição, fábrica, papéis sociais, nação, as quais conduziam a vida social.

No contexto atual permeia a presença do capitalismo e da globalização, a qual possui uma importância *polissêmica*. Por causa de seu caráter expansionista, de acessível transnacionalidade, com transições num sentido universalista das regras liberalizantes, de integração subordinada dos países pobres, tem-se uma liberdade escravocrata de povos e culturas.

A globalização possui, portanto, um perfil ascendente na afirmação da totalidade do mercado como espaço de socialização, constituição da subjetividade, e, claro, o *Liasses Fare* de trocas econômicas.<sup>49</sup>

### 2.3.2 Homogeneização ou diversidade

A sociedade flexível, por sua vez, é moldada pelo multiculturalismo, uma forma de adequar o lugar de cada figurante do cenário social e cultural. Uma adaptação à realidade: estamos sucumbindo às novas realidades, sem questioná-las, deixamos que as coisas (as pessoas, suas escolhas e seus destinos resultantes de suas escolhas) “sigam seu próprio *curso*”.<sup>50</sup> Bauman as define como uma plethora de escolhas e um excesso de opções, oferecidas pelos *criadores de cultura*. Como resultado, o multiculturalismo, em vez ajudar as pessoas a se concentrar nas causas e raízes da incerteza que as aflige, acaba desviando delas a atenção e a energia.<sup>51</sup>

A dita cidadania proclamada pelos direitos universais acaba se resumindo em consumismo. Cidadania implica universalidade, consumo implica poder de compra. Desta forma, a dialética do mercado irrompe com o princípio fundante da cidadania e os direitos humanos deixam de ser direitos de cidadania.

O espírito reinante é a confusão promovida com o direito à livre iniciativa dos agentes econômicos. Dentro deste contexto, urge o reconhecimento da diversidade cultural e histórica, os indispensáveis ressarcimentos e *reparações* dos grupos

---

<sup>49</sup> Adalberto Cardoso. Escravidão e sociabilidade capitalista: um ensaio sobre a inércia social. **Novos estud.**, CEBRAP (80), mar, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/nec/a/rQ69pSZsgmm9ByXjVNRVGwP/?lang=pt>>. Acesso em: 09 fev. 2022.

<sup>50</sup> BAUMAN, 2013, p. 55.

<sup>51</sup> BAUMAN, 2013, p. 67.

vulneráveis historicamente excluídos, além de construir um processo sustentável. Valério Schaper ressalta:

[...] a modernidade tardia, a partir da globalização, ensaia uma nova investida. Se antes o esforço era para homogeneizar as diferenças socioculturais, a globalização heterogeneiza (segmenta e fragmenta) os cidadãos, enaltecendo a multiculturalidade, a diferença. A representação idealizada da diferença oculta a “desigualdade” no acesso aos meios que possibilitam real cidadania e a “interdição” a possibilidade de expressão cultural autêntica.<sup>52</sup>

Em outras palavras, consiste em articular a ideia de cidadania em sentido amplo e que leve em conta a diversidade das dimensões da vida humana, tendo como pano de fundo a dignidade humana. Trata-se, portanto, da recuperação do sujeito humano, pessoa real, sujeito de direitos.

Será a cultura-mundo uma real possibilidade de expressão cultural autêntica? Indubitavelmente, este é o paradoxo do condicionamento na aptidão do domínio arbitral anacrônico e maniqueísta do poder.

Em termos bíblicos, segundo a *sabedoria bíblica* dir-se-ia que: o ser humano é a coroa da criação. Nisso a dignidade é um valor *incondicional, incomensurável, insubstituível* e não admite equivalente na qualitatividade da dignidade e jamais será quantitativo, pois a qualidade é plena para cada indivíduo.

*SABEDORIA BÌBLICA: a qual considera loucura o estilo de vida proposto por esta “sabedoria secular” alheia a Deus e sua vontade. Para a sabedoria bíblica, o Deus criador nos deixou princípios e valores não para que não desfrutássemos da vida. Muito pelo contrário! Os princípios e valores de Deus nos foram dados para que em tudo nos fosse bem, em todas as dimensões da vida privada e pública.*<sup>53</sup>

Para promover a harmonia na vida social, entretanto, o ser humano é alguém em construção, para o exercício da cidadania numa postura prática de respeito ao direito alheio, um reconhecimento no outro das mesmas qualidades que definem sua humanidade dignificando o caráter próprio de *ser sujeito* na responsabilidade com a vida social. Tudo isso se aplica à esfera religiosa, como completa Bauman:

A preocupação com o “agora” não deixa espaço para o eterno nem tempo para refletir sobre ele. Num ambiente fluido, em constante mudança, a ideia

<sup>52</sup> SCHAPER, Valério Guilherme. O humano em questão: os direitos humanos como proposta social. In: VIOLA, Solon Eduardo Annes; ALBUQUERQUE, Marina Z. de (Orgs.). **Fundamentos para educação em direitos humanos**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011. p. 58-76.

<sup>53</sup> SILVA, Ricardo Agreste da. **Feito Para Durar – Relacionamentos duradouros numa cultura do descartável**. Santa Bárbara d’Oeste. SP: SOCEP, 2009. p. 17.

de eternidade, duração perpétua ou valor permanente, imune ao fluxo do tempo, não tem fundamento na experiência humana [...] A regra de “atrasar a satisfação” não parece mais um conselho sensato.<sup>54</sup>

### 2.3.3 A modernidade foi a era sólida

Quanto à vida social constata-se que na era passada, na modernidade, devido às circunstâncias, ela pôde ser considerada estruturalmente sólida, dura, pois mesmo propondo novas visões de mundo, novas instituições e, por fim, novas estruturas, ela possuía a mesma rigidez social de outras épocas. O indivíduo passou a ser localizado e definido no interior dessas grandes estruturas e formações sustentadoras da sociedade moderna.<sup>55</sup>

A sociedade moderna formatou a ordenação social na ideologia positivista de mundo, pelo viés do materialismo dialético,<sup>56</sup> o aparelho produtivo foi ordenado, em massa, o sistema do fordismo, com delimitações, divisões, a marcação, a função, enfim o *lôcus* de cada um com suas devidas atribuições no conjunto da empresa. Essas características se espalharam no seu modo de ser para todos os campos da vida social.<sup>57</sup>

Pelo maior desenvolvimento da ciência e da tecnologia, o mundo iria se tornar mais estável e ordenado. Uma ordem e progresso, com nítidos limites entre as coisas, com uma distinção clara entre dentro e fora. Pregando a contínua evolução da sociedade. Essa foi uma ideia de humanidade, construída para tentar buscar um mundo sistematicamente organizado, hierarquizado, unificado, com apenas uma forma de pensar.<sup>58</sup>

## 2.4 MULHERES EM BUSCA DE EQUIDADE: UM ELEMENTO DE MUDANÇA ESTRUTURAL NA SOCIEDADE

O século XX (relacionar com o período pós moderno) é, sem sombra de dúvidas, o século de transformação histórica que mais impactou o arranjo social, sem

---

<sup>54</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Zahar Editora: Rio de Janeiro, 2005. p.79-80.

<sup>55</sup> HALL, 2000, p. 30.

<sup>56</sup> FAUSTO, Ruy. **Marx**: lógica e política: investigação para uma reconstituição do sentido da dialética. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.35-48.

<sup>57</sup> GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record. 3º ed. 2003. Original 1999. p. 13-14.

<sup>58</sup> GIDDENS, 2005, p. 24-36.

citar um sem-número de setores e áreas da atuação humana. Uma das áreas impactadas e transformadas foram as relações de gênero.

Principalmente durante o período das duas grandes guerras mundiais nota-se toda essa reconfiguração mundial, movimento que perdura fortemente no pós-guerra, encadeando a feminização dos empregos na indústria, nas fábricas, no setor terciário e nas profissões liberais.<sup>59</sup>

A Primeira Guerra Mundial abre caminho em toda Europa para as mulheres, mesmo que forçosamente para substituírem os homens nas frentes dos trabalhos, uma vez que os homens foram enviados para o confronto nas batalhas. Houve um ingresso maciço de mulheres no mundo do trabalho para substituir um espaço antes ocupado exclusivamente por homens.<sup>60</sup>

O envolvimento central das mulheres em diversos setores antes ocupados por homens, oportunizou sua emancipação, em diferentes ritmos conforme o país. A guerra abriu portas para que mulheres pudessem lecionar em escolas masculinas, trabalhar em agências bancárias e de correios, nas fábricas e indústrias armamentistas, onde eram chamadas de *munitionnettes*.<sup>61</sup>

Antes de 1914, muitas mulheres pobres já eram operárias, mas como cada vez mais homens eram solicitados para guerra, também as mulheres das classes mais abastadas tiveram que ingressar e assumir postos no mercado de trabalho por conta da convocação feita por seus governantes.

De maneira idêntica, na Segunda Guerra Mundial, as mulheres são convocadas e sua presença maciça destaca-se como a maior na história da humanidade. Com efeito, que essa força de trabalho feminina passa a ser decisiva para continuidade da guerra, e com reflexos para o pós-guerra, pelo profundo impacto social mundial que causou.

Durante a Primeira Guerra Mundial, muitos países registram esse massivo ingresso de mulheres, como por exemplo: a Alemanha chega a registrar um acréscimo de 1,4 milhão para 2,1 milhões de mulheres em setores anteriormente mencionados. Em países como Estados Unidos e Grã-Bretanha, o número de mulheres nas fábricas chega a dobrar. Na França, as mulheres chegaram a representar 25% do total das

---

<sup>59</sup> QUÉTEL, Claude. **As mulheres na guerra 1939-1945**. Vol. 1. Tradução Ciro Mioranza. São Paulo: Larousse, 2009. p. 75-78.

<sup>60</sup> QUÉTEL, 2009, p. 76.

<sup>61</sup> GATARD, Marie. MARCIER-BERNADET, Fabienne. **Lutas de mulheres, de uma guerra para outra**. Sceaux, Esprit des livres, coll. "Imagens históricas", 2009. p. 333.

peessoas que trabalham nas fábricas. Estes números são grandemente superados durante a Segunda Guerra Mundial. Além disso, foi muito desigual – dessa vez com ingerência da ideologia – entre países do Eixo e os países aliados.<sup>62</sup>

No front, principalmente no exército, as mulheres obtiveram espaço ou foram forçosamente recrutadas para atuar como motoristas de caminhão e ambulância, engenheiras, mecânicas, enfermeiras e cozinheiras. Na indústria naval, em fábricas de armamentos e nos variados setores de produção de seus países. Algumas foram recrutadas para serem pilotos de avião. Sem esquecer que durante este período de guerra a produção agrícola e pecuária foi, na maior parte, realizada por mulheres. Diversos países alistam, convocam ou forçam as mulheres, no esforço de guerra, para trabalharem na produção agrícola.

Houve um recrutamento feminino em massa para trabalhar nas lavouras, que, muitas vezes, foi realizado voluntariamente. A URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) constitui 75% da mão de obra nos campos e lavouras. Nada diferente nos países anglo-saxônicos, britânicos, no Canadá, nos Estados Unidos, enfim, são nomeadas como agricultoras paramilitares, cujo modelo é o *Women's Land Army* (exército das agricultoras).<sup>63</sup>

Há uma personagem em moda em todos os países durante o período da Segunda Guerra Mundial, a personagem da soldadora *Rosie*, utilizada para propagandear a ideia de as mulheres trabalharem nas fábricas, seja na Alemanha nazista, na Grã-Bretanha ou no Canadá.

A propaganda do tempo de guerra é empregada para inculcar na população a imagem então inabitual, e até chocante, da mulher na fábrica. É o caso especialmente dos Estados Unidos, onde o todo-poderoso OWI (*Office of War Information*) decidiu promover essa imagem sob seu aspecto mais duro e mais inesperado: a mulher que faz solda em arco com segurança e competência. E aí está *Rosie the Riveter* do célebre pintor e ilustrador Norman Rockwell. Rapidamente “Rosie” vai se substantivar e serão chamadas *Rosie* todas as mulheres que trabalham nas fábricas.<sup>64</sup>

A guerra reconfigura todo universo feminino ocidental. Mulheres constituem uma infinidade de novas funções, como as anteriormente mencionadas, além disso, assumem serviços voluntários de socorro e assistência à população após bombardeios aéreos, vigilância de incêndios, mensageiras de emergência (com

---

<sup>62</sup> QUÉTEL, 2009, p. 78.

<sup>63</sup> QUÉTEL, 2009, p. 98.

<sup>64</sup> QUÉTEL, 2009, p. 96.

bicicletas ou motocicletas), operadoras de metralhadoras na defesa antiaérea, serviços policiais regulares ou auxiliares e correspondentes de guerra. Interessante é o depoimento de uma responsável pelo recrutamento no Ministério do Trabalho britânico, ela escreve:

Vi muitas mulheres se rejubilarem ao se darem conta de que elas podiam fazer tudo aquilo de que eram consideradas incapazes e apreciavam muito poder aprender a servir-se de suas mãos. As mulheres muito idosas por sua vez, descobriam que eram necessárias. Éramos todas necessárias, precisavam de nós e o país não podia prescindir de nós. De minha parte, minha confiança em mim mesma aumentava à medida que abordava atividades que me eram totalmente novas.<sup>65</sup>

Conforme o adágio popular: Nem tudo na vida são flores! A “demanda” dos exércitos durante a Segunda Guerra Mundial possibilitou que uma das mais antigas profissões do mundo, a prostituição, ganhasse espaço. Os exércitos ou clientes institucionais configuram-se das mais diversas formas. O exército alemão, por exemplo, tem em relação à prostituição, ideias muito regulamentadas (um comércio bem balizado), com seus bordéis policiais ou militares contratados e medicamente controlados, isto é, decentes (*anständigkeit*) a fim de ter um local que ofereça condições dignas para relações sexuais.<sup>66</sup>

A França se destaca como o epicentro da prostituição, pois oferece o serviço da prostituição profissional para as tropas alemãs. Para o exército americano, oferece o serviço de forma clandestina, uma vez que não é aprovado pelo comando americano, e distribui para seus homens preservativos juntamente com cigarros e chicletes. Essa falta de controle sanitário ocasiona a elevação das taxas de doenças venéreas seis vezes mais altas nos soldados americanos, do que entre ingleses ou canadenses. A França é considerada *o centro do tráfico internacional de prostitutas*, um *antro de prostituição*, cujos proxenetas foram por muito tempo os judeus.<sup>67</sup>

Essa atitude hipócrita mercantil favorece todo tipo de atrocidades não só durante a guerra, similarmente, no pós-guerra, os excessos acontecem, os estupros, exploração da miséria, onde um soldado deita-se com uma jovem, mesmo não sendo prostituta, em troca de dois pacotes de cigarro ou uma caixa de ração. Em países como a Alemanha ou a *Áustria*, em meio as suas ruínas e de uma atmosfera de fim

---

<sup>65</sup> QUÉTEL, 2009, p. 101.

<sup>66</sup> QUÉTEL, 2009, p. 100-102.

<sup>67</sup> QUÉTEL, 2009, p. 104.

de mundo, encontram-se o maior número de prostitutas ocasionais. Em meio a toda fome e destruição pode-se falar ainda de prostitutas? Em 1945 e nos anos seguintes, essas mulheres, geralmente muito jovens, eram denominadas *chocolate girls*.<sup>68</sup>

Vale mencionar que, principalmente para o ocidente, as duas grandes guerras elevaram o valor social do trabalho feminino, entretanto a remuneração das mulheres se manteve menor que a dos homens, mesmo que executassem a mesma atividade. As mulheres na guerra, reconstituem sua ação, independente se estavam no trabalho doméstico, na frente de batalha ou no mercado de trabalho pelo trabalho pesado no campo ou nas fábricas, elas vivem o conflito mundial. Mesmo que o valor de sua contribuição não tenha sido reconhecido.

Mesmo contendo poucos registros históricos, é possível resgatar a atuação das mulheres, mesmo que estivessem ou fossem postas distantes dos grandes acontecimentos da história. Na maioria das vezes, ocupam ou ocuparam um lugar secundário, no espaço privado ou dos fatos históricos. Em virtude disso, ocorre o surgimento e persistência do movimento feminista. Indubitavelmente foram notáveis as transformações ocorridas ao longo do tempo no âmbito do movimento feminista. Conseqüentemente uma evolução política e ideológica, produto da respectiva condição histórica.

O movimento politizou-se, integrando questões de caráter crítico e de reivindicação de direitos de equidade entre mulheres e homens. Vale destacar a inglesa Katherine Wilson Sheppard (1847-1934), que liderou o movimento sufragista feminino na Nova Zelândia. Ela comandava *A União de Temperança Cristã da Mulher* (WCTU)<sup>69</sup>, investindo em campanhas e projetos de sufrágio encaminhados ao Parlamento, o qual, finalmente concedeu às mulheres o direito ao voto em 1893. Portanto, Nova Zelândia se tornou o primeiro país a garantir o direito político às mulheres.

Cabe ainda mencionar o dia 08 de março como o Dia Internacional da Mulher, data oficializada pela ONU em 1975. Essa data conquistada é o reconhecimento da luta por décadas no engajamento político das mulheres, das mulheres trabalhadoras ou movimento das operárias.<sup>70</sup>

---

<sup>68</sup> QUÉTEL, 2009, p. 104.

<sup>69</sup> GOLDMAN, Wendy. **Mulher, Estado e Revolução**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015. p. 47.

<sup>70</sup> Dia Internacional da Mulher foi tinha sido proposto e requerido em Copenhague, capital da Dinamarca, no ano de 1910, realizou-se o II Congresso Internacional de Mulheres Socialistas,

### 2.4.1 A revolução comunista e o projeto feminista de esquerda

O movimento feminista desde seus primórdios tem uma aproximação com partidos e movimentos de esquerda política. Para tanto, vale fazer um recorte e registrar que no dia 08 de março de 1917 foi registrado como um dia histórico, no grande feito de mulheres operárias e das milhares de mulheres que serviam no exército russo na Primeira Guerra Mundial, que preconizaram a Revolução Bolchevique.<sup>71</sup> Exceto as mulheres da segunda companhia do 10º batalhão, que permaneceram na região de Petrogrado para defender o Palácio de Inverno contra os bolcheviques, mas foram vencidas, estupradas e dizimadas pelos revoltosos bolcheviques no dia 25 de outubro de 1917. Será esta a verdade dos fatos históricos contidos nos livros de história?

Como trata-se de um recorte e uma indagação, vale lembrar que, em março de 1917, planejadores resolutos colocaram em movimento as forças que compeliram o czar Nicolau II a abdicar.<sup>72</sup> Mas, antes, em 1905, Vladimir Lenin e Leon Trotsky haviam fracassado ao tentar derrubar o czar. Nisso, Lenin foi exilado na Suíça e Trotsky em Nova York, onde trabalhava como repórter num jornal comunista.

Agora em 1917, o cenário estava pronto para a “revolução” ter êxito, ou seja, era primordial que Lenin e Tróski retornassem. Para tanto, alguns poderosos financeiros, como o Estado Maior alemão, Max Warburg, Alexander Helphand enviaram Lenin pela Europa em guerra no famoso “trem selado”, carregado com aproximadamente 5 milhões a 6 milhões de dólares em ouro. Já por Nova York, famílias como os Rockefeller, de Jacob Schiff, os Rothschild, J. P. Morgan, William Wiseman, a família de banqueiros como os Kuhn e os Loeb e mais uma associação de banqueiros internacionais, embarcam Tróski e mais uma comitiva de 275 revolucionários no S. S. Chistiana, em 27 de março de 1917.<sup>73</sup> Os bolcheviques não eram uma força política visível quando o czar abdicou. E eles chegaram ao poder não

---

segurado pela Internacional Comunista. Neste evento foi proposta a criação de um Dia Internacional da Mulher, ainda que, sem estipular uma data específica.

<sup>71</sup> Wendy Goldman menciona a importância do papel que as mulheres tiveram em toda mobilização junto as fábricas e seus operários, para preparar o contexto no apoio aos revoltosos bolcheviques. A mobilização do proletariado para ascensão ao poder. In: GOLDMAN, 2015. p. 53 - 62.

<sup>72</sup> ALLEN. ABRAHAM, 2017, p. 72.

<sup>73</sup> ALLEN; ABRAHAM, 2017, p. 73.

porque as massas oprimidas da Rússia os chamaram de volta, mas porque homens muito poderosos na Europa e nos Estados Unidos os enviaram para lá.<sup>74</sup>

É válido salientar que as mulheres operárias fizeram barulho para desviar a atenção, marcharam pelas ruas abrindo caminho, enfrentando o exército czarista, vários motins se sucederam, provocaram colapsos no sistema de transportes, que cortou o suprimento de alimentos para a cidade de Petrogrado (atual São Petersburgo) e levou ao fechamento de fábricas. Esse movimento feminino ajudou a conquistar Petrogrado e auxiliou Lenin (Vladimir Ilyich Ulianov) a chegar ao poder (1917-1924).<sup>75</sup>

Num primeiro instante, uma dezena de mulheres esteve à frente do primeiro governo da Revolução de 1917, assumiram funções como ministras, diretoras e responsáveis por instituições do governo. Imediatamente foram aprovadas leis que garantiram o direito às mulheres de votar, estabelecimento de igualdade entre os cônjuges, a legalização do divórcio, aborto, da licença maternidade e a socialização do trabalho doméstico, como ato de libertação das mulheres.

Sob a lei soviética, o feto não era considerado pessoa com direitos. Evidentemente tais leis promoveram profundas transformações em relações familiares “[...] e maior autonomia das mulheres de uma extensão que até então nunca havia ocorrido”.<sup>76</sup>

O trabalho realizado de forma gratuita pelas mulheres em casa, passaria a ser realizado por profissionais assalariadas em restaurantes comunitários, lavanderias públicas e creches. Infelizmente, em um curto espaço de tempo, houve a revogação de grande parte dos direitos conquistados pelas mulheres. O governo bolchevique tratou logo de sufocar qualquer chance deste assunto chegar na grande mídia da época.

A historiadora estadunidense Wendy Goldman, destaca que o objetivo dos bolcheviques não era o fim do trabalho doméstico, era apenas uma forma, por meio das condições do socialismo, de alcançar a extinção da família, pelo menos como figura jurídica. Os bolcheviques acreditavam que a família baseada na dependência financeira e na coerção desapareceria.

---

<sup>74</sup> ALLEN; ABRAHAM, 2017, p. 75 - 87.

<sup>75</sup> GOLDMAN, 2015, p. 54.

<sup>76</sup> GOLDMAN, 2015, p. 55.

Goldman salienta que os ideais de emancipação da mulher e amor livre inspiraram o movimento feminista ocidental. A agenda revolucionária passa a fazer parte da agenda dos partidos de esquerda, dos protestos, greves, do movimento feminista<sup>77</sup> e das associações de mulheres na Europa e nos Estados Unidos, e, sucessivamente, em todos continentes.

## 2.5 A EXACERBAÇÃO DOS VALORES DE CONSUMO: O CAMINHO PARA O INDIVIDUALISMO E O HEDONISMO

Tendo em vista as considerações anteriores, observa-se a maneira pela qual a difusão da concepção consumista e da liberdade midiática causou o enfraquecimento ou mesmo o desmantelamento das estruturas sociais rígidas da modernidade clássica, por meio da ascensão ou da exacerbação de valores como, principalmente, o individualismo e o hedonismo, despertados, justamente, pelas práticas extremadas de consumo.

Sendo assim, faz-se necessário dizer que, para compreender as transformações superestruturais da sociedade que poriam fim a ordenação de mundo anterior e inaugurariam a sociedade líquida da pós-modernidade, é necessário observar como se puseram e se exacerbaram esses valores no novo contexto.<sup>78</sup>

Deste modo, primeiramente deve-se considerar que há um entrelaçamento intrínseco entre individualismo e hedonismo no que se refere ao seu desenvolvimento a partir do ato do consumo. Ou melhor, o ato de consumir, desenvolve ou difunde simultaneamente esses dois valores no sujeito consumidor.<sup>79</sup>

Então na medida em que se instalava, se consolidava, se aprimorava, a capacidade de ofertar novidades e seduções de consumo aos sujeitos, esses valores foram sendo aguçados na consciência destes, e assim, neste mesmo passo, foram

---

<sup>77</sup> MOVIMENTO FEMINISTA OU FEMINISMO: é um movimento social por direitos civis, protagonizado por mulheres, que desde sua origem reivindica a igualdade política, jurídica e social entre homens e mulheres. Sua atuação não é sexista, isto é, não busca impor algum tipo de superioridade feminina, mas a igualdade entre os sexos. A palavra feminismo foi usada pela primeira vez na primeira metade do século XIX pelo filósofo francês e teórico do socialismo utópico **Charles Fourier** (1772-1837), autor do livro “Teoria dos quatro movimentos”, no qual afirma que o progresso da sociedade como um todo tem como pré-condição a conquista de direitos pelas mulheres. REZENDE, Milka de Oliveira. O que é feminismo? **Mundo Educação**. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/o-que-e-feminismo.htm>>. Acesso em: 09 jul. 2021.

<sup>78</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 30 - 38.

<sup>79</sup> BAUMAN, 2008, p. 35-37.

também sendo desfeitas as estruturas sociais fundadas em tradições, enquadramentos e grandes projetos ideológicos e se impondo uma sociedade destituída de todos estes postulados e orientada exclusivamente pelas lógicas do consumo. Consumo no sentido amplo do termo (bens, prazeres, físico, espiritual, entre outros).

No que se refere ao desenvolvimento do individualismo, podemos dizer que é justamente a proliferação da concepção consumista que incentiva o espírito individualista nos sujeitos. Ou seja, a partir da circunstância do consumo se por natureza um ato essencialmente individual e privado – tendo em vista a condição de que na escolha de um produto.

Entrementes, no ato do consumo, a vontade individual tem um peso muito grande para quem escolhe – então podemos afirmar que, na medida em que se espalha pelo corpo social a cultura do consumo, se estará do mesmo modo implantando o princípio da predominância da vontade individual sobre a coletiva e assim germinando um espírito individualista nos sujeitos.

E, justamente, por esta condição histórica de predominância do consumo e as consequências sociais disso que foi possível completar o projeto de emancipação individual iniciado nos primórdios da era moderna. Ou seja, a partir da dilatação do consumo, nos fala Lipovetsky, surge uma nova cultura do indivíduo.<sup>80</sup>

Houve todo um conjunto de “obstruções” que mantiveram ou surgiram e que travaram o processo de autonomização individual implicado pelos novos princípios de base. A ordem familiar, as ideologias revolucionárias e nacionalistas, a compartimentação disciplinar, a moral autoritária e normas sexistas foram outros tantos dispositivos coletivos que contrariaram a afirmação total e completa do princípio de individualidade.<sup>81</sup>

### **2.5.1 A sociedade do consumo: o fim das estruturas coletivas**

Constitui-se, desta forma, a cultura do indivíduo, a sociedade do consumo. Zygmunt Bauman salienta a gradual transformação da sociedade moderna de produção em uma sociedade de consumidores. Uma nova organização social, os indivíduos se tornam ao mesmo tempo produtores de mercadorias e também as

---

<sup>80</sup> LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 46.

<sup>81</sup> LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 47.

próprias mercadorias que promovem.<sup>82</sup> E todos existindo no mesmo espaço social que habitualmente descrevemos como *Mercado*.

As atitudes e padrões de conduta consumistas impactam diretamente diversos setores da vida social: democracia e política, comunidades e parcerias, estratificação e divisão social, produção e uso de conhecimento, construção de identidade, adoção e propagação de valores.

Pode-se dizer que o “consumismo” é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, “neutros quanto ao regime”, transformando-os na *principal força propulsora e operativa* da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de autoidentificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais. O “consumismo” chega quando o consumo assume o papel-chave que na sociedade de produtores era exercido pelo trabalho.<sup>83</sup>

Contudo, na medida em que o consumo se alastrava, estabeleceu-se um contexto que tornaria possível a superação desses obstáculos. O consumo exagerado foi impondo aos poucos as lógicas individualistas, fazendo preponderar o projeto individual sobre o coletivo, e deste modo, tanto os grandes projetos ideológicos, religiões, como os enquadramentos ou instituições de cunho coletivo em que indivíduos estavam inclusos, se localizaram e se orientavam, foram afetados e enfraqueceram frente essas novas lógicas exacerbadas do individualismo.

Deste modo, na mesma medida em que se proliferaram o consumo e os valores individualistas, foi desaparecendo, em grande medida também, o que tradicionalmente funcionava como freio à individualização foi amplamente dissipado.<sup>84</sup> E assim foi se impondo o individualismo como valor dominante. Em poucas palavras, toda realidade depende do sujeito, e este, agenciado pela influência da sociedade de consumo.

### **2.5.2 A teologia da prosperidade**

Vale observar a dinamicidade de ação do consumismo, das diferentes esferas públicas e privadas afetadas por seu apetite insaciável. Sua persuasão conseguiu

---

<sup>82</sup> BAUMAN, 2008, p. 38.

<sup>83</sup> BAUMAN, 2008. p. 41.

<sup>84</sup> LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 48.

adentrar e influenciar significativamente em instituições anteriormente consideradas fechadas, inclusive as instituições religiosas e práticas religiosas foram afetadas pelas lógicas hedonistas e individualistas do mercado e do consumo. Refere-se aqui às igrejas cristãs, que sofreram transformações no campo teológico pela contemporaneidade midiática, fomentando o surgimento de novas práticas religiosas e de consumo religioso.<sup>85</sup>

Impulsionado pelo consumismo, nasce um novo nicho na religiosidade cotidiana. No Brasil, especificamente no meio acadêmico, é conhecido como a Teologia da Prosperidade<sup>86</sup>, enquanto nos Estados Unidos, a Teologia da Prosperidade é chamada de movimento da Confissão Positiva.

Confissão positiva é um título alternativo para a teologia da fórmula da fé ou doutrina da prosperidade promulgada por vários televangelistas contemporâneos, sob a liderança e inspiração de Essek Willian Kenyon. A expressão “confissão positiva” pode ser legitimamente interpretada de várias maneiras. O mais significativo de tudo é que a expressão “confissão positiva” se refere literalmente a trazer à existência o que declaramos com nossa boca, uma vez que a fé é uma confissão.<sup>87</sup>

No Brasil, destaca-se nessa linha da teologia da prosperidade, a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada por Edir Macedo, a qual fornece *resultados* para as demandas atuais, operando nos postulados da fé ao consumo.

Estas igrejas mercadológicas são impulsionadas, principalmente, pela mídia e pelas ferramentas de marketing, fomentando o surgimento de congregações religiosas adequadas ao mercado, adquirindo conhecimento para satisfazer as necessidades ideais de seus clientes ou consumidores, como um grande

---

<sup>85</sup> CONSUMO RELIGIOSO: o consumo religioso engloba tanto objetos quanto eventos considerados especiais em relação às atividades normais, sendo, portanto, tratados com algum grau de respeito ou reverência pelas pessoas. A compra de itens religiosos como chaveiros, camisas, livros, escapulários, pôsteres, cartões, bem como outros artigos ou atividades (eventos como: retiros, shows, peregrinações, cerimônias etc.).

<sup>86</sup> TEOLOGIA DA PROSPERIDADE: ela tem o entendimento de que “o cristão deve ser próspero financeiramente e sempre ser livre de qualquer enfermidade”, mediante a confissão positiva. A Teologia da Prosperidade inicia sua trajetória no Brasil no final dos anos 1973. Desde então penetrou em muitas igrejas e diversos ministérios para-eclesiásticos: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Nova Vida, Bíblica da Paz, Cristo Salva, Cristo Vive, Ministério Palavra da Fé, Missão Shekinah, ADHONEP (Associação dos Homens de Negócio do Evangelho Pleno), CCHN (Comitê Cristão de Homens de Negócios). SOUZA, Bertone de Oliveira. A Teologia da Prosperidade e a redefinição do protestantismo brasileiro: uma abordagem à luz da análise do discurso. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano IV, n. 11, Set. 2011. p. 228. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30407>>. Acesso em: 21 set. 2022.

<sup>87</sup> ROMEIRO, Paulo. **Supercrentes**: O Evangelho Segundo Kenneth Hagin, Walnice Milhomens e os profetas da prosperidade. São Paulo: Mundo Cristão, 1993. p. 6.

supermercado da fé com suas ofertas em programas televangélicos, em grande parte importado dos Estados Unidos, embora ainda que mais tardiamente. Como constata Muniz Sodré:

Nos Estados Unidos, desde o final dos anos 70, como intróito à era neoconservadora que resultaria no economicismo de Ronald Reagan (a chamada reaganomic) floresceu uma espécie de “capitalismo cristão”, coadjuvado pelo televangelismo eletrônico. Debruçada sobre a derrocada de valores tradicionais ... e centrada no messianismo do espetáculo místico, a “igreja eletrônica” ou ainda a “igreja comercial”, passou a constituir verdadeiros impérios televisivos. Nesse contexto, tudo se vende e se compra – da fé à redenção.<sup>88</sup>

Observa-se que a Teologia da Prosperidade relativiza os valores da fé cristã, tornando-a superficial, afetando o cotidiano das pessoas e da articulação na responsabilidade social tão própria da fé cristã. Constata-se ainda uma hermenêutica descontextualizada, direcionada para um objetivo teleológico, por conta de sua lógica mercadológica.

### 2.5.3 A construção do indivíduo: a livre escolha, o presenteísmo e a felicidade

Os processos de construção do indivíduo se desenvolveram na mesma ação de evolução do consumo e de preponderância da vontade pessoal. Dentro desta tendência, é necessário considerar o afloramento do hedonismo, ou seja, como vimos, sendo o consumo fruto da escolha individual, então o sujeito inevitavelmente será levado a buscar entre outros produtos, aquele que, conforme sua expectativa, lhe possa trazer maior felicidade, prazer, gozo, e com isso, justamente, vai desenvolver, formatar um espírito hedonista neste consumidor.<sup>89</sup>

Para melhor compreender isso, é importante considerar que o aguçamento do espírito hedonista na nova sociedade se refere justamente às lógicas da moda generalizadas no corpo social a partir da evolução do consumo de massas, pois, na medida em que a oferta de produtos se intensificou, a sociedade foi incorporando as lógicas prevaletentes na moda e, assim, foi sendo reestruturada pelas técnicas do efêmero, da renovação e da sedução permanentes.<sup>90</sup>

<sup>88</sup> SODRÉ, Muniz. **A salvação cotada em dólar.** Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/idioma/20010711.htm>>. Acesso em: 29 maio 2019.

<sup>89</sup> BAUMAN, 2008, p. 41-44.

<sup>90</sup> LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos.** Tradução Mário Vilela. São Paulo: Barcelona, 2004. p. 60.

Na evolução do consumo, a lógica da moda começa então a permear de modo íntimo e permanente o mundo da produção e do consumo de massa e a impor-se imperceptivelmente, até contaminar de fato o conjunto da sociedade.<sup>91</sup>

Deste ponto emerge uma sociedade cada vez mais voltada ao presente e às novidades que ele traz, cada vez mais tomada por uma lógica da sedução, esta concebida como uma hedonização a vida que seria acessível ao conjunto das camadas sociais.<sup>92</sup> Forma assimilada e estendida a todas as camadas sociais, com paladar aguçado pelas novidades, da promoção do fútil e do frívolo, do culto ao desenvolvimento pessoal e do bem estar – em resumo, da ideologia individualista hedonista.<sup>93</sup>

Nesse processo em que a sociedade incorpora os valores típicos do campo da moda, devido à proliferação da concepção consumista, significa o afloramento do espírito hedonista nas diferentes camadas sociais. Cada indivíduo buscará aquilo que no momento lhe parece mais agradável e capaz de suprir seu desejo imediato.

Tudo isso significou para as pessoas a forte possibilidade de abandonarem aquilo que era considerado como grilhões coletivos e se lançarem em um projeto de construção individual, autorreflexiva, de sua identidade, de sua história e de seu destino.

## **2.6 O ENFRAQUECIMENTO DAS GRANDES NARRATIVAS DE MUNDO**

Os grandes sistemas de crenças e de conhecimento totalizantes de mundo e de além-mundo que, de uma forma ou de outra, alimentavam a fé no futuro, e assim orientavam as ações dos grupos sociais e dos indivíduos, por exemplo, o cristianismo, o comunismo e o positivismo científico, perderam seu grau de influência e poder, por conta da ação do consumismo e das práticas de consumo que influenciam e direcionam o exercício da cidadania.

Na verdade, as forças do consumo – quando espalhadas por toda terra – canalizam as perspectivas de existência para si, e esvaziaram as grandes

---

<sup>91</sup> CHARLES, Sébastien. In: LIPOVETSKY, 2004, p. 23-24.

<sup>92</sup> CHARLES, Sébastien. In: LIPOVETSKY, 2004, p. 24.

<sup>93</sup> CHARLES, Sébastien. In: LIPOVETSKY, 2004, p. 24.

metanarrativas.<sup>94</sup> Fornecendo por assim dizer novas paixões, novos sonhos, novas seduções.<sup>95</sup>

Então, com esse enfraquecimento e descaracterização das estruturas sociais, o *lócus* singular (Plural é *loci*) onde estavam colocados os indivíduos, começaram a não ficar mais tão nítidas, os papéis sociais deixaram de ser tão bem definidos, as instituições perderam a capacidade de influenciar e direcionar o indivíduo.<sup>96</sup>

Bauman diz que justamente são esses padrões, códigos e regras a que podíamos nos conformar, que podíamos selecionar como pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos nos deixar depois guiar, que estão cada vez mais em falta.<sup>97</sup> E, desta forma, a condição, o estado do mundo se tornou embaciado, sem definições claras.

### 2.6.1 O indivíduo monta seu próprio mundo do mesmo modo que escolhe um produto

Justamente com as grandes estruturas sociais em processo de destruição, o ser humano ficava cada vez mais *liberto das imposições coletivas e comunitárias*, ao mesmo tempo em que se abriam possibilidades para a multiplicação das formas de disposição social e modelos de existência.<sup>98</sup>

Quando os enquadramentos aos moldes tradicionais começaram a se dissolver, surgiu uma nova gama de opções entre religiões, grupos, tribos, enfim, locais de pertencimento para o sujeito das mais variadas naturezas em que cada um

---

<sup>94</sup> METANARRATIVAS: podem ser compreendidas como explicações gerais, amplas e universalizantes sobre o mundo e a sociedade na qual vivemos. Os ideais e princípios da modernidade alicerçam-se em narrativas mestras. Por exemplo: a construção de um sujeito racional; o uso da ciência e da tecnologia como fonte de “progresso”; a “libertação” e “autonomia” dos sujeitos; a política baseada em certezas e, entre outras coisas, o desejo de explicações com caráter totalizante. É um termo que tomou o centro dos debates ao final do século pelo filósofo francês Jean-François Lyotard (1924-1998), que considerava que se estabeleceria o fim das grandes narrativas. Um exemplo das grandes narrativas presentes nos discursos, segundo Lyotard, seriam o iluminismo, o idealismo e o marxismo. O prefixo **meta** tem sentido de “além de”; “no meio de”, “entre”; “atrás”, “em seguida”, “depois”. HUTCHEON, Linda. A incredulidade a respeito das metanarrativas: articulando pós-modernismo e feminismos. **Labrys: estudos feministas**, número 1-2, jul/dez, 2002. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20030320035807/http://www.unb.br/ih/his/gefem/linda1.html>>. Acesso em: 11 fev. 2022.

<sup>95</sup> LIPOVETSKY, 2004, p. 59.

<sup>96</sup> O acima mencionado não está afirmando que o contexto da modernidade fosse melhor do que o contexto da pós-modernidade, apenas esclarecendo uma radical mudança no cenário social e cultural.

<sup>97</sup> BAUMAN, 2001, p. 14.

<sup>98</sup> LIPOVETSKY, 2011, p. 48.

constrói sua participação conforme a vontade individual (andar por aquilo que lhe trará maior prazer e satisfação), dispondo dos mais variados modelos, referências e elementos de identificação a construir sua existência.<sup>99</sup>

### 2.6.2 Tudo passa a ser efêmero: a sociedade líquida

Pode-se considerar que essa existência não é instantânea nem definitiva, mas fruto de um processo e efêmera. Ou melhor, a partir da nova condição, estilos de vida e identidade podem ser compostos e decompostos de acordo com o estado de espírito de cada um.<sup>100</sup>

As escolhas que o indivíduo faz hoje, podem ser desfeitas amanhã, pois as tradições sagradas potentes que poderiam castigar a qualquer um, caso fossem renegadas, foram dissolvidas e as escolhas, como vimos, ficaram a encargo pessoal. Essencialmente voláteis como a sociedade que compõem e que refletem, obedecendo por isso o princípio da constante renovação, da efemeridade, da sedução, que ficam à mercê do jugo individual que entrarão e sairão deles conforme a sua vontade.<sup>101</sup>

### 2.6.3 Contestação e reconfiguração das instituições tradicionais

É salutar observar mais objetivamente o reflexo de todo esse novo contexto social, nas transformações envolvendo, por exemplo, a família, os papéis sexuais e a religiosidade, pois esses foram aos poucos perdendo seu caráter uniforme, bem definido e tradicional em que estavam dispostos pela modernidade clássica, e assumindo um caráter multifacetado e metamorfósico.

As instituições tradicionais como família, sexualidade e religiosidade passam a ser contestadas e reconfiguradas conforme as lógicas efêmeras do consumo e do mercado. *As relações inter-humanas tomaram o padrão da relação consumidor-mercadoria.*<sup>102</sup>

A instituição família, por exemplo, que compunha a tríade básica da sociedade juntamente com a pátria e a igreja, teve um profundo impacto na sua configuração

---

<sup>99</sup> LIPOVETSKY, 2011, p. 21.

<sup>100</sup> BARBOSA, Lívia. **Sociedade de consumo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar. 2010. p. 22.

<sup>101</sup> BARBOSA, 2010, p. 23-25.

<sup>102</sup> BAUMAN, Zygmunt. DONSKIS, Leonidas. **Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. 2014. p. 23.

devido à possibilidade criada pelos novos arranjos de superação das normas coletivas que ditavam para ela uma única maneira possível de existência.<sup>103</sup>

A família contemporânea registra uma baixa no número de casamentos, divórcios em alta, coabitação pré-nupcial, surto dos nascimentos fora do casamento, baixa fecundidade. À ordem constrangedora do passado sucedeu a família no plural, que cada um escolhe sem modelo, nem norma absoluta em função da sua ideia de felicidade. [...] enquanto aflora o casamento de homossexuais, a família é arrastada em um processo de privatização e de desinstitucionalização radical: ela se tornou uma questão estritamente afetiva e psicológica, um instrumento de realização das pessoas, livre das exigências de grupo. A dinâmica de individualização rompeu a ordem tradicional que fazia prevalecer as tradições e os interesses de grupo sobre os desejos pessoais. A instituição obrigatória e diretiva de antigamente se metamorfoseou em instituição emocional e flexível, em laço contratual que se pode construir e reconstruir livremente. Tendo perdido todo caráter de evidência, a família tornou-se “incerta”, objeto de hesitação, de deliberação, de decisão estritamente individual.<sup>104</sup>

As portas estão escancaradas e distantes dos grupos familiares tradicionais, formam-se então grupos dispostos de formas distintas, abertos e casuais, homo, bi e transexuais e casais que optam em não ter filhos. Desta forma, os papéis ou posições são bem definidos socialmente, observa-se que as funções antes tradicionalmente atribuídas ao homem ou a mulher, por exemplo, também foram profundamente afetadas no novo contexto, ou seja, os papéis sexuais e as relações entre os gêneros não estão mais inscritos no mármore (deixam de estar rigidamente definidos), tudo nesse domínio se tornou aberto, negociável e indeterminado [...] A ideia de que o homem é o chefe de família perdeu legitimidade.<sup>105</sup>

Segundo Lipovetsky, o modelo que se estabelece é marcado pela igualdade e autonomia, pela participação dos dois cônjuges nas decisões. Nos demais âmbitos, na distribuição dos papéis, tudo é condicionável a mudanças, negociações e passível de revisão, nada mais é evidente. Mais nada, na vida de casal, se impõe “naturalmente”.<sup>106</sup> Os laços com a família e as relações de gênero sofrem uma desorientação hiperindividualista.

---

<sup>103</sup> É salutar mencionar que neste parágrafo está sendo mencionada a reconfiguração de diferentes setores da sociedade, como família, pátria e igreja. O intuito não é voltar no tempo, apenas registrar que há uma imensa diferença de uma era para outra.

<sup>104</sup> ROUSSEL, Louis **La Famille Incertaine**, JACOB, Oldile. In: LIPOVETSKY, 2011, p. 53.

<sup>105</sup> LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 54.

<sup>106</sup> LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 54.

#### 2.6.4 A tarefa individualista do sujeito moderno: a construção permanente de si em um mundo sem alicerces

Bauman reforça a ideia que como pessoa somos a cada dia levados de *um mundo do 'ser' para um mundo do 'tornar-se'*. Desta forma, existimos numa realidade marcada pela incerteza, incontrolável, onde tudo pode mudar ou tornar-se, pois o mundo muda cada vez mais rápido. Neste contexto indefinido, que supõe estar em contínua construção, marcado por inúmeros dilemas acerca da condição humana, nos desafia para um profundo diálogo que envolva os desafios para entendermos a nós mesmos nos dias atuais: quem somos, que lugar ocupamos e para onde vamos. Uma individualidade a ser compreendida.<sup>107</sup>

Este processo de individualização da pessoa humana, como dos núcleos familiares ou da própria sociedade, ficou à deriva ao cortar suas próprias amarras e procurarem um novo lugar para aportar. Fazem opção por novas crenças e valores de maneira improvisada pelo *Self*, que por vezes é difusa, desprezando a verdade (fatos), como a própria razão. Enfim, variadas formas de estar no mundo por conta da fragmentação da cultura e do sujeito contemporâneos.

Alguns teóricos afirmam que o atual contexto vivencial da sociedade, por uns considerada a sociedade hipermoderna, líquida ou fragmentada, por conta de sua multiplexidade, tem direcionado a uma regressão cultural e de *éthos* infantilista para estigmatizar um sistema que leva a preferir o simples ao complexo, o fácil ao difícil, o rápido ao lento.

Pois não percamos de vista que, se a cultura infantilizada progride, é em razão da hiper-responsabilidade de que, de fato, estão cada vez mais sobrecarregados os indivíduos. Na era hipermoderna, eis que, confrontados com um mundo que perdeu suas bússolas e seus quadros coletivos, os indivíduos devem construir a si próprios, integralmente e de maneira permanente. Fim de um universo social do pré-regrado: a relação com o mundo depende cada dia um pouco mais de uma cultura de hiper-responsabilização individual, tanto no trabalho como na vida privada e nas atividades cotidianas.<sup>108</sup>

Observa-se que praticamente não há mais uma vivência delineada por um conjunto de normas sociais herdadas do passado e da tradição, num sentido antropológico. Similarmente, esta ou este sujeito contemporâneo são confrontados,

---

<sup>107</sup> BAUMAN; RAUD, 2018, p. 86 - 90.

<sup>108</sup> LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 142-143.

pressionados ou seduzidos pelo individualismo, consumismo, o marxismo-cultural e o capitalismo globalizado. Onde cresce paralelamente a universalização do medo ou das perdas derivadas da troca de ordem pela busca da liberdade. Confrontado, seduzido e levando o indivíduo contemporâneo se *ver diante de si mesmo, sem rede de proteção, obrigado a criar a si próprio*.<sup>109</sup>

### **2.6.5 Conclusão**

Assim, o presente capítulo forneceu uma série de recursos conceituais analíticos que podem servir de ferramentas para o leitor compreender as transformações e as características sociológicas da modernidade, da pós-modernidade e dos elementos que definem a era atual. Reconhece-se que há outros pontos possíveis de observação e constatação por meio da pesquisa, mas o presente trabalho se propõe a trazer alguns indícios e não esgotar a temática.

---

<sup>109</sup> LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 143.



### **3 ANÚNCIO VIVO E EFICAZ DA VERDADE NUMA ERA DE PÓS-VERDADE E FAKE NEWS**

No presente capítulo, será abordada a noção de pós-verdade como característica da construção do discurso pós-moderno, em uma condição cultural atual em que se rejeita qualquer ideia de verdade, mas ao contrário, estipula-se tudo como relativo ou que demande ser construído conforme as vontades individuais.

Deste modo, será relacionado o conceito de pós-verdade às formas como ele reflete a homilética atual, desviando-se radicalmente da concepção tradicional do evangelho que vê a palavra de Deus como uma verdade imponderável e necessária a todas as pessoas.

#### **3.1 A PÓS-VERDADE NADA MAIS É DO QUE A VELHA MENTIRA**

Constata-se que em uma era em que a humanidade começa a caminhar por uma trilha pouco conhecida, marcada pelas novas tecnologias, em constante mudança num mundo globalizado, cujos limites, se é que existem, ainda estão por ser descobertos, agora, na teologia também o anúncio do Evangelho enfrenta um fenômeno crescente, que foi piedosamente nomeado com um evidente eufemismo: a pós-verdade. Fala-se da velha e tão conhecida “mentira”.

Entretentes, a pós-verdade não é mais do que uma reelaboração de algo que já existia. É um frasco novo que, por acaso, quer parecer contemporâneo – pós-moderno – para uma droga tão antiga quanto a opinião pública.<sup>110</sup>

O perigo bate à porta, os sofistas estão a navegar nas redes e a qualquer momento a manipulação pode distorcer a verdade, possibilitando a alienação humana em seu mais lato aspecto cognitivo: a verdade pode ser mentira e a mentira pode ser verdade.<sup>111</sup> Com outras palavras, similarmente, já dizia Nietzsche: Há espíritos que enturvam suas águas para que pareçam mais profundas.<sup>112</sup>

A história mundial registra claramente como dois dos regimes mais execráveis até então existentes chegaram ao poder no século XX (Nazismo-Alemanha-

---

<sup>110</sup> KURZAWA, 2020, p. 13-24.

<sup>111</sup> KURZAWA, 2020, p. 24.

<sup>112</sup> Nietzsche e suas frases contundentes. **MDIG**, 30 maio 2008. Disponível em: <<https://www.mdig.com.br/index.php?itemid=2847>>. Acesso em: 17 set. 2021.

Holocausto e Comunismo-URSS-Holodomor). Se estabeleceram alicerçados na violação e no esfacelamento da verdade, conscientes de que o cinismo, a exaustão e o medo podem “tornar pessoas suscetíveis a mentira e falsas promessas de líderes determinados a alcançar o poder incondicional”.<sup>113</sup>

Em 1951, Hannah Arendt escreveu em seu livro, *Origens do totalitarismo*: O súdito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe a diferença entre o fato e a ficção (isto é, a realidade da experiência) e a diferença entre o verdadeiro e o falso (isto é, os critérios do pensamento).<sup>114</sup> Cada vez mais estas palavras se tornam reais, como um pavoroso reflexo do panorama cultural e político em que vivemos na atualidade. Como escreve Michiko Kakutani:

Um mundo no qual as *fake news* e as mentiras são divulgadas em escala industrial por “fábricas” de *trolls russos*, lançadas num fluxo ininterrupto pela boca e pelo Twitter do presidente dos Estados Unidos, e espalhadas pelo mundo todo na velocidade da luz por perfis em redes sociais. O nacionalismo, o tribalismo, a sensação de estranhamento, o medo de mudanças sociais e o ódio aos estrangeiros estão novamente em ascensão à medida que as pessoas, trancadas nos seus grupos partidários e protegidas pelo filtro de suas bolhas, vêm perdendo a noção de realidade compartilhada e a realidade de se comunicar com as diversas linhas sociais e sectárias.<sup>115</sup>

Assim, pode-se sintetizar o objetivo do presente capítulo na compreensão do processo de transformação e metamorfose da fé cristã e de sua teologia clássica na diversidade teológica contemporânea pela era da pós-verdade, ou a condição como a teologia é adaptada/induzida para ser vivenciada nas condições da atualidade.

A partir dessa metamorfose é que finalmente são observadas as generalizáveis formas teológicas, hermenêuticas e homiléticas adotadas por diversas e distintas instituições – igrejas – grupos cristãos. Podemos dizer que a doutrina tradicional é deturpada ou reconfigurada para se adequar aos interesses individuais e aos objetivos da agenda liberal e progressista.

Por fim, pode-se dizer que essa forma de se ocupar e interpretar as questões políticas, culturais e teológicas, como serão observadas, é a base de onde deve-se partir para compreender com mais nitidez a atual projeção do anúncio do Evangelho, tendo em vista que pontualmente a partir dos princípios bíblicos e confessionais, e

<sup>113</sup> KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**: Notas sobre a mentira na era Trump. Trad. de André Czarnobai e Marcela Duarte. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018. p. 9.

<sup>114</sup> ARENDT, Hannah. **A condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense, 2016.

<sup>115</sup> KAKUTANI, 2018, p. 10.

não por meio de teorias formuladas sobre outros contextos, é que poderá se propor com mais precisão uma forma eficaz e relevante no anúncio do Evangelho de Jesus Cristo.<sup>116</sup>

### 3.1.1 A banalização da mentira

Devemos compreender os aspectos da destruição da noção de verdade ou como essa noção foi diluída em razão do relativismo. Cabe salientar que a banalização da mentira não é nada novo no século XXI. No entanto, é fato que as profundas raízes da pós-verdade na sociedade da informação e sua efervescência em um contexto de descontentamento político e desilusão diante da globalização, em alguns casos, descarrilaram.

Atualmente, o acesso a conteúdos informativos, assim como o seu imediatismo e volume, não têm precedentes. O impacto da digitalização no mundo das comunicações significou uma revolução na forma como as pessoas produzem informações. Propiciando em muitas situações, uma *guerra de narrativas*.<sup>117</sup>

O intuito é compreender o plano teórico que se interpõe ao debate das *fake news* e suas repercussões nos espaços públicos, políticos e humanos, nesta seção, a pretensa é realizar um levantamento acerca da relação entre *fake news* e a ação política e suas implicações no cenário vivencial humano.

Essa compreensão teórica é essencial para identificar a formatação da banalização da mentira e o quanto ela contribui como fenômeno da desinformação no processo de desconstrução do espaço público e das sociedades democráticas.

Essa produção de informações falsas (desinformação), com teor de notícia, fatidicamente agride e prejudica severamente a saúde dos sistemas democráticos da forma como os conhecemos atualmente e defronte desta situação, profissionais da informação que buscam trabalhar com honestidade acabam se tornando inoperantes.

Os meios de comunicação tradicionais têm seu crédito abalado mediante a opinião pública devido à sustentação de narrativas nem sempre imparciais. Esta mudança de atores da informação, contribuiu para o surgimento de uma fé devota, um

---

<sup>116</sup> CONFISSÃO DE AUGSBURGO. **Confissão de Augsburg, confissão básica da Igreja Luterana**. Porto Alegre: Concórdia, 1945. p. 48.

<sup>117</sup> TRIGO, Luciano. **Guerra de narrativas** – A crise política e a luta pelo controle do imaginário. Ebook Kindle – Globo Livros.

tanto que ilimitada, nas informações recebidas nas redes sociais. Já o jornalismo tradicional, perdeu a confiança e sobrevive com pouco crédito.<sup>118</sup>

As plataformas ou redes sociais como o Facebook, Twitter e WhatsApp oportunizam a replicação de notícias e comentários, independente de serem verdadeiros ou falsos, e estes conteúdos, quando compartilhados por pessoas públicas que sugestionam confiança, caracterizam ou carimbam aparentemente como informações legítimas.

Entrementes, observa-se que, por exemplo, algumas redes sociais, como Facebook e Instagram, utilizam ferramentas como seu sistema de algoritmos para criar “bolhas” que isolam seus usuários, manipulando-os para receberem apenas as informações que corroboram seu ponto de vista.<sup>119</sup>

O que deveria ser um contraponto à essa situação, a imprensa, que tradicionalmente teria a responsabilidade profissional de checar os fatos, progressivamente perde espaço para as redes sociais, ficando às vezes à margem na formação das narrativas que circulam e que constroem a opinião pública.<sup>120</sup>

Como afirma o jornalista espanhol José Antonio Zarzalejos: A pós-verdade consiste na relativização da verdade, na banalização da objetividade dos dados e na supremacia do discurso emotivo.<sup>121</sup> Saber manejar com persuasões emocionais do que com critérios de veracidade e de racionalidade, sempre foi e continua sendo uma ferramenta nas mãos do populismo.

---

<sup>118</sup> BARBOSA, 2019, p. 49-53.

<sup>119</sup> “Desde 1996 o Google utiliza algoritmos para exibir os conteúdos mais relevantes em sua pesquisa. Desde então, outras empresas que atuam na internet adotaram o mesmo método para ajudar o usuário a passar mais tempo consumindo algum conteúdo nos sites. No final dos anos 2000, o Facebook também adotou algoritmos que aprendem de acordo com as ações dos usuários. A rede social considera ações dentro como curtir, comentar, compartilhar ou bloquear conteúdos para exibir apenas o que considera relevante para determinada pessoa. O restante é exibido no fim do feed de notícias ou é desconsiderado. Algoritmos de redes sociais formam “bolha política” em torno dos usuários”. **Canal Tech**, 29 mar. 2016. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/algoritmos-de-redes-sociais-formam-bolha-politica-em-torno-dos-usuarios-60755/>. Acesso em: 08 maio 2019.

<sup>120</sup> BARBOSA, 2019, p. 97-99.

<sup>121</sup> LLORENTE, José Antonio. A era da pós-verdade: realidade versus percepção. **Revista Uno**, nº 27. São Paulo: Mattavelli Gráfica e Editora, 2017. p. 12. Disponível em: [https://www.revista-uno.com.br/wp-content/uploads/2017/03/UNO\\_27\\_BR\\_baja.pdf](https://www.revista-uno.com.br/wp-content/uploads/2017/03/UNO_27_BR_baja.pdf). Acesso em: 22 set. 2022.

### 3.2 DEMOCRACIA POPULISTA E USO DAS REDES SOCIAIS E DESINFORMAÇÃO

A questão é a contradição existente entre o rigor e o populismo. Habitualmente, o mecanismo populista é colocado em operação por uma liderança carismática que emerge em contextos de insatisfação generalizada, alegando vir de fora do sistema e se colocando como paladino da ruptura e da mudança.<sup>122</sup>

A América Latina tem experimentado este fenômeno, em especial, no contexto do Brasil, onde figuras políticas por conta de seu carisma e da força do clientelismo, ou seja, da rede de favores desenvolvida a partir da celebridade política, que tem adotado discursos voltados para as massas, proporcionando divisão ou polarização em dois grupos.

A realidade em quaisquer movimentos políticos que rejeitam os dirigentes convencionais nas democracias liberais e representativas, fazem uso com maior intensidade dos elementos sentimentais que racionais. Utilizam do desconforto, além do que fomentam e colaboram decisivamente para criá-lo e ampliá-lo.<sup>123</sup>

Observa-se o avanço na disposição de situações ou um alinhamento de circunstâncias que geram uma assombrosa preocupação, pois a verdade tem perdido espaço, enquanto as inverdades galgam terrenos de forma galopante, sem mencionar que permanecem impunes.

A exemplo do referendo para saída do Reino Unido da União Europeia em 23 de junho de 2016 e até mesmo mais tarde, das eleições presidenciais nos Estados Unidos de 08 de novembro de 2016, em que, em ambos os casos, as forças da pós-verdade escancararam seu poder.<sup>124</sup>

Como afirma o escritor Adolfo Muñoz (El País, de 02 de fevereiro de 2017), *a mentira política ganha espaço porque tem as qualidades necessárias para triunfar, convertendo-se no que Richard Dawkins chamou de 'meme'*. Entrementes, as

---

<sup>122</sup> CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & Sociedade**, n. 1, vol. 1, 2020. p. 98. Disponível em: <<https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Como-vencer-uma-eleic%CC%A7a%CC%83o-sem-sair-de-casa.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2022.

<sup>123</sup> BARBOSA, 2019, p. 30-33.

<sup>124</sup> VINER, Katharine. How technology disrupted the truth. **The Guardian**, 12 jul. 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/media/2016/jul/12/how-technology-disrupted-the-truth>>. Acesso em: 07 maio 2019.

propensões populistas requerem que o poder seja logrado como um fim em si mesmo, sem importar os artifícios ou métodos.<sup>125</sup>

### 3.2.1 As redes sociais, os memes e a distinção entre verdadeiro e falso

Vivemos no universo dos memes, em virtude disso, necessitamos de critérios para distinguir o verdadeiro do falso, o seguro do provável, o certo sobre o duvidoso. Cada vez mais vem à nossa mente perguntas que borbulham no mar da inquietude atual: poderia o Adobe Photoshop, equiparar-se a um mecanismo da pós-verdade? Seria este um mero editor de imagens ou uma ferramenta para falsificar o contexto? A insolência e a ofensa poderiam ser consideradas uma mera descrição? A realidade virtual, se enquadra na violação à integridade da verdade, tal como a temos entendido até agora?<sup>126</sup>

Neste contexto onde cada pessoa é produtora de conteúdo, que respectivamente alimenta as redes sociais, raramente, as postagens são lidas na íntegra. Quanto menos, verificar a confiabilidade da fonte, geralmente são ignoradas ações de conferência do texto publicado. O impulso é dar um clique e replicar matérias que, via de regra, apontam escândalos, culpados, soluções miraculosas, etc.<sup>127</sup>

No Brasil, um exemplo claro foi *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, uma vez que ela não sabia dialogar com o congresso, sequer se dedicava ao penoso trabalho de conversar com parlamentares, com isso, os aliados de ocasião e os traidores se articularam para criar o cenário adequado a ser publicado e replicado pelas mídias, potencializando a oposição. Enfim, uma prática habitual da imprensa de enxergar o ruim quando está bom e o péssimo quando está ruim.<sup>128</sup>

Ao longo daqueles meses, entre a Esplanada e o Palácio, o governo viveu e padeceu sob a versão brasileira das dez pragas do Egito. Liste: inflação de dois dígitos, desemprego também de dois dígitos, recessão econômica, o mar de lama deixado pelo rompimento da barragem de Mariana, em Minas Gerais, o vírus Zika, a Operação Lava Jato, a delação premiada do senador Delcídio

<sup>125</sup> "MEME é um termo grego que significa imitação. Equivale a uma unidade de conhecimento viral, que se dispersa à margem de seus atributos de veracidade. Muito conhecido e utilizado no "mundo da internet", referindo-se ao fenômeno de "viralização" de uma informação, ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música e etc., que se espalhe entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade". ADAMI, Anna. Meme. **Info Escola**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/comunicacao/memes/>>. Acesso em: 08 maio 2019.

<sup>126</sup> BARBOSA, 2019, p. 79-85.

<sup>127</sup> BARBOSA, 2019, p. 97.

<sup>128</sup> ALMEIDA, Rodrigo de. **À sombra do poder: bastidores da crise que derrubou Dilma Rousseff**. São Paulo: Leya, 2016. p. 55.

Amaral, preso no exercício do mandato, a polêmica sobre a compra da refinaria de Pasadena, a ação no Tribunal Superior Eleitoral que pedia a cassação da chapa Dilma-Temer, e o processo de impeachment no Congresso.<sup>129</sup>

O *impeachment* é um exemplo da tal incitação decisória, que é a habilidade de enfraquecer os edificadores interessados em meias-verdades ou falsidades inteiras que criam bodes expiatórios e oferecem soluções rasas para temas complexos.

Portanto, o que temos no fervor da contemporaneidade é a desvalorização da verdade como nunca visto na história da humanidade, o apelo ao sensacionalismo e a conveniência na seleção das informações. Pois, intrinsecamente, a dinâmica relacionada a circunstâncias, onde as pessoas reagem-replicam mais a sentimentos e crenças do que a fatos. Assim, espontaneamente seleciona-se os dados a dedo e chega-se a qualquer conclusão desejada.<sup>130</sup>

### 3.2.2 O fenômeno da pós-verdade e a irrazão

Este fenômeno, batizado de pós-verdade ou em inglês “*post-truth*”, foi definido pelo Dicionário Oxford como a circunstância em que os fatos objetivos são menos influentes na opinião pública que as emoções e as crenças pessoais, concedendo ao termo o prêmio de palavra do ano de 2016.<sup>131</sup>

Ligada a ela, também surgiram novos conceitos como as *verdades alternativas* e as *notícias fictícias*.<sup>132</sup> Apesar do termo, os especialistas no assunto afirmam que *a política e a mídia se tornaram tão polarizadas e tribais que os cidadãos rejeitam quaisquer fatos com os quais discordem*.<sup>133</sup>

Como afirma Katherine Viner, redatora-chefe do jornal The Guardian, em seu artigo: Como a tecnologia rompeu a verdade: privilegia-se a viralidade em detrimento da qualidade e da ética. Seja como for, o momento de separar o joio do trigo abre a

<sup>129</sup> ALMEIDA, 2016. p. 9.

<sup>130</sup> BARBOSA, 2019, p. 81-84.

<sup>131</sup> OXFORD LERNER'S DICTIONARY. Verbete: Post-Truth. Disponível em: <<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/post-ruth>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

<sup>132</sup> 'Pós-verdade' é eleita a palavra do ano pelo Dicionário Oxford. **G1**, 16 nov. 2016. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638\\_931299.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638_931299.html)>. Acesso em: 25 mar. 2021.

<sup>133</sup> MANTZARLIS, Alexios. Verificação dos fatos. In: IRETON, C.; POSETTI, J. (Orgs.). **Jornalismo, Fake News e Desinformação**: Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo. Paris: UNESCO, 2019. p. 92. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>>. Acesso em: 22 set. 2022.

oportunidade de desmontar *ardis de spin doctores*<sup>134</sup>, ou pelo anonimato nas redes sociais, onde os *haters*, *trollers*, portais *fakes* ou páginas especializadas em boatos, se proliferam e dispersam interesses ideológicos e políticos.

Com muita avidez estimulam crenças radicais, posições extremas que são abraçadas com fervor ou cultivam preconceitos, tudo resguardado pelo anonimato. Ou seja, a pós-verdade ou *post-truth* é um conceito em que *os apelos emocionais e que mobilizam crenças pessoais são mais eficazes para conquistar a opinião pública do que os fatos objetivos*.<sup>135</sup>

Torna-se adequado afirmar que no contexto atual, conforme o acima exposto, poucas pessoas acreditam na existência da verdade, ou algo que se assemelhe dela, quando a dinâmica favorece e fortalece cada qual acreditar na sua própria verdade (razão), como se a verdade fora expulsa ou abolida da convivência social.

### 3.2.3 O fim da verdade e a dissolução da convivência

A pós-verdade assume a prática que se desenvolve de forma perigosa e arbitrária, seja no campo da política e empresarial, como no âmbito da publicidade. Conforme Francisco Rosales afirma:

A pós-verdade deturpa os princípios básicos da convivência humana, como o culto à verdade e à honestidade, e favorece as atitudes que se valem do engano e da mentira ou das meias-verdades para que se prevaleçam seus interesses e vontades. A verdade é ou não é. Não existe a meia verdade nem mesmo a verdade subjetiva. Falar de 'minha verdade' é um atentado à razão. Pode haver opiniões e sobre este assunto cabe à mais ampla liberdade para que cada pessoa emita a sua, sobre qualquer assunto.<sup>136</sup>

Este é o contexto de convivência atual, onde pessoas se encontram mergulhadas nesta cultura de negação, em falaciosa mentira, buscam por uma nova afirmação para a sua existência. Aonde a humanidade chegará em meio as ondas de engano, das mentiras? Qual será o preço da pós-verdade? Poderá custar muito caro!

<sup>134</sup> SPIN DOCTOR é “Alguém cujo trabalho é fazer com que ideias, eventos, etc. pareçam melhores do que realmente são, especialmente na política” (“someone whose job is to make ideas, events, etc. seem better than they really are, especially in politics”). CAMBRIDGE DICTIONARY. Verbete: Spin Doctor. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/spindocor>>. Acesso em: 08 maio 2019.

<sup>135</sup> MEDEIROS, A. Os perigos da indiferença à verdade. In: LLORENTE; CUENCA, 2017, p. 23.

<sup>136</sup> ROSALES, F. Pós-verdade: uma nova forma de mentira. In: LLORENTE; CUENCA, 2017, p. 49.

*A verdade é ou não é. Não existe a meia-verdade nem mesmo a verdade subjetiva. Falar de “minha verdade” é um atentado à razão.*<sup>137</sup>

### 3.2.4 A relativização da verdade não combina com o Evangelho

Se a verdade é ou não é, conforme Kierkegaard afirmou, contanto, pode nos ajudar a refletir sobre a afirmação de Jesus em João 14.6, onde, *Jesus respondeu: - Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.*

Jesus afirma que ele é a verdade, no grego antigo *ἡ ἀλήθεια* (*he aletheia*). Assim Jesus expressa uma verdade objetiva, o fato de Jesus afirmar ser a verdade (exclusividade), o torna motivo de embates no diálogo do cristianismo com as concepções sobre verdade na pós-modernidade (visão de superioridade). Grande parte da cristandade mantém a convicção de fé firmada nos pilares do Somente Jesus Cristo e Somente a Escritura, que é fonte exclusiva de doutrina e fé.<sup>138</sup>

As palavras da escritora nova-iorquina Madelene L'Engle são apropriadas para continuidade da reflexão, ela escreve: Em vez de discutir a superioridade do cristianismo em relação às religiões mundiais, prefiro resplandecer uma luz tão encantadora que todos se sintam atraídos para ela.<sup>139</sup> São palavras preciosas, quanto indicadoras para o pensar e propor uma forma relevante de anunciar o Evangelho para a humanidade contemporânea.

## 3.3 O DEUS DO EVANGELHO INCOMODA OS DEUSES DE SI DA PÓS-MODERNIDADE

Segundo Enrique Rojas, em sua obra, O Homem Moderno, o impasse está na militância do *deus de si* potencializado e característico do pós-modernismo, em contrariar a verdade objetiva do Evangelho. Segundo esta militância a verdade é

<sup>137</sup> GAARDER, Joisten. Kierkegaard. **Folha de São Paulo**, 10 ago. 1995. Disponível em: <[https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/8/10/caderno\\_especial/3.html](https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/8/10/caderno_especial/3.html)>. Acesso em: 08 maio 2019.

<sup>138</sup> **A Somente Escritura** – É o princípio reformador da sola Scriptura significa que somente a Escritura, por ser a Palavra inspirada de Deus, é a autoridade final e suficiente para a igreja. Todos os reformadores enfatizaram a suficiência e autoridade das Escrituras como regra de fé e prática, tanto para o indivíduo quanto para a igreja. Martinho Lutero (1483-1546) enfatizou principalmente a autoridade das Escrituras e a exclusividade destas como fonte de doutrina e fé. BEEKE, Joel et ali. **Sola Scriptura**: numa época sem fundamentos, o resgate do alicerce bíblico. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

<sup>139</sup> MONROE, Kelly. Encontrando Deus em Harvard: Alcançando a universidade pós-cristã. In: CARSON, 2015, p. 321.

subjetiva e pessoal, não objetiva e absoluta. Para tanto, cabe fazer uma síntese do perfil humano sobressalente na contemporaneidade.

Pelo narcisismo, o novo deus substitui a fé no transcendente pela fé em si mesmo. O hedonismo confere-lhe o direito ao acesso a cotas cada vez mais altas de prazer e bem-estar. A permissividade lhe dá asas, numa tolerância total, em que tudo é considerado válido e lícito, sem proibições, regras ou limites, e tudo é permitido para a satisfação dos desejos do “deus de si” mesmo. O individualismo aflora pelo direito desse deus ser feliz, independente de formar vínculos com quem quer que seja. O materialismo cria uma nova ordem, a do consumo. Tudo é consumível, tanto carros, moradia, comida, brincos, como viagens e servos. Pela ótica do consumismo, as pessoas são coisificadas e, como quaisquer objetos, tornam-se consumíveis e descartáveis. O relativismo costura tudo isso, dando ares de legitimidade a essas novas expressões e interações sociais. As grandes narrativas passam a ser questionadas e relativizadas. Nada mais tem garantia de ser verdadeiro e duradouro, tudo é relativo e passível de mudança.<sup>140</sup>

Clarice Ebert salienta a questão, ou impasse, em relação a todo empoderamento desse novo *deus de si* mesmo, a humanidade parece estar mais perdida, vazia e infeliz do que nunca. Portanto parecer é o que importa, mesmo que seja um especializar-se na arte do faz de conta. Eu pareço configura-se no novo código social. Cria-se dessa forma, uma nova necessidade: a do espetáculo. Cria-se pessoas sem ideais de vida e com ausência de sentido, sem um propósito para sua existência.

Por conta dessa configuração, em que as pessoas possam não estar interessadas na verdade objetiva, não significa que estas sejam incapazes de refletir em categorias objetivas.<sup>141</sup> A natureza humana tem *capacidade de responder à verdade objetiva e apreciá-la*, mesmo que seja suprimida por determinado tempo, hora ou outra reconhece-se seu valor.

Entrementes, quando há percepção do caos derivado do *viver sem bases objetivas e imutáveis*, inicia-se a busca por certezas que possam edificar a própria vida numa fundação sólida.<sup>142</sup>

---

<sup>140</sup> KURZAWA, 2020, p. 29.

<sup>141</sup> KURZAWA, 2020, p. 31.

<sup>142</sup> CARSON, 2015, p. 409.

Há indícios de uma reação global às incertezas do pluralismo e à abordagem subjetiva da verdade. O crescimento do islamismo no ocidente ou do fundamentalismo islâmico no Oriente<sup>143</sup>, são amostras contundentes do desejo humano por uma base sólida.

Portanto, a igreja cristã encontra-se confrontada com a grande instigação de comprovar às pessoas cristãs e à humanidade que a verdade objetiva ainda é relevante, atraente e indispensável.

### 3.3.1 A palavra distorcida: as *fake news* e a perda de confiança na comunicação

Vivemos uma crise da verdade e da palavra, pois, para o relativismo, a verdade é algo que está em constante mudança, que se move de um lado para outro, segundo o juízo de cada um.<sup>144</sup> À perda de confiança do pós-modernismo no valor da verdade. Pois, as palavras perderam seu valor tanto na igreja como na sociedade.<sup>145</sup>

As *fake news* já indicam algo além do sentido normal das palavras. O teólogo Carl F. H. Henry afirma que: O colapso da confiança na comunicação verbal é uma característica dos nossos tempos. Ele salienta que a preferência pelo não verbal é ainda mais notória entre a geração mais jovem, que com frequência crescente imagina as palavras como um disfarce, não uma revelação da verdade; ou seja, as palavras são usadas para esconder, distorcer e enganar.<sup>146</sup>

Não se trata de erro ou desleixo jornalístico, as *fake news* têm um constituinte adicional: a intenção de enganar para uma direção ou fim específico, envolve todo tipo de distorção e enviesamento de conteúdo de modo a torná-lo polarizador, entretentes, notícias falsas elaboradas para despertar a indignação ou a confirmação dos preconceitos do público-alvo. Como escreve Joel Pinheiro: As *fake news* são a mentira intencional a serviço de alguma causa escusa.<sup>147</sup>

A globalização também permitiu outra característica extraordinária da Pós-modernidade, quando nada mais é estável e tudo se tornou imediato e

<sup>143</sup> “O islã é a religião que mais cresce no mundo. Espera-se que, até o final do século XXI, ela ultrapasse o cristianismo para se tornar a religião com o maior número absoluto de fiéis do planeta”. BERMÚDEZ, Ángel. Por que a América Latina é a única região do mundo onde o islã não cresce. **BBC News Brasil**, 5 abr. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39501016>>. Acesso em: 04 set. 2021.

<sup>144</sup> KURZAWA, 2020, p. 31.

<sup>145</sup> KURZAWA, 2020, p. 31.

<sup>146</sup> CARSON, 2015. p. 409.

<sup>147</sup> PINHEIRO, Joel. Fake news e o futuro da nossa civilização. In: BARBOSA, 2019, p. 88.

descartável, fator importante para o consumo e que precisa ser considerado nas proporções das *fake news*, pois o imediatismo e a ausência de fontes confiáveis e perenes transferem ao imediatismo diário necessidades e emergências novas facilmente rejeitáveis.<sup>148</sup>

### 3.3.2 A necessidade da palavra de conteúdo sólido para a geração pós-moderna

Em vista disso, compreende-se a urgência por uma homilética capacitada à comunicação verbal viva e eficaz, capaz de apresentar a verdade objetiva a essa geração pós-moderna.

Na cosmovisão ou tradição judaico-cristã, onde a palavra é mais do que um meio de comunicação, a própria palavra assume uma conotação religiosa, tornando-se um sinônimo para o divino. No Antigo Testamento o termo *dabar* (palavra, em hebraico) tem o poder de transformação e de reparação, bem mais que um enunciado fonético com algum significado. É, na verdade, palavra-ação.<sup>149</sup>

Independente do ambiente, privado ou público, as palavras têm sua importância, não devem ser negadas ou diminuídas. As palavras bíblicas ou teológicas seguem na mesma proporção de relevância, muito mais por conta de sua força criadora e transformadora (Gênesis 1 e 2).

*Dabar* não é só retórica, mas a palavra que faz acontecer. Por isso ela tem um sentido ativo, dinâmico. Usando somente o primeiro relato da criação como exemplo, vemos que a palavra tem uma conotação divina porque ela serve para criar, organizar, dar nome, abençoar e incumbir. No Antigo Testamento, a palavra está em profunda ligação com o Espírito de Deus, pois ambos provêm da sua boca (SI 33.6).<sup>150</sup>

Ao lermos o Novo Testamento, mais especificamente no Evangelho Segundo João, vemos a palavra – o Logos – *o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vemos a sua glória, glória como do unigênito do Pai* (João 1.14), ou seja, o Verbo é Deus. Por meio deste Verbo todas as coisas foram criadas e subsistem. Enfim, a palavra se encarnou, se corporificou. Nascendo como criança, a palavra toma corpo, é sangue, vida na vida.<sup>151</sup>

<sup>148</sup> KURZAWA, 2020. p. 19.

<sup>149</sup> DEIFELT, Wanda. Palavras e outras palavras: a teologia, as mulheres e o poder. **Estudos Teológicos**, Vol./No. 36/1, p. 7-16, 1996. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/808/738](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/808/738)>. Acesso em: 10 set. 2021.

<sup>150</sup> DEIFELT, 1996, p. 7.

<sup>151</sup> CARSON, D. A. **O comentário de João**. 3. reimpressão. São Paulo, SP: Shedd Publicações, 2015. p. 10-17.

Palavras integram o processo de reflexão, auxiliam no autoconhecimento e proporcionam a conscientização. Assim, é composto o texto bíblico que contém um número imensurável de temas, situações, relatos, parábolas, etc.; que se tornam equiparáveis com a história de vida das pessoas na atualidade, propiciando reflexão e troca de experiências. Uma rica possibilidade de perceber-se parte da criação, e não um fragmento diluído num mundo líquido, mas análogo a vida com o todo.<sup>152</sup>

A mensagem do Evangelho, da vida plena em Jesus, da vida eterna, contrapõe a máxima da modernidade líquida de Zygmunt Bauman: *Vivemos em tempos líquidos. Nada foi feito para durar*. Onde emergem o individualismo, a fluidez e efemeridade das relações.<sup>153</sup>

Talvez, para este contexto líquido pós-moderno que vive a obsolescência instantânea, sem utopia, sem satisfação pelo passado, carente, cheio de necessidades já entranhadas ou permanentemente irrealizadas, sejam um indício para a pregação da Palavra Sagrada, na forma como a Bíblia conta a história de vida das pessoas que caminharam ou não com Deus, um contar da vida, que facilmente promove um beneplácito entre o ontem e o hoje. A própria Bíblia prega para o dia-a-dia de cada pessoa, um anúncio eficaz, não com rigor teológico de caráter dogmático, mas com simplicidade, utilizando a técnica milenar do contar histórias.<sup>154</sup>

As palavras precisam falar pra vida das pessoas, ainda mais em tempos de vazio existencial, da falta de sentido, mundo fragmentado-cético e individualizado. O verbo deve continuar a se fazer carne. Parafraseando as palavras do teólogo e pastor C. H. Spurgeon: anunciar a palavra de Deus *é um mendigo contando a outro onde encontrar pão*. Por isso, a pregação deve ser atraente, saciar a fome e a sede de quem a recebe. Não só pão e água físicos que alimentam o ser humano, *mas de toda palavra que procede da boca de Deus* (Mateus 4.4).

### **3.3.3 Quando a palavra desvia o sentido: a teologia da prosperidade**

O oposto observa-se na contemporaneidade, muitos espaços da fé cristã, em vez de oferecerem o pão, estão tomando o pão da mesa das pessoas. Isso se dá pela priori ou hermenêutica adotada por muitos líderes religiosos e conseqüentemente

---

<sup>152</sup> BAUMAN, 2013, p. 22.

<sup>153</sup> BAUMAN, 2001, p. 25.

<sup>154</sup> MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 8-14.

suas instituições. A exemplo dos adeptos da Teologia da Prosperidade, que refutam os princípios bíblicos e adotam regras de mercado, da globalização da economia, para promover seus projetos de poder e riqueza.<sup>155</sup>

Este nicho religioso advindo do pentecostalismo norte americano, busca ser (mesmo que negando), e tornou-se no Brasil influente peça de comando na mídia, como na esfera política e econômica, no legislativo e no executivo, a fomentar uso de tributos e recursos fiscais, como o afluir de prósperos cidadãos a sua logo marca.<sup>156</sup>

Sem contar, o contínuo depreenhar das multidões de miseráveis e desesperados, que a ela recorrem pelas promessas feitas nos meios midiáticos. A globalização da fé. Promessas, segundo as quais Deus reserva sucesso financeiro, saúde e realizações na vida para aquelas pessoas que com *signal de fé se comprometem*.<sup>157</sup> Desta forma, o ofício da pregação dito bíblica, num viés consumista, tem favorecido o crescimento da desconfiança no valor da verdade objetiva e da Palavra Bíblica.

### 3.4 ALGUNS PRECEDENTES TEÓRICOS DA TEOLOGIA PÓS-MODERNA

Constatamos até aqui, que durante a modernidade aconteceram profundas transformações e reorganizações sociológicas, que puderam ser sentidas e registradas em todos continentes. Por exemplo, afloram nas academias muitas progressões intelectuais das mais diversas áreas. O mundo, previamente na Europa, e subsequentemente, no Novo Mundo, experimenta o inchaço urbano pelos grandes contingentes populacionais, que migraram do campo para as cidades, movidos pelo surgimento de indústrias e suas atividades produtivas. Há grande produção de produtos e de conhecimentos.

Já um pouco antes, a fé cristã e a teologia vivem um movimento intenso no período após a Reforma do século XVI, com a ascensão do misticismo religioso no campo protestante, seguido pelo racionalismo do liberalismo teológico alemão.<sup>158</sup>

---

<sup>155</sup> CUNHA, Magali do Nascimento. Religião na esfera pública: a tríade mídia, mercado e política e a reconstrução da imagem dos evangélicos brasileiros na contemporaneidade. **Religião e Sociedade: desafios contemporâneos**, São Leopoldo, RS, 2012. p. 173-188.

<sup>156</sup> CUNHA, 2012. p. 185-187.

<sup>157</sup> O sinal de fé são as generosas ofertas de dinheiro e bens entregues à instituição religiosa ou a donos.

<sup>158</sup> PORTELA, Solano. Desconstrução e Reconstrução: O pós-modernismo, da Teologia da Esperança à Teologia da Nova Era, e seus reflexos no campo educacional. **Fides Reformata** – v. XXVI, n. 1 – São Paulo: Mackenzie, 2021. p. 31. Disponível em: <<https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2021/07/Fides-26-1-2-Descnotrucao-e-Reconstrucao-O-Pos-Modernismo-Solano-Portela.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2022.

Possivelmente poderíamos classificar a primeira metade do século 20 como um *período de transição* entre a teologia *moderna* e a *contemporânea*. Referimo-nos à progressão do pensamento de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), passando por Søren Kierkegaard (1813-1855), Karl Barth (1886-1968), Paul Tillich (1886-1965), Rudolf Bultmann (1884-1976) e os filósofos analíticos, encerrando-se com os teólogos da “Morte de Deus”. Este foi um período marcado por um novo subjetivismo e por uma abordagem individualista, no qual definições e expressões linguísticas foram consideradas amorfas e reduzidas a praticamente serem sem sentido em si próprias, adaptáveis à compreensão e intenção individuais, tanto dos proponentes como de seus ouvintes ou leitores.<sup>159</sup>

Registra-se a transição do consolidado liberalismo teológico alemão para o estabelecimento da teologia pós-moderna que aposta e favorece a hermenêutica<sup>160</sup> pós-moderna da desconstrução ou nova hermenêutica, tendo como seu expoente criador o filósofo argeliano Jacques Derrida. Nesta hermenêutica da desconstrução, predomina o relativismo absoluto [e] a verdade objetiva é intolerável e inexistente.<sup>161</sup>

Enquanto esse período de transição constrói uma ponte entre o moderno e o contemporâneo, podemos afirmar que praticamente todas as proposições teológicas novas que surgiram no século 20, a partir da década de 1960, poderiam ser classificadas como degraus para a ascensão do período e pensamento pós-moderno, no qual, como civilização, estamos submersos. Visualizamos em cada expressão dos pensamentos teológicos, desde os “Teólogos da Morte de Deus”, elementos do pós-modernismo, quer de maneira incipiente, quer de forma bastante explícita e madura, até que eles se juntam em um amalgamado que pode ser denominado Teologia Pós-Moderna.<sup>162</sup>

Antes de Jacques Derrida (1930-2004), deve-se citar o filósofo e historicista alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911), considerado o pai da nova hermenêutica, que a adota como metodologia para balizar sua pesquisa e trabalhos, nomeando-a como a ciência do espírito, a qual assume uma função de interpretação histórica.<sup>163</sup>

Nesta perspectiva, Dilthey presume que a cultura possibilita o entendimento da humanidade de forma mais abrangente, e ela é a fonte das reais condições

<sup>159</sup> PORTELA, 2021, p. 32-33.

<sup>160</sup> As raízes da palavra hermenêutica residem no verbo grego *hermeneuein*, usualmente traduzido por “interpretar”, e no substantivo *hermeneia*, “interpretação”. Uma exploração da origem destas duas palavras e das três orientações significativas básicas que elas veiculavam no seu antigo uso esclarece consideravelmente a natureza da interpretação em teologia e em literatura e servira no atual contexto de introdução válida para a compreensão da hermenêutica moderna. PALMER, Richard. E. **Hermenêutica**. Lisboa, Portugal. Edições 70, 1969. p. 23.

<sup>161</sup> HENRY, Carl F. H. “**Postmodernism: the new specter?**” In: DOCKERY, David. S., org. *The challenge of postmodernism: an Evangelical engagement*. Grand Rapids - Michigan: Baker. 1997. p. 38.

<sup>162</sup> PORTELA, 2021. p. 33.

<sup>163</sup> DILTHEY, Wilhelm. **Introdução às Ciências Humanas**: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história. São Paulo/SP: Forense Universitária, 2010. p. 84-92.

psíquicas e históricas do ser humano no tempo, com isso, sua hermenêutica pretendia interpretar as mudanças culturais dentro do seu contexto histórico. O resultado final é o relativismo, que se adéqua distintamente às premissas historicistas.<sup>164</sup>

Diferente de Paul Ricoeur, que utiliza uma *via longa*, com vários métodos, como o método histórico-crítico para interpretar e realizar uma releitura, que também pode ser chamada de nova homilética, mas que traz uma relação dialética entre mundo do texto e mundo frente ao texto, como representância (*représentance*) revelante e transformante. E é nesse ponto que as Sagradas Escrituras ocupam o posto de fonte de revelação e inspiração.<sup>165</sup>

### 3.4.1 O pensamento teológico pós-moderno

A teologia pós-moderna tematiza de forma subjacente a desconstrução e reconstrução de pontos fundamentais da tradição cristã, com um progressivo desvio dos princípios bíblicos, lançando dúvidas sobre princípios e valores considerados eternos, que até então direcionavam as pessoas cristãs, pois diminuem a Bíblia como palavra inerrante.<sup>166</sup>

Esta proposta contemporânea, conforme o doutor e professor Francisco Solano Portela Neto, é percebida, especialmente, em cinco escolas de pensamento teológico pós-moderno, que não possui um viés com preposições, mas uma persuasão contemporânea que admite a coexistência pacífica de muitas assertivas, “[...] pensamentos, postulados pluralistas desconexos, ou até contraditórios, encontram o seu próprio espaço na arena filosófico-teológica”.<sup>167</sup>

---

<sup>164</sup> ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig Brian. **A arte e o ofício da pregação bíblica**. São Paulo, SP: Shedd Publicações, 2009. p. 590.

<sup>165</sup> RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**. Tradução: Artur Morão. Porto: Porto Editora, 1995. p. 120.

<sup>166</sup> PORTELA, 2021, p. 29.

<sup>167</sup> PORTELA, 2021, p. 30.

As cinco escolas que Portela menciona são: Teologia da Esperança<sup>168</sup>, Teologia da Libertação<sup>169</sup>, Teologia Feminista<sup>170</sup>, Teologia do Processo<sup>171</sup> e Teologia da Nova Era.<sup>172</sup> Estas escolas ou correntes teológicas contribuem ou criam pontos de intersecção acentuados com o pós-modernismo, tendo como característica comum a crítica ao pensamento cartesiano ou a rejeição da existência de uma verdade absoluta.<sup>173</sup>

Todas essas, entendemos, floresceram debaixo do guarda-chuva do pós-modernismo, contribuíram com ele e abraçaram a *desconstrução* e *reconstrução* como eixo norteador do “fazer teologia”. As conclusões a que chegam refletem um sentimento de necessidade de apresentar a quebra do tradicional, concretizando essa ânsia em uma sanha demolidora de valores passados, uma desconsideração para com âncoras metafísicas, tais como o entendimento das Escrituras como Palavra de Deus que contém verdades proposicionais absolutas e confiáveis. Essa desconsideração resulta em formulações teológicas fluidas nas quais a apreensão humana é colocada como norteadora da compreensão do transcendente. Descartam-se princípios que eram aceitos como alicerces de uma boa teologia e subjuga-se a Escritura ao contexto social, acatando-se este como árbitro e chave hermenêutica de interpretação. Resumindo: o pós-modernismo latente

<sup>168</sup> TEOLOGIA DA ESPERANÇA de Jürgen Moltmann – Deus é sujeito ao processo temporal, busca pela transformação social em tempos de crise e a eternidade se perdeu no tempo, assim o futuro é algo desconhecido ao ser humano e para Deus, o futuro significa liberdade e que liberdade é subjetividade. MONDIN, Battista. **Os grandes teólogos do século vinte**. São Paulo: Teológica; Paulus, 2003.

<sup>169</sup> TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO - um movimento supradenominacional, suprapartidário e inclusivista de teologia política, que engloba várias correntes de pensamento que interpretam os ensinamentos de Jesus Cristo em termos de uma libertação de injustas condições econômicas, políticas ou sociais. Ela foi descrita pelos seus proponentes como uma reinterpretação analítica e antropológica da fé cristã, em vista dos problemas sociais, mas seus oponentes a descrevem como um marxismo, relativismo e materialismo cristianizado. DUSSEL, Enrique. **Teologia da Libertação – Um panorama do seu desenvolvimento**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

<sup>170</sup> TEOLOGIA FEMINISTA (ENGLIBA TEOLOGIA FEMINISTA NEGRA E TEOLOGIA ECOFEMINISTA) - é um movimento encontrado em várias religiões, como budismo, cristianismo, e judaísmo, que reconsidera as tradições, práticas, escrituras e teologias dessas religiões a partir de uma perspectiva feminista. Alguns dos objetivos da teologia feminista incluem o aumento do papel das mulheres no clero e nas autoridades religiosas, uma reinterpretação do imaginário e da linguagem patriarcal/machista a respeito de Deus, a determinação do lugar das mulheres em relação à carreira e maternidade e estudos sobre o papel das mulheres em textos sagrados e a religião matriarcal. ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. **Rev. Estud. Fem**, 14 (1), abr, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/ij/ref/a/ZZ7mhVDBZCMGLmnDMPBMhNS>>. Acesso em: 18 set. 2021.

<sup>171</sup> TEOLOGIA DO PROCESSO - baseia-se na filosofia de que o único absoluto que existe no mundo é a mudança. Portanto, Deus também está mudando constantemente, nega a divindade de Jesus, pois não há nenhuma diferença intrínseca entre Jesus de qualquer outro ser humano. MESLE, C. Robert. **Teologia do Processo: uma introdução básica**. São Paulo: Paulus, 2013. p. 5-8.

<sup>172</sup> TEOLOGIA DA NOVA ERA – movimento que busca restaurar a tradição sagrada do ser humano postulando um saber místico, pretendendo conectar o ser humano ao transcendente partindo não de instituições específicas, mas de conhecimentos e prática do esoterismo, ocultismo e magia. In: BIRCHAL, F. F. S. Nova Era: uma manifestação de fé da contemporaneidade. **Horizonte – Revista de estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 5, n. 9, p. 97-105, 3 dez. 2006. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/481>>. Acesso em: 22 set. 2022.

<sup>173</sup> PORTELA, 2021, p. 30.

nessas correntes, naturaliza a religião e extirpa o sobrenatural do relacionamento e comunicação entre o Criador e suas criaturas.<sup>174</sup>

Assim, a tendência do pós-modernismo e da pós-verdade na necessidade de relativizar todas as coisas, manifesta-se diretamente no embate com a doutrina tradicional cristã - propositora de verdades - tentando desmanchá-la.

### 3.4.2 A inexistência de absolutos, a falência moral e o vazio existencial

Nesta perspectiva, onde não há absolutos, existe um colapso de significados, perdem-se as referências e os critérios morais, potencializando a falência da moral. O Deão e professor Gene Edward Veith Jr. ao fazer uma avaliação cristã do pensamento e da cultura atual, afirma que, se a verdade é relativa, e se não pode existir absolutos, então não há possibilidade de haver estabilidade, de modo consequente, a vida perde o seu sentido.<sup>175</sup>

Gene Veith avança em sua análise, menciona o perigo do progressismo para fé cristã, o pensamento que conjectura que o *novo* seja melhor do que aquilo que é *velho*. Consequentemente, adeptos progressistas tendem a inibir, desaconselhar, vetar ideias antigas, para favorecer *novas ideias, últimos desenvolvimentos e pensamento de última geração*. Não obstante, uma tentativa de paganizar o cristianismo.

### 3.4.3 Quando a teologia quer superar Deus

O teólogo e professor John Samuel Feinberg assinala que uma peculiaridade existente nas formulações teológicas contemporâneas é a divinização do ser humano e a humanização de Deus. O filósofo brasileiro Luiz Felipe Pondé afirma:

Tinha razão Heine, pensador alemão do século 19, quando disse, sobre os teólogos de sua época, "Só se é traído pelos seus", referindo-se ao ateísmo implícito de muitos dos teólogos de sua época, que se preocupavam mais com o personagem histórico de Jesus do que com a ideia clássica ao cristianismo de que Jesus seria também Deus.<sup>176</sup>

---

<sup>174</sup> PORTELA, 2021, p. 30-31.

<sup>175</sup> VEITH, JR., Gene Edward. **Tempos pós-modernos: Uma avaliação cristã do pensamento e da cultura de nossa época**. São Paulo: Cultura Cristã, 1999. p. 30-40.

<sup>176</sup> PONDÉ, 2012, p. 79.

É salutar e conveniente progredir na apreciação do que é anunciado nos púlpitos das igrejas, uma vez que a desconfiança está sobre o referencial da Teologia Pós-moderna, que está adequada ao tripé da pós-modernidade: Pluralismo, Privatização e Secularização, pois nunca houve um período na história mundial e da igreja, que tratou Deus como sujeito e não soberano, e as pessoas mais como regentes dos seus próprios destinos do que como criaturas caídas necessitadas de redenção.<sup>177</sup>

### 3.4.4 Crítica à Nova Homilética

Seguindo nessa priori progressista, torna-se proveitoso analisar o que tem fomentado a forma como as Escrituras estão sendo interpretadas, ou seja, a hermenêutica adotada, que especificamente reflete na homilética adotada, em questão, a nova homilética. É nova pelo fato de que se afasta da pregação tradicional e da pregação querigmática de Karl Barth. A primeira se concentrava na transmissão de uma ideia, enquanto a segunda foca na mediação.<sup>178</sup>

David James Randolph cunhou o termo nova homilética e formalizou os ensinamentos de Ebeling e Fuchs em seu livro marco, *The Renewal of Preaching [A renovação da pregação]*, de 1969. Ele define assim a nova homilética: “A pregação é o evento em que o texto bíblico é interpretado para que seu sentido se expresse na situação concreta dos ouvintes”. [...] O sermão está sendo entendido como evento, e as consequências disso estão começando a ser entendidas de uma maneira nova.<sup>179</sup>

As raízes da nova homilética estão no trabalho hermenêutico de Gerhard Ebeling e Ernest Fuchs. Para eles, a suposta separação entre teologia do púlpito e as pessoas nos bancos era uma ameaça à pregação. Ambos os autores insistem na relevância prática para o mundo de hoje.<sup>180</sup>

A ênfase em aplicação prática como oposta à proposição bíblica tem conexão com a obra de Rudolf Bultmann, que afirmava que o Cristo ressurreto vem aos ouvintes nas palavras da pregação e chama homens e mulheres à fé. O desejo era que o evangelho falasse de maneira nova para o ouvinte, que chamasse um mundo novo à existência. Juntamente com o filósofo Martin Heidegger, Bultmann afirmava que a própria linguagem é a interpretação e,

---

<sup>177</sup> PORTELA, 2021, p. 33-34.

<sup>178</sup> GIBSON. Scott M. A crítica a nova homilética: Examinando a conexão entre a nova homilética e a nova hermenêutica. In: ROBINSON, 2009, p. 589.

<sup>179</sup> GIBSON In: ROBINSON, 2009, p. 591.

<sup>180</sup> GIBSON In: ROBINSON, 2009, p. 589.

portanto, não pode ser entendida em referência a textos antigos como de alguma forma corporificada a verdade objetiva.<sup>181</sup>

### 3.4.5 O relativismo da Nova Homilética e a perda da autoridade bíblica

A nova hermenêutica pós-moderna da desconstrução diretamente faz a conexão com a nova homilética, onde, um fator evidente é a tendência a se distanciar da objetividade, um traço fundamental do pós-modernismo, potencializando a subjetividade que, para contemporaneidade, é qualificado como entretenimento prazeroso.

Em primeiro instante demonstra ser uma ideia com eficácia, mas seu efeito em longo prazo é a perda de valor das palavras, solapando o lugar da linguagem. Em vista disso, enfrentamos um desafio intelectual.<sup>182</sup>

[...] desconstrução tem uma implicação profunda para a teologia, considerando que a “verdade objetiva deve ser substituída pela verdade hermenêutica”. Isso significa que os textos sagrados, como a Bíblia, não possuem um significado último nem são textos autoritativos. Na realidade, a rede ou a teia de relacionamentos fora do texto podem determinar tanto o significado do texto, como a natureza de sua autoridade. Um exemplo disso, dentro da tradição presbiteriana-reformada, é a controvérsia formada em torno da ética sexual e as maneiras nas quais posições diferentes têm sido propostas apoiadas na interpretação dos textos bíblicos. Uma leitura tradicional do texto e uma desconstrução pós-moderna do texto resultam em interpretações com enormes diferenças entre si.<sup>183</sup>

### 3.4.6 Os efeitos na cultura e no meio social

Distanciar da objetividade e promover a subjetividade, diretamente fomenta as reflexões e a formação intelectual – pensante de gerações inteiras, uma persuasão à conduta pelo meio, de como este deseja que a palavra ou o mundo seja visto.<sup>184</sup> Portanto, cabe primeiramente permanecer nesta reflexão sobre o desafio intelectual e subjugação do meio, no indivíduo, para mais a frente poder realizar uma crítica mais concisa à nova homilética.

O sociólogo francês Émilie Durkheim afirma que: Sendo hoje incontestável, porém, que a maior parte de nossas ideias e de nossas tendências não é elaborada

<sup>181</sup> GIBSON In: ROBINSON, 2009, p. 589-590.

<sup>182</sup> CARSON, 2015, p. 409-410.

<sup>183</sup> PORTELA, 2021, p. 39.

<sup>184</sup> DURKHEIM, Emile. **As Regras do Método Sociológico**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 1-5.

por nós, mas nos vem de fora, elas só podem penetrar em nós impondo-se.<sup>185</sup> Uma concepção funcionalista, em que as consciências individuais estão condicionadas ou formadas pela sociedade. Uma construção do ser social, que em grande parte é efetivada pela educação, onde o indivíduo assimila uma série de normas e princípios – sejam morais, religiosos, éticos ou de comportamento – que baliza a conduta do indivíduo num grupo. Ou seja, o sujeito acaba sendo tornado, um produto da sociedade, e não o formador dela.<sup>186</sup>

Muitas afirmações deste raciocínio observam-se na polarização em que o mundo ocidental caminha, seja nas eleições norte-americanas, como nas últimas eleições no Brasil e todo movimento em torno da Pandemia da COVID 19.<sup>187</sup> Onde nasceram fatos sociais relevantes dotados de imperatividade.

Registra-se uma coação psicológica do indivíduo em determinadas posturas, ações e pontos de vista. Quando há evasão a esses padrões, acontece uma censura objetiva, que parte do meio social para com a pessoa, excluindo-a do grupo social, ou ainda acontece uma censura subjetiva, em que impera o medo, a ansiedade reprimindo o subconsciente individual para certas práticas, pois este deseja não ser excluído ou visto negativamente.<sup>188</sup>

Neste princípio durkeiano, o indivíduo formatado em grande parte pela educação, age numa racionalidade hermenêutica diferente da cosmovisão bíblica, do anúncio do Evangelho. Pois, o argumento no agir pedagógico não está fundamentado nos dados empíricos ou na verdade absoluta, sua verdade constitui-se pelas condições humanas do discurso e da linguagem. Uma ação educativa em constante busca de possíveis sentidos e justificações.<sup>189</sup>

---

<sup>185</sup> DURKHEIM, 2007, p. 4.

<sup>186</sup> DURKHEIM, 2007, p. 4.

<sup>187</sup> “COVID 19 - é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Alguns pacientes podem apresentar dores, congestão nasal, dor de cabeça, conjuntivite, dor de garganta, diarreia, perda de paladar ou olfato, erupção cutânea na pele ou descoloração dos dedos das mãos ou dos pés. Esses sintomas geralmente são leves e começam gradualmente. Algumas pessoas são infectadas, mas apresentam apenas sintomas muito leves. A maioria das pessoas (cerca de 80%) se recupera da doença sem precisar de tratamento hospitalar. Uma em cada seis pessoas infectadas por COVID-19 fica gravemente doente e desenvolve dificuldade de respirar. As pessoas idosas e as que têm outras condições de saúde como pressão alta, problemas cardíacos e do pulmão, diabetes ou câncer, têm maior risco de ficarem gravemente doentes. No entanto, qualquer pessoa pode pegar a COVID-19 e ficar gravemente doente”. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE - OPAS. **Folha informativa sobre COVID-19**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 18 set. 2021.

<sup>188</sup> DURKHEIM, 2007, p. 7-8.

<sup>189</sup> DURKHEIM, 2007, p. 6.

### 3.5 A NOVA HOMILÉTICA SE APRESENTA COMO UMA EXPERIÊNCIA E NÃO COMO BUSCA DA VERDADE

Considerando algumas destas ponderações quanto a nova hermenêutica, e um lote de substantivos da pós-modernidade como: subjetivismo, relativismo, individualismo, polarização, etc. Fomentam o intelecto das pessoas, as quais a pregação da Nova Homilética busca proporcionar um evento experimentado [...] A ênfase na experiência certamente levanta questões sobre a dependência do movimento do paradigma e das pressuposições modernas liberais.<sup>190</sup>

Há um deslocamento da homilética tradicional baseada em determinar o sentido original do texto para o sermão como evento discursivo que revela seu significado por meio de seu relacionamento com seu contexto, com a fé e com o ouvinte e a comunidade. O sermão é visto como um evento ou uma experiência.<sup>191</sup>

E o mais intrigante é o fato de o sermão assumir uma sequência narrativa de ideias tramadas, chamado de movimento ou *trama homilética*, que depende da indução, da metáfora, da linguagem performativa – da evocação como chave, que estrategicamente *não anunciam uma conclusão*.<sup>192</sup>

#### 3.5.1 Características da pregação na nova homilética

##### A – O texto e o intérprete

O texto deixa de ser o centro de autoridade, mas a centralidade se encontra na pessoa ouvinte no contexto da comunidade. A autoridade acontece no relacionamento entre pregador, que tem suas pressuposições, o texto deixa de ser objeto e a congregação. Assim, o texto não é mais considerado objeto, e o intérprete o sujeito. Em vez disso, o intérprete é ele mesmo objeto de interpretação. Em muitos casos, há adeptos da nova homilética que acabam por dispensar completamente o uso do texto bíblico: Não devemos dizer que a pregação com base nas Escrituras é requisito para que sermões sejam a Palavra de Deus.<sup>193</sup>

<sup>190</sup> GIBSON In: ROBINSON, 2009, p. 593.

<sup>191</sup> GIBSON In: ROBINSON, 2009, p. 590.

<sup>192</sup> GIBSON In: ROBINSON, 2009, p. 592.

<sup>193</sup> GIBSON In: ROBINSON, 2009, p. 592.

Pouco se menciona da ação (papel e trabalho) do Espírito Santo na literatura da nova homilética, e pouquíssimo na pregação. A responsabilidade recai sobre a performance da pessoa que prega, na sua capacidade de gerar experiência religiosa.<sup>194</sup>

O pregador e a pregadora se tornam diretores de eventos, como resultado, isso os afastou de serem mestres da verdade. Entrementes, há uma confiança excessiva no método homilético para que ele produza eventos experienciais transformadores, em vez de uma confiança no poder da verdade bíblica aplicada ao coração humano pelo poder do Espírito Santo.<sup>195</sup>

Esses pontos de vista não são únicos, com certeza há visões variadas dentro da nova homilética, mas o acima mencionado conduz à segunda preposição.

#### B – A prevalência do indivíduo

O professor de pregação Scott M. Gibson afirma que *a ênfase na aplicação causou um deslocamento do uso objetivo da Bíblia para o subjetivo*. Já o professor Fred Graddock argumenta: *É, portanto, sem sentido falar do evangelho como verdade em si e por si mesmo; o evangelho é ‘Verdade para nós’*.<sup>196</sup>

Desta forma é necessário ter consciência que a preposição contida no destaque concedido a linguagem, afeta a natureza da Bíblia, *não mais considerada como autoridade objetiva*. Gibson enfatiza que *a nova hermenêutica na nova homilética essencialmente perdeu o significado bíblico por causa da ênfase exagerada no papel do ouvinte*.<sup>197</sup>

A nova homilética trouxe a consciência da importância crucial em conectar o pregador ao ouvinte, para que este vivencie a experiência do sermão. Contudo, *como acontece com o uso da linguagem pela nova homilética e a ênfase na inspiração colocada no lugar errado, porém, uma preocupação indevida com o ouvinte pode causar desequilíbrio e um foco erroneamente direcionado para o pregador*.<sup>198</sup> Segue a pressuposição final, considerando estas duas primeiras marcas.

#### C – A experiência como autoridade

<sup>194</sup> GIBSON In: ROBINSON, 2009, p. 595.

<sup>195</sup> GIBSON In: ROBINSON, 2009, p. 595.

<sup>196</sup> GIBSON In: ROBINSON, 2009, p. 593-594.

<sup>197</sup> GIBSON In: ROBINSON, 2009, p. 595.

<sup>198</sup> GIBSON In: ROBINSON, 2009, p. 594.

Na nova homilética, a pessoa que prega, unida às pessoas que ouvem, *criam a experiência do significado*, já na homilética clássica, o pregador interpretava e levava o significado e a aplicação do texto, das verdades divinas para a congregação.

Por meio de uma teoria de linguagem bastante complicada, a nova homilética deslocou o foco da homilética do entendimento tradicional do pregador pregando com base na autoridade da Bíblia para o evento experiencial do ouvir do texto na vida do ouvinte. Há muito que apreciar nas metodologias e preocupações expressas na nova homilética. Entretanto, os pregadores não devem aceitar ingênuo ou indiscriminadamente a nova homilética – ou suas práticas – pelo valor do face.<sup>199</sup>

Para finalizar, o fato de o ouvinte experimentar um sermão, não é motivo de discordância para os evangélicos, mas a dificuldade está no foco do sermão. Uma vez que a nova homilética insiste na experiência religiosa e no método homilético, *em vez de uma confiança da verdade bíblica aplicada ao coração humano pelo poder do Espírito Santo*.<sup>200</sup>

Torna-se essencial ter uma homilética orientada com as verdades objetivas e absolutas, por princípios bíblicos, mesmo que sejam conflitantes ou opostas às da contemporaneidade. Se o discurso é hegemônico em prol das escolhas pessoais e do relativismo, que, ao menos, o cristianismo permaneça com a Bíblia que é a Palavra de Deus e a verdade. E com Jesus Cristo que é Deus e suficiente Salvador. E estas são verdades objetivas e absolutas para a fé cristã.

### 3.6 UMA BUSCA POR VERDADES

As perspectivas pela sabedoria secular não são nada animadoras. Um contexto marcado pela subjetividade que formata a personalidade do indivíduo contemporâneo, na pretensão de produção de identidade, de viver em liberdade, mas na verdade o impulsiona ao individualismo, enfraquecendo o lastro da vida comunitária e de pertencimento.

Segundo Lipovetsky, todos estes fatores acima mencionados, podem fortalecer a ascensão de uma hiperindividualização. Ele ainda usa uma expressão muito interessante: *o indivíduo é livre e senhor de si*. A liberdade é cerne do pensamento moderno, pois a ideia de que toda pessoa deve ser e viver livre, tem sido

<sup>199</sup> GIBSON In: ROBINSON, 2009, p. 595.

<sup>200</sup> GIBSON In: ROBINSON, 2009, p. 595.

pauta de inúmeros agentes e movimentos sociais. Muitas conquistas foram alcançadas e, paradoxalmente fomentou um mal-estar social. *Liberdade, Igualdade e Fraternidade fizeram o grito da guerra da modernidade. Liberdade, Diversidade e Tolerância constituem a fórmula do armistício da pós-modernidade.*<sup>201</sup>

### 3.6.1 Reação à cultura-mundo: o sujeito precisa de referências sólidas de mundo

A contemporaneidade registra um número cada vez maior de pessoas com sofrimento psíquico na atualidade. Indivíduos sem um referencial, com forte sentimento de vazio, de dor, solidão e de ausência de sentido. Em reação, o imediatismo e a urgência em aliviar-se das dores e do mal-estar, muitas vezes marcado pelas síndromes de pânico e crises de ansiedade.<sup>202</sup>

Desvanecido das culturas de classe, recuo do sentimento de inclusão em uma coletividade, fragilização da vida profissional e afetiva, desestabilização dos papéis e das identidades sexuais, afrouxamento dos laços familiares e sociais, enfraquecimento das orientações religiosas: todos esses fatores acentuaram fortemente a sensação de isolamento das pessoas, a insegurança interior, as experiências de fracasso pessoal, as crises subjetivas e intersubjetivas. Quanto mais o indivíduo é livre e senhor de si, mais aparece vulnerável, frágil, desarmado internamente. Dão testemunho disso a multiplicação dos suicídios e as tentativas de suicídio, a espiral de ansiedade e de depressão, o crescimento da toxomania, dos psicotrópicos e das demandas psiquiátricas.<sup>203</sup>

O reflexo se dá no cotidiano, dificultando a convivência do sujeito com a alteridade no ambiente das relações humanas. Tendem a ser pessoas cada vez mais hiperativas, *sem capacidade de espera ou planejamento específico ou adequado, sem ao menos explicar suas ações, a explosividade, a afetação, a irritabilidade e a violência se impõem como tentativas de proteção contra o desprazer de sua existência.*<sup>204</sup>

Vivemos sociabilidades transitórias. Como resultado, surgem pessoas sem essência, em construção e reconstrução, criaturas com qualidades cambiáveis e móveis. Seres modulares ou *homens modulados*,<sup>205</sup> conforme o termo utilizado pelo

<sup>201</sup> BAUMAN, Z. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar. 1999. p. 109-110.

<sup>202</sup> BIBLIOTECA VIRTUAL DA SAÚDE. **Transtorno do Pânico**. Disponível em: <<https://bvsmis.saude.gov.br/transtorno-do-panico/>>. Acesso em: 20 out. 2021.

<sup>203</sup> LIPOVETSKY, 2011, p. 55.

<sup>204</sup> BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade**: espaço, dor e desalento na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. p. 45-60.

<sup>205</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 61.

sociólogo polonês Zygmunt Bauman, ao afirmar que os hiperindivíduos não têm perfil nem função predeterminados. Seres modulares, que segundo Lipovetsky, são indivíduos com liberdade e *vida à la carte*.

Os valores hedonistas, a oferta sempre maior de consumo e de comunicação, a contracultura convergira para acarretar a desagregação dos enquadramentos coletivos (família, Igreja, partidos políticos, moralismo) e ao mesmo tempo uma multiplicação dos modelos de existência: daí o neoindividualismo do tipo opcional, desregulado, descompartmentado. A “vida à la carte” tornou-se emblemática desse homo individualis desenquadrado, liberto das imposições coletivas e comunitárias. Na escala da história, é uma segunda revolução individualista que está em marcha, instituindo desta vez um individualismo acabado, extremo: um hiperindividualismo.<sup>206</sup>

Mesmo com suposto ganho de liberdade, constata-se maior número de incertezas sobre como se deve agir no meio social, favorecendo a sensação de desconexão. Um processo de particularização social tão acentuado, que parece não haver mais condições para estabelecer um espaço comum. Portanto, a vivência contemporânea é marcada pelo estranhamento. Segundo o autor Bernardo Sorj: *destrói-se, até certo ponto, uma das bases fundamentais da cidadania; o sentimento de pertencer a um mundo de pessoas iguais.*<sup>207</sup>

O discurso da pós-verdade, com suas principais referências, as quais sejam, a subjetividade, o individualismo, a cultura-mundo, a vida líquida, o hedonismo, etc. Como as relações efêmeras, transitórias não conseguem mais produzir um sentimento de segurança e de confiança. Como afirma Richard Sennett:

Vejam a questão do compromisso e lealdade. “Não há longo prazo” é um princípio que corrói a confiança, a lealdade e o compromisso mútuo. A confiança pode, claro, ser uma questão puramente formal, como quando as pessoas concordam numa transação comercial ou dependem de que as outras observem as regras de um jogo. Mas em geral as experiências mais profundas de confiança são mais informais, como quando as pessoas aprendem em quem podem confiar ou com quem podem contar ao receberem uma tarefa difícil ou impossível. Esses laços sociais levam tempo para surgir, enraizando-se devagar nas fendas e brechas das instituições.<sup>208</sup>

Conforme o acima mencionado, os movimentos sociais tendem a ser fragmentados, uma vez que possuem objetivos únicos, pontuais, efêmeros e

<sup>206</sup> LIPOVETSKY, 2011, p. 48.

<sup>207</sup> SORJ, Bernardo. **A democracia inesperada**: cidadania, direitos humanos e desigualdade social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004. p. 57.

<sup>208</sup> SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 24.

reduzidos a seus *mundos interiores* ou atuando apenas como símbolo midiático com pouca duração no foco dos holofotes. Em tempos virtualizados e velozes, diversos setores da sociedade mundial, nas suas múltiplas instâncias vivenciam uma crise de legitimidade e de confiança, princípio importantíssimo no convívio cotidiano.<sup>209</sup>

Alguns poderiam afirmar que isto já era esperado, como fora escrito num trecho do manifesto do partido comunista de Marx e Engels escrito e publicado entre 1847 e 1848:

Dissolvem-se todas as relações sociais antigas e cristalizadas, com seu cortejo de concepções e de ideias secularmente veneradas; as relações que as substituem tornam-se antiquadas antes de terem um esqueleto que as sustente. Tudo que era sólido e estável evapora-se, tudo que era sagrado é profanado e os homens são, finalmente, obrigados a encarar com serenidade as condições de existência e suas relações recíprocas.<sup>210</sup>

### 3.6.2 Um anúncio sólido do Evangelho

Olhando à luz da Palavra de Deus, poderíamos fazer um paralelo do contexto atual a visão do *Vale dos ossos secos* em (Ezequiel 37.1), onde o profeta Ezequiel é levado por Deus a vislumbrar a oportunidade no tempo de crise, de profetizar e ver o milagre que a Palavra de Deus pode realizar.

Assim, para a fé cristã é oportuno anunciar o Evangelho, pois grandes avivamentos ao longo da história do cristianismo aconteceram em períodos de profunda apatia religiosa, de abandono da fé e de sequidão espiritual.

Portanto, a conclusão não é apocalíptica, tampouco seja possível construir novas alternativas de sociabilidade ou comunitária pela simples participação em qualquer manifestação que prometa um ambiente de equidade. Permanecem os dilemas, a subjetividade tenta produzir sentidos, mas não há solidez no discurso e nas alternativas contemporâneas.

O mundo contemporâneo tem se tornado um território de mudanças confusas e incontroladas. E, em reação a esta desordem vivencial, naturalmente as pessoas propendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, territoriais, étnicas e nacionais.<sup>211</sup>

---

<sup>209</sup> SORJ, 2004, p. 58-59.

<sup>210</sup> KARL, Marx; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Global, 2000. p. 79.

<sup>211</sup> SENNETT, 2007, p. 25-30.

Essa possibilidade de reunir pessoas e grupos de pessoas dispersas na fluidez do contexto atual, poderá ser uma oportunidade para a fé cristã anunciar o Evangelho de Jesus Cristo. Uma ocasião para o anúncio da *Verdade* e da *Sabedoria Bíblica* a este mundo confuso e sem referenciais sólidos, um tempo para trazer esperança às multidões de desesperançados, como dizia o pensador da educação, Paulo Freire, é tempo de *esperançar*. De construir junto aos princípios bíblicos, que viabilizam, portanto, uma análise crítica da realidade a partir de ações coletivas (atos-limite), tornando-a um *inédito-viável*.<sup>212</sup>

Anunciar a perspectiva bíblica para vida humana, para os relacionamentos e práticas humanas, de forma inteligente, íntegra e honesta. Observar a importância de adaptar a mensagem ao meio social e empregar os códigos aceitos pelos receptores, para galgar sucesso da comunicação, mas estas circunstâncias não implicam, obrigatoriamente, no exercício de precarização do conteúdo do Evangelho.

Uma práxis transformadora, que não passa por adaptar-se à corrente da trivialidade, mas pelo caminho mais complicado e lento da geração de confiança.<sup>213</sup> Tornou-se imprescindível a utilização de novas formas e multiplicidade de canais para alcançar aquelas pessoas que desejamos ter como interlocutores. Não subestimar, muito menos tê-los como ouvintes ou receptores passivos.

É fundamental realizar uma troca recíproca de ideias positivas, saberes e fatos constatáveis e verazes, os quais possibilitam a construção de espaços de credibilidade benéfica àquelas pessoas que participam do diálogo e no acolhimento do anúncio do Evangelho. Para que o Evangelho seja relevante para vida e mundo.<sup>214</sup>

As pessoas contemporâneas encontram-se confusas quanto ao sentido de sua existência, quanto aos seus sentimentos e o seu lugar no mundo. Com isso há um deslocamento da identidade do indivíduo, que implica na formatação de uma identidade fragmentada, descentrada, contraditória, flexível, aberta – inacabada.

A moldagem cultural na qual vivemos perdeu o seu centro. *Existe um vazio no coração da nossa cultura*. Precisamos utilizar com clareza *uma narrativa mais*

---

<sup>212</sup> INÉDITO-VIÁVEL - O termo inédito-viável é oriundo de Paulo Freire e pode ser visto como superação das situações-limite. O que é tido como impossível – inviável, mas no presente, ao adotar uma ação transformadora, é vislumbrado como possível – viável. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2011. p. 130.

<sup>213</sup> COVEY, Stephen M. R. **O poder da confiança**: O elemento que faz toda diferença. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: FranklinCovey, 2008. p. 5.

<sup>214</sup> COVEY, 2008, p. 5-7.

*ampla, mais completa, mais coerente, mais abrangente a respeito do que nós, seres humanos, somos, de quem somos e para que serve esta vida.*<sup>215</sup>

Deste modo, tentou-se aplicar na compreensão do funcionamento da pós-verdade, nos seus mais variados desdobramentos e suas causas sociológicas um ângulo objetivamente fixado na realidade social da sociedade contemporânea, na configuração do indivíduo pós-moderno. Uma vez compreendidas as propriedades que fomentam a ampla ingerência da era da pós-verdade, passemos agora a propor uma criteriologia que favoreça uma pregação que comunica de forma viva e eficaz.

### 3.6.2 Conclusão

Constata-se ao longo deste capítulo o paradigma da fé cristã na contemporaneidade. Há uma urgência, a qual demanda de um retorno às bases da cristandade, pois claramente percebe-se o quanto a relativização busca forçar o cristianismo a fazer uma releitura das Escrituras Sagradas, de seus princípios e da Tradição. A teologia e a práxis tem um firme fundamento, Jesus Cristo e seu Evangelho e estes são inegociáveis.

A teologia cristã e a pregação da Palavra são responsáveis em fazer a leitura do contexto atual e empreender um trabalho significativo e relevante em meio aos desafios da pós-verdade; de ser uma voz que ressoe como uma palavra viva e eficaz, que dialogue e proponha um caminho seguro para as expectativas e as questões da atualidade. O caminho tem um nome, Jesus Cristo (João 14.6a).

Para alcançar as pessoas, os pregadores do evangelho devem desafiar a narrativa da cultura em pontos de confrontação e, por fim, recontar essa narrativa, por assim dizer, revelando como suas aspirações mais profundas pelo bem só podem ser realizadas em Cristo. Assim como Paulo, cabe-nos convidar as pessoas e atraí-las por meio das aspirações de sua cultura, chamando-as para que venham a Cristo, a verdadeira sabedoria e a verdadeira justiça, o verdadeiro poder e a verdadeira beleza.<sup>216</sup>

Agora, após o levantamento do contexto e do perfil dos indivíduos que existem no atual arranjo social, esta é a possibilidade de “anunciar [...] o mistério de Deus (1Coríntios 2.1). Quando pregamos as Escrituras, falamos “as palavras de Deus” (1Pedro 4.11).

<sup>215</sup> CARSON, 2015, p. 25.

<sup>216</sup> KELLER, Timothy. **Pregação – Comunicando a fé na era do ceticismo**. Tradução A.G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 21.



## 4 ANÚNCIO VIVO E EFICAZ DA VERDADE NUMA ERA DE PÓS-VERDADE E *FAKE NEWS*

No paradigma da era atual, temos um ethos cultural formado por indivíduos céticos, subjetivos, individualizados e secularizados por forças que impõem as características pós-conservadoras e reflexivas da sociedade pós-moderna. Assim, temos a era da pós-verdade.

Trata-se de uma era marcada pela desconstrução, na qual a objetividade é considerada um mito e os valores absolutos não existem. A sociedade da pós-verdade, mesmo secularizada, mantém a presença do cristianismo bíblico, símbolos, estruturas e rituais clássicos, ao mesmo tempo os seus conteúdos e significados são radicalmente alterados.

Na desconstrução pós-moderna da cosmovisão moderna – por intermédio de um existencialismo radical, cultural e pessoal; pela revolução sexual; pela busca incessante do místico; pela politização da teologia e da ética; e pela explosão do hedonismo e avareza espiritual e material – a linguagem tradicional, as estruturas, os símbolos e rituais são recriados ao ponto em que os seus conteúdos e significados originais não mais existem, mas são substituídos por uma completa nova reconstrução da realidade.<sup>217</sup>

O escritor estadunidense Selwin Duke, em 06 de maio de 2009, escreveu um artigo intitulado *Stopping truth at the bord: banning Michael Savage from Britain*, onde consta a celebre frase: *Quanto mais a sociedade se distancia da verdade, mais ela odeia aqueles que a revelam.*<sup>218</sup> Este pensamento resume em grande parte a importância de anunciar o Evangelho (a verdade bíblica) para a sociedade da pós-verdade, construir pontes ou caminhos de aproximação com a verdade. Uma tarefa árdua, mas possível.

A Reforma Protestante do século 16 fez exatamente isso, buscando as respostas para os desafios de sua época nas Escrituras Sagradas, as quais são autoritativas, inerrantes e centrais para todas as pessoas cristãs comprometidas com

---

<sup>217</sup> HOPKO, Thomas. **Orthodoxy in Pluralistic Post-Modern Societies**. *The Ecumenical Review*, 51, p.364-371. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/j.1758-6623.1999.tb00404.x>>. Acesso em: 06 maio 2021.

<sup>218</sup> PACHECO, Clarisse. Frase sobre 'Sociedade se distanciando da verdade' não é de George Orwell. **Estadão**, 26 jan. 2022. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/george-orwell-quanto-mais-a-sociedade-se-distancia-da-verdade/>>. Acesso em: 09 mar. 2022.

a verdade. Pois a Bíblia sinaliza para a relevância de sermos fiéis aos ensinamentos e princípios previamente revelados, entretanto, o aperfeiçoamento da *transformação pela renovação da mente* (Rm 12.2).

Compreender os aspectos práticos fundamentais no pensamento de Martim Lutero, na hermenêutica reformatória, perpassa a forma como ele discernia a palavra de Deus e como ele a transmitia.<sup>219</sup>

Este capítulo vem propor um caminho homilético confiável para responder o problema central desta pesquisa: *Em que medida a proclamação do Evangelho pode ser realizada com relevância neste contexto vivencial da pós-verdade?*

Dentre vários pontos a serem observados, é salutar buscar por um modo crítico e bíblico ao estruturarmos nossa pregação. A era atual exige mudanças na comunicação. Encontrar um viés de aproximação à compreensão de Lutero sobre a pregação da Palavra de Deus e a tendência da homilética atual, possibilitando uma perspectiva dialogal de forma responsável com a sociedade, sendo gratos pelas coisas boas que ela oferece e, por outro lado, como podemos, de modo firme e fiel, aplicar a ela o Evangelho de Jesus Cristo. Pois, a boa nova para quem crê não é negociável, e sim, essencial para uma vida digna.

Este caminho homilético proposto no terceiro capítulo, é composto por uma tríade de pontos fundantes, qual seja, em forma de princípios, teses e orientações para um anúncio eficaz do Evangelho. Inicialmente é abordada a premissa do diálogo e do relacionamento humano, pois uma boa comunicação deve observá-los. Desta forma, a liberdade de expressão acontece naturalmente, fomentando um ambiente de segurança, possibilitando o confronto em amor.

Num segundo momento é salutar para pesquisa verificar como se deu o processo de evolução da hermenêutica e da homilética no contexto da Reforma Protestante do século XVI, de como estes contrastam com a contemporaneidade.

Do meio para o final, grandes importâncias são desenvolvidas, como a clareza e a simplicidade no anúncio do Evangelho. A partir destas grandezas da comunicação e de toda pesquisa realizada até aqui, constituir uma proposta arquitetônica para elaboração da prédica na era da pós-verdade.

---

<sup>219</sup> ADAM, Júlio Cezar. Homilética da Reforma – Reforma da Homilética: uma reflexão sobre a pregação cristã no contexto brasileiro a partir de princípios homiléticos de Martim Lutero. **REFLEXUS - Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões**, v. 10 n. 16, 2016. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/article/view/425>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

#### 4.1 CONEXÕES COM PESSOAS E CONTEXTOS PARA O ANÚNCIO DO EVANGELHO

Existimos nessa cultura-mundo e o cristianismo vive uma grande oportunidade para testemunhar uma natureza mais autêntica da fé cristã e transmitir o Evangelho a uma *geração que ouve com os olhos e pensa com os sentimentos*. Poder-se-ia dizer que a era da pós-verdade e da pós-modernidade seja um dos arquétipos de pensamento mais oportunos já apresentados a nós para a propagação do Evangelho, uma vez que, em certo sentido, ele preparou o terreno.<sup>220</sup>

A ausência de significado, o consumismo, o hedonismo, cansaço do prazer, cansaço da dor, o estado de tensão emocional e estresses crônicos provocados por condições de trabalho físicas, emocionais e psicológicas desgastantes e os relacionamentos líquidos. Todas essas situações têm exaurido o indivíduo pós-moderno nesta cultura tolerante, oportunizando para conduzi-lo à cruz de Jesus Cristo.<sup>221</sup>

Todas as disciplinas perderam sua “autoridade final”. As esperanças que a modernidade ressaltou – o triunfo da “Razão” e da “Ciência”, que muitos acreditaram que traria a utopia – falharam em quase todos os aspectos. Mesmo com todos os nossos benefícios materiais, ainda existe uma fome pelo espiritual.<sup>222</sup>

O mundo no qual vivemos é feito de relacionamentos e a humanidade é interdependente. E aquilo que se entende por vida, é constrangido a se redefinir, mesmo que de modo drástico, pois a verdade do Evangelho confronta a experiência que temos de nós mesmos como seres viventes neste mundo. No Evangelho, Jesus se dá a conhecer, lá percebe-se o quanto Ele confrontava os primeiros discípulos, as multidões, autoridades e poderes, da mesma forma, hoje Ele confronta a rotina e o caminho que a humanidade opta ou está forçada a seguir.

Um terreno cultural que apresenta na vivência um *Sitz im Leben* muito determinante na máxima de que *para se encontrar, é preciso se perder* contém uma verdade que qualquer um em busca de realização pessoal precisa compreender. A

---

<sup>220</sup> CARSON, 2015, p. 26.

<sup>221</sup> CARSON, 2015, p. 26-27.

<sup>222</sup> CARSON, 2015, p. 29.

igreja também deve manter isso em mente. *As janelas de oportunidades são da maior importância.*<sup>223</sup> Quem tem ouvidos, ouça o que o Senhor nos tem proporcionado.

As técnicas clássicas não funcionam mais. Tanto a linguagem como as frentes de abordagem precisam agir de forma multidirecional e com sabedoria. As tantas redes sociais escancaram o deserto de afeto e comunitariedade vigente na atualidade, para tal, como diz D. A. Carson: “Somente na mensagem do evangelho, que culmina com a adoração, existe coerência – a qual, por sua vez, traz coerência a comunidade dos que creem, onde tanto a individualidade quanto a comunhão são afirmadas”.<sup>224</sup>

O presente trabalho propõe uma renovação da pregação do evangelho, mas que esteja baseada nas formas tradicionais e autênticas, dando continuidade a um anúncio essencial e verdadeiro, mas sem, contudo, distorcer ou alterar a palavra bíblica como se tem feito em muitas igrejas neopentecostais, de teologia da prosperidade ou da *Teologia do Coaching*<sup>225</sup>, típicas da era da pós-verdade.

Se a forma propriamente tradicional se mostra antiquada e ultrapassada, não correspondendo mais à linguagem comunicativa atual, sua autenticidade não pode ser esquecida. Porém, isso não significa distorcer a palavra bíblica para adequá-la a lógicas pós-modernas de esvaziamento do sentido verdadeiro somente para agradar os espíritos atuais. Assim, o caminho é que a verdade bíblica autêntica deve ser anunciada em uma linguagem adequada e reformulada para que faça sentido para os tempos atuais.

#### 4.1.1 Relacionamentos, comunhão e diálogo

O fato é que cristãos precisam aprender a se relacionar com pessoas descrentes de uma maneira significativa se pretendem desenvolver, com estes, um diálogo sobre o Evangelho. A culpa pesa sobre quem se mantém encapsulado e isolado. A botânica Susan Hecht sugere que há três dinâmicas de relacionamento importantes na evangelização dos não cristãos, desde o apático ao moderadamente

---

<sup>223</sup> CARSON, 2015. p. 30.

<sup>224</sup> CARSON, 2015. p. 47.

<sup>225</sup> **A Teologia do Coaching** tem como foco, proporcionar o equilíbrio entre a paz interior do indivíduo e com Deus. A metodologia age de dentro para fora, atuando nas questões internas da pessoa e no seu autoconhecimento. Portanto, a Teologia do Coaching auxilia a pessoa a identificar suas crenças e valores, a reconhecer a sua missão e propósito de vida, a acreditar em si mesmo, a ter amor próprio, a superar limites e assim, deixar um legado positivo, seja em âmbito pessoal ou profissional. ALEXANDRINO, Alan Rennê. **Teologia Brasileira**, n. 94, 2022. Disponível em: <<https://teologiabrasileira.com.br/teologia-do-coaching/>>. Acesso em: 04 abr. 2022.

interessado: (1) *criar um ambiente para o crescimento espiritual*, (2) *estabelecer uma interação persuasiva* e (3) *convencer as pessoas com base em uma caminhada autêntica com Cristo*.<sup>226</sup>

O contínuo diálogo e comunhão com incrédulos, oportuniza uma “plataforma” para interação, a qual capacita para fomentar relacionamentos nos quais pode-se ajudá-los a se mover na direção de considerar o evangelho uma possibilidade real. Pois, o contexto de um relacionamento contínuo abre espaço ao tempo e a oportunidade para o indivíduo incrédulo/cético fazer perguntas, dissipar conceitos equivocados e lutar contra as barreiras que este levantou contra o evangelho.<sup>227</sup> Entrementes, cada pessoa compartilha de diversas comunidades com descrentes, nelas precisa focar intencionalmente a construção de relacionamentos significativos. E nestes, abre-se espaço para temas ou experiências comuns que fornecem estímulos para conversas significativas.

Timothy Keller, pastor fundador da *Redeemer Presbyterian Church* em Nova York, declara: “Pessoas pós-modernas dizem que os grupos e as comunidades são quem formam os valores. Ninguém pode atribuir uma identidade a si mesmo – você não sabe quem é exceto pelo grupo que pertence. Toda verdade e identidade são construídas socialmente, não individualmente”.<sup>228</sup>

Para as pessoas pós-modernas, uma atmosfera de interação intencional sem restrições é uma maneira eficaz de convidar à comunicação, de forma não ameaçadora e um meio de encorajar demonstrações de respeito e sinceridade. Susan Hecht menciona que se conseguirmos nos sentir à vontade com a diversidade de visões e com uma abordagem não linear, a liberdade de troca pode fomentar confiança e abertura para não-cristãos processarem uma informação nova de um modo que condiz com seu estilo de aprendizado.<sup>229</sup>

#### 4.1.2 Liberdade de expressão e segurança

Dar liberdade para expressar ideias e lutas é importante para criar um ambiente seguro, no qual deve-se resistir à tentação de corrigir a cada comentário e

---

<sup>226</sup> CARSON, 2015, p. 269.

<sup>227</sup> CARSON, 2015, p. 270.

<sup>228</sup> KELLER, Timothy. “Preaching to the secular mind”. *Journal of Biblical Counseling*, 14 (Fall), 1995. p. 56. Disponível em: <<https://www.ccef.org/shop/product/jbc-volume-14-1-pdf/>>. Acesso em: 22 set. 2022.

<sup>229</sup> CARSON, 2015, p. 270.

apaziguar cada questão de forma unânime no fim da conversa. A vida não tem contornos nítidos para o pós-moderno, e, em vários sentidos, isso é verdade.<sup>230</sup>

As pessoas cristãs com frequência são acusadas de simplificar as questões da vida de forma tão drástica, por reduzirem problemas complexos a algo que é de fácil resolução. É imperativo admitir que não se tem todas as respostas. Ao mesmo tempo, pessoas cristãs precisam ser capazes de articular porque são compelidas a crer no que creem. Existem questões cruciais sobre as quais a Bíblia é clara. E são essas as questões que podem ser tratadas com confiança e capacidade de persuasão, articulando sua posição.

É importante ter em mente que as pessoas pós-modernas desconfiam de qualquer pessoa que acha que conhece a verdade e que todos demais estejam enganados. Na contemporaneidade, cada pregação acaba sendo uma experiência transcultural e uma oportunidade de construir pontes. Para tal, deve-se adquirir habilidade em transformar princípios e afirmações de ideias proposicionais em ilustrações e histórias que desafiam as pessoas a se apropriar das verdades que você está comunicando. Este foi o modelo de Jesus contar histórias.<sup>231</sup>

Quando há liberdade de expressão e segurança, normalmente as pessoas se mostram interessadas em saber: “O que isso tem a ver comigo?”. A partir disso, podemos nos dar conta de que a Bíblia está repleta exatamente daquilo em que elas estão interessadas: experiência pessoal. A relevância é determinada pela pessoa receptora, não pela emissora. Contudo, não se deve comprometer a verdade, mas antes enfatizar, especialmente quando a conexão é feita, a verdade bíblica que interessa aos ouvintes. Logo, a realidade precisa ser experimentada, pois o pós-modernismo recapturou o coração e nos abriu a nossas emoções.<sup>232</sup>

Ao construir um espaço de confiança, que oferece segurança, respeito e harmonia é momento para não se retrair, a pessoa que anuncia o Evangelho deve cumprir seu chamado e falar a verdade do Reino de Deus. O que desafiará os ouvintes à reflexão e pensamento. Para isso, é indispensável para quem anuncia, saber por que está ali e o que veio fazer. Este é o estímulo para a autenticidade, que é virtude suprema para aproximar-se do centro da verdade bíblica.

---

<sup>230</sup> CARSON, 2015, p. 275.

<sup>231</sup> RICHARDSON, Rick. **A pregação para outras culturas**: Como se conectar em nosso mundo multicultural. In: ROBINSON, 2009, p. 207-208.

<sup>232</sup> MCQUILKIN, Robertson. **Conectando com pós-modernos**: O que adotar, o que adaptar e o que confrontar no pós-modernismo. In: ROBINSON, 2009, p. 211.

É claro que o “autêntico” pós-moderno e o nosso podem diferir, de forma que precisamos ajudar a definir a autenticidade em termos bíblicos. Mas se parecermos autoritários, isso é percebido como arrogância, e o resultado é falta de autenticidade. Nossa apresentação da verdade precisa ser humilde – a apresentação de nós mesmos de uma forma vulnerável. Às vezes em relação aos pós-modernos, a forma em que nos posicionamos em relação à verdade pode no fim se provar tão influente como a própria verdade.<sup>233</sup>

Estabilizar uma conexão segura com as gerações imergidas no pensamento pós-moderno desde a infância e transmitir a elas o Evangelho, carece dar atenção e adotar alguns elementos do pós-modernismo, outros devem ser adaptados, e ainda outros elementos a que somos forçados a nos opor.

#### 4.1.3 Adaptar-se ao contexto e confrontá-lo com intencionalidade

Se citarmos as pessoas que não são adversas à religião, mas indiferentes, observamos que estas vivem em meio a seus problemas, mas não consideram a possibilidade de ter auxílio de um deus que lhes seja fonte de *sentido ou propósito*. Nem que este os possibilite a desfrutarem de uma vida plena e feliz.<sup>234</sup>

Que postura tomar diante dos indivíduos atuais? Possivelmente a postura do apóstolo Paulo seja novamente uma ferramenta necessária. Ele adaptava-se à cultura vigente no micro ou no macro ambiente para *confrontá-la da maneira mais envolvente e amorosa possível*. Numa postura que raciocina e busca convencer seus ouvintes, *em vez de meramente contradizê-los*. Fazia uso de um vocabulário e temas conhecidos, que não fossem obscuros a seus ouvintes. Sabia escolher *elementos de contato* – pontos reais de concordância e de afirmação nas preocupações, esperanças e necessidades de seu público.<sup>235</sup>

Partindo desta premissa, o contexto atual é composto por pessoas fiéis ao cristianismo, como descrentes ou subgrupos dentro das culturas, todos de alguma forma ou outra estão profundamente moldados pelas narrativas da modernidade – consiste em tocar os corações e suscitar a motivação do evangelho por meio da pregação. Timothy Keller enfatiza: É impossível lidar com cristãos e não cristãos de uma vez se não compreendemos a versatilidade e a centralidade do evangelho para

<sup>233</sup> MCQUILKIN In: ROBINSON, 2009, p. 210.

<sup>234</sup> WATSON, Peter. **Despertar**: um guia para a espiritualidade sem religião. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 47.

<sup>235</sup> KELLER, 2017, p. 115-152.

a vida. O evangelho não é apenas o meio pelo qual as pessoas se convertem, mas também o meio pelo qual os cristãos resolvem seus problemas.<sup>236</sup>

Por meio disso, agregar os melhores impulsos das pessoas, endossar percepções por meio das quais a aproximação é possível. Há um grande entrave quando a igreja se fecha na forma e num modelo cultural:

O que algumas pessoas que pensam assim não percebem é que há tanto tempo se encontram enclausuradas num modelo cultural de ser igreja que não conseguem mais distinguir entre o que é princípio bíblico e o que é modelo cultural construído ao longo dos anos. Por exemplo, pregar a Palavra de Deus com fidelidade é um princípio bíblico. Mas pregá-la de terno e gravata, atrás de um enorme e elevado púlpito de madeira, é um modelo cultural. Quem pensa assim passou a entender que a missão da Igreja é a manutenção das formas religiosas – sejam elas provenientes da cultura europeia do século 16 ou do caldo pop evangélico desenvolvido nas últimas décadas. E assim, a missão de comunicar o Evangelho àqueles que se encontram inseridos no mundo real tornou-se secundária ou esquecida.<sup>237</sup>

Adaptar e contextualizar para poder falar a verdade em amor, tanto cuidando quanto confrontando. Aprender e usar as tradições intelectuais, filosóficas, linguísticas, argumentos e formulações com as quais as pessoas estão familiarizadas e as quais podem reconhecer como válidas. Deixar claro que está levando a sério seu público com atenção firme e respeitosa à vida das pessoas a que se dirige, antes da graça que o Evangelho trará.<sup>238</sup>

Segundo Atos 2, Pedro, diante de uma multidão de judeus, pregou o Evangelho fazendo uso da cultura desenvolvida nas sinagogas judaicas. Desde o início de sua mensagem, o apóstolo afirma que iria “esclarecer” algumas coisas. Ou seja, ele não se propõe a apresentar algo novo, mas lançar novas luzes sobre tudo o que já conheciam. Citou profetas do Antigo Testamento, sem qualquer preocupação em explicar que foram aqueles homens do passado – afinal, seus ouvintes os conheciam e respeitavam. Além disso, termina usando um conceito judeu, ao apresentar Jesus como “o Cristo”. E, assim, presenciou três mil conversões. Alguns capítulos adiante, lemos que Paulo, em Atenas, pregou para uma plateia formada pela elite pensante da época. Falou do mesmo Evangelho, mas em um formato bem diferente. Diante do areópago grego, começou perguntando o que se encontra na mente e no coração das pessoas. Em seguida, fez uso de conceitos que pertenciam à história e à cultura helênica, para só então apresentar o “Deus desconhecido”. O impacto da palavra de Paulo é

---

<sup>236</sup> KELLER, 2017, p. 138.

<sup>237</sup> AGRESTE, Ricardo. Entre a sinagoga e o areópago. **Chácara Primavera**, 4 jan. 2016. Disponível em: <<http://chacaraprimavera.org.br/blog-do-ricardo/entre-a-sinagoga-e-o-areopago-33>>. Acesso em: 12 abr. 2020.

<sup>238</sup> KELLER, 2017, p. 144.

impressionante! Alguns resistem fortemente, mas outros se rendem ao Evangelho.<sup>239</sup>

D. A. Carson Escreveu: “Embora a articulação de uma verdade pelo ser humano jamais ocorra de um modo que transcenda a cultura [...] não significa que a verdade assim articulada não possa transcendê-la”.<sup>240</sup>

A priori para a fé cristã está em adotar conceitos e modos de raciocínio que possam ser compreendidos e assimilados, ou seja, um contrapor as verdades pós-modernas que não está simplesmente disposto a refutá-las, mas também respeitá-las. Isso se faz ao anunciar as boas novas com clareza e foco balizado num processo de simplicidade e intencionalidade.

É importante confrontar e confirmar, a fim de evitar que os ouvintes se desviem e resistam ao poder do apelo da autenticidade do Evangelho em suas mentes e corações. Sem contar a liberdade real alcançada, pois *conhecerão a verdade e a verdade vos libertará* (João 8.32b).

#### 4.1.4 Observar quem são os interlocutores do texto

A premissa que o reverendo presbiteriano Ricardo Agreste sustenta, conforme os discursos de Pedro durante a Festa de Pentecostes (Atos 2) e de Paulo no areópago de Atenas (Atos 17.16-34), é de que ambos discursam observando seus interlocutores, falaram a partir daquilo que lhes era particular, não falam de personagens que lhes são estranhos. O resultado é que muitos os entenderam. Assim como o apóstolo Paulo no areópago, hoje, temos o mesmo cenário, pessoas que seguem algum tipo de espiritualidade, as quais devemos apresentar o “Deus desconhecido”.

Cabe fazer um *mea-culpa*, pois na contemporaneidade há uma infinidade de igrejas e cristãos inseridos numa cultura histórica e engessada, com formatos litúrgicos que foram desenvolvidos ao longo de décadas ou séculos, com a finalidade de que todas as pessoas iniciadas na fé se sintam confortáveis. Na verdade, são conceitos e palavras perfeitamente compreensíveis àqueles que já participam do

---

<sup>239</sup> AGRESTE, 2016.

<sup>240</sup> CARSON, 2015, p. 107-122.

ambiente há muitos anos; tudo é feito tendo em vista este público interno, os iniciados que conhecem os símbolos suficientemente.<sup>241</sup>

A questão principal é que existimos no contexto do areópago. Consequentemente, a igreja que compreende a essência da sua missão: o anúncio do Evangelho às pessoas que a contornam. Como pessoas cristãs precisamos aceitar o desafio de pregar perante o areópago da pós-verdade. Paralelamente, causará um desconforto na igreja local e demandará mudanças.

Se o propósito é alcançar os indivíduos da cultura contemporânea, isso exigirá ampliar o conhecimento e a sensibilidade, até mesmo, repensar o uso de vestes talares, togas e liturgias rígidas, com a finalidade de auxiliar seus ouvintes a compreender a mensagem da salvação.

A pessoa que anuncia o Evangelho, deve pregar de um modo que conduza as pessoas a terem um encontro com Jesus. Para tal, é necessário ter consciência do poder fortalecedor e doador de vida do Espírito Santo e a autoridade da Palavra de Deus, pois a Bíblia não é um livro tirânico e religioso, mas um livro doador de vida e que ensina como ter e viver uma nova natureza pela fé (Rm 1.16-17).

## 4.2 UM RETORNO ÀS FONTES DA REFORMA PROTESTANTE

Necessitamos revisitar aquilo que a Reforma redescobriu, a preciosidade das Escrituras. Assim como naquele período, no contexto atual, tanto a igreja como as pessoas cristãs devem manter-se vigilantes e serem reformadas à luz da Palavra de Deus. Jesus disse: E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará (Jo 8.32).

Libertará dessa pressão contemporânea que supõe que a verdade depende do contexto e das circunstâncias, que ela é maleável, flexível e adaptável ao contexto social. Por isso, Jesus intercede pelos discípulos e por sua igreja quando ora em João 17.17: *Santifica-os na verdade; a tua Palavra é a verdade*. Ou seja, o caminho da verdade é o próprio Cristo (Jo 14.6), Ele é o fundamento autoritativo no qual a igreja, a teologia e a nossa prática devem ser edificadas (Mt 21.42). Este é o fundamento para Reforma e de toda hermenêutica reformatória, como da teologia de Martin Lutero.

---

<sup>241</sup> AGRESTE, 2016.

A Reforma Protestante, no séc. XVI, retorna para as origens e reencontra a centralidade da Palavra de Deus para fé, a vida da igreja e seu subsequente impacto para a sociedade, pois a Palavra de Deus impacta e transforma quando é *ouvida ou experimentada*. Em Isaías 55.11 está escrito: *assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei*. Portanto, Lutero é inspirado pelas Escrituras Sagradas a efetivar a concepção teológica, hermenêutica e homilética centrada nas Escrituras, na palavra de Deus, única, fundamental e suficiente para a fé em Jesus Cristo, a pedra angular do fundamento não só da Igreja, mas de toda sociedade e da cultura.<sup>242</sup>

Lutero redescobriu a centralidade da palavra de Deus para a fé, a vida da Igreja e seu consequente impacto na sociedade, uma vez que a palavra de Deus sempre causa algo quando é ouvida ou experimentada. A pregação evangélica, qual um sacramento, é sempre presença real, *viva vox Evangelii* (viva voz do Evangelho), presença viva de Cristo no meio da comunidade e no mundo.<sup>243</sup>

A premissa de Romanos 10.17: E, assim, a fé vem pelo ouvir, e o ouvir, pela palavra de Cristo. Entrementes, o anúncio do Evangelho – pregação da Palavra é o meio pelo qual a fé é despertada, nutrida, estruturada, impulsionando para prática vivencial.

Segundo o pensamento da Reforma, Jesus Cristo é o centro da Escritura. A justificação do pecador por fé, como palavra última de Deus, perpassa toda a Bíblia, marca cada texto. Aponta-se a necessidade da distinção entre lei e Evangelho. Estes são alguns princípios que dão à prédica, como lugar em que se ouve a viva voz do evangelho, a tarefa de revelar a palavra de Deus contida na Escritura. Tarefa da prédica, segundo Lutero, é atrair o interesse das pessoas, cativá-las (“reizen”), para leva-las a ter fé na promessa de Deus.<sup>244</sup>

Como acima dito, Jesus Cristo é, certamente, o centro e o critério de toda a Bíblia. O teólogo e professor de homilética Nelson Kirst afirma que: “Jesus Cristo é tudo o que Deus tem a dizer, e tudo o que Deus tem a dizer se articula em Jesus.”<sup>245</sup>

<sup>242</sup> ADAM, 2018.

<sup>243</sup> ADAM, 2018.

<sup>244</sup> STRECK, Edson E. A prédica ao longo da história da Igreja. **Estudos Teológicos**, ano 33, v. 2, p. 168-182, 1993. p. 175. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/312036553\\_Homiletica\\_da\\_Reforma\\_-\\_Reforma\\_da\\_Homiletica\\_uma\\_reflexao\\_sobre\\_a\\_pregacao\\_crista\\_no\\_contexto\\_brasileiro\\_a\\_partir\\_de\\_principios\\_homileticos\\_de\\_Martim\\_Lutero](https://www.researchgate.net/publication/312036553_Homiletica_da_Reforma_-_Reforma_da_Homiletica_uma_reflexao_sobre_a_pregacao_crista_no_contexto_brasileiro_a_partir_de_principios_homileticos_de_Martim_Lutero)>. Acesso em: 22 set. 2022.

<sup>245</sup> KIRST, Nelson. **Rudimentos de homilética**. Sinodal/Paulinas: São Leopoldo/São Paulo, 1985. p. 11.

A pregação da Palavra assume a primazia na Reforma, tanto que igrejas que surgem deste movimento da Reforma, são nomeadas *igrejas da palavra*. A Reforma, bem com a potencialização da homilética advém dessa nova forma de compreender a Palavra de Deus, ou seja, uma nova hermenêutica.<sup>246</sup>

#### 4.2.1 Princípios hermenêuticos reformatórios e a homilética luterana

A prédica para Lutero sempre deve ser bíblica, pois a base para a pregação é o texto bíblico. O conteúdo central da pregação só pode ser a palavra de Deus, só pode ser Cristo, por meio da dinâmica do Espírito Santo.<sup>247</sup>

O conteúdo da pregação assume a dinâmica de Lei e Evangelho, uma inteireza da Bíblia. Em 2Timóteo 4.2 entendemos a função da Lei, pois ela deve ser pregada, insistir, quer seja oportuno, quer não, corrija, repreenda, exorte com toda a paciência e doutrina. E o Evangelho para revelar a graça, o amor, a justificação e a salvação concedida por Deus em Cristo Jesus. É além de um modelo homilético, mas rememora a inteireza das Escrituras e da própria vida humana. Observando a vida e obra de Lutero e: “Se considerarmos a pregação em sua compreensão ampla, podemos dizer que toda a vida do reformador – na igreja, na vida pública e na vida doméstica – e na sua ampla obra – escritos, catequese-liturgias, orientações, etc. – são uma grande e única pregação”.<sup>248</sup>

A pregação deve ser realizada com excelência, tarefa de anunciar a pura e sã doutrina. Na Confissão de Augsburgo, no artigo VII é definida a Igreja como “a congregação dos santos na qual o evangelho é pregado de maneira pura e os sacramentos são ministrados corretamente”.<sup>249</sup>

Um bom pregador deve ter as seguintes qualidades e virtudes. Primeiro, deve saber ensinar direito e corretamente. Segundo, deve ter boa cabeça. Terceiro, deve ser bem articulado. Quarto, deve ter boa voz. Quinto, boa memória. Sexto, deve saber parar. Sétimo, deve estar certo do que fala e ser aplicado. Oitavo, deve investir na sua tarefa o corpo e a vida, os bens e a honra. Nono, deve saber aturar o desprezo de todos.<sup>250</sup>

---

<sup>246</sup> LUTERO, Martim. **Auxílios para anunciar a Boa Nova**: perícopes de Mateus na pregação de Martim Lutero. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 2010. p. 5.

<sup>247</sup> KIRST, 1985, p. 171.

<sup>248</sup> ADAM, 2018.

<sup>249</sup> CONFISSÃO de Augsburgo, 1980, p. 20.

<sup>250</sup> LUTERO apud KIRST, 1985, p. 175.

O professor de teologia prática e PhD Júlio C. Adam salienta que é importantíssimo para pessoa que prega, saber o que irá dizer e o que quer dizer, dominar o conteúdo, tomar um tema, permanecer nele e explicar com excelência. É fundamental ter consciência de que não estará falando em seu nome, mas como porta voz da mensagem confiada. É saber o que deve dizer.

O pregador deve ser um dialético e um retórico, isto é, deve saber ensinar e admoestar [...]. A dialética ensina; a retórica move e comove. Esta pertence à vontade; aquela, à razão. [...] O principal fruto e proveito da dialética é definir e descrever o que uma coisa é, de modo arredondado, breve e próprio. [...] O pregador deve ser capaz de ensinar as pessoas simples e iletradas de modo singelo, arredondado e correto, pois ensinar é mais importante do que admoestar. [...] Dizer muito com poucas palavras, de modo correto e breve, é uma arte e uma grande virtude; mas dizer nada com muita conversa é idiotice.<sup>251</sup>

O ofício da pregação deve levar em conta a postura na retórica, na dialética, no ensino e na admoestação. Adam ainda lembra da recomendação de Lutero para quem prega a Palavra de Deus, de ter consciência e aplicar a brevidade e a simplicidade. O Reformador mostra-se em muitos momentos à frente de seu tempo, constata algo em seu tempo, o qual se repete na atualidade, os excessos, despropósitos e redundância dos pregadores ao terem dificuldade de pregar com simplicidade, que cativa seus ouvintes e que desperte neles a fé.

Vocês façam a sua parte! Se não conseguirem pregar uma hora, deixem por meia ou por um quarto de hora. E não se orientem sempre pelos outros, querendo imitá-los [...] procurem trazer de modo simples e breve o teor principal da prédica, e depois deixem-na por conta de Deus, nosso Senhor. Busquem com toda a simplicidade, apenas a glória de Deus, não a fama e o aplauso de pessoas e orem para que Deus lhes dê entendimento e boca, e aos ouvintes um ouvido bem apurado; e deixem Deus agir. Pois, acreditem, a pregação não é obra humana; pois eu, embora seja a esta altura um pregador velho e experiente, fico com medo quando preciso pregar.<sup>252</sup>

Lutero como filho de sua época, inicia o ministério da pregação (No original em alemão: Vom Predigtamt), seguindo no modelo escolástico (por tópicos ou temas). A pregação formulava-se com uma introdução ao tema, o qual era dividido em partes (*analisadas segundo argumentos e pressupostos da Patrística*) e a conclusão. Após algum tempo de ministério, o reformador adota o método expositivo-explanatório. Adam esclarece que: O método homilético expositivo consistia em apresentar de forma plana e simples a mensagem central da Escritura. Pegava-se um trecho da

<sup>251</sup> LUTERO apud KIRST, 1985, p. 180-182.

<sup>252</sup> LUTERO apud KIRST, 1985, p. 189s.

Bíblia; encontrava-se ali o pensamento central, que deveria ser apresentado de forma inequívoca. Este método servia muito bem aos propósitos do reformador de corrigir os rumos da igreja de sua época.<sup>253</sup>

É muito provável que as prédicas que temos hoje atribuídas a Lutero sejam versões retrabalhadas a partir de tópicos que Lutero usou em suas prédicas. Independente da extensão, as prédicas de Lutero são ricas em conteúdo, são teologicamente profundas e bíblicamente bem fundamentadas. Isto, sem dúvida, por exigência do contexto da Reforma: “Lutero colocou grande ênfase no conteúdo de suas prédicas, porque era essencial ensinar a seus ouvintes a teologia que estava forjando como reação às teologias dominantes da Idade Média.” Pregador para o reformador não foi sempre algo passível, apesar dele reconhecer o papel decisivo da pregação não só para o movimento da Reforma, mas para toda a dinâmica da fé e da vida da pessoa cristã e da Igreja.<sup>254</sup>

#### 4.2.2 Reflexos para a contemporaneidade

Podemos afirmar que a Reforma Protestante foi um marco importante e decisivo para a igreja e o cristianismo, subsequentemente para reavivamento e reforma da homilética e da pregação, destacando alguns tópicos:

- a) a Bíblia como fonte central e autoridade da pregação;
- b) o conteúdo da pregação é o Evangelho;
- c) o vínculo relacional entre a pessoa que prega e o ouvinte.

O professor Adam afirma que a grande pergunta que se coloca frente à homilética da Reforma é: Como pregar o Evangelho de forma que ele seja efetivamente e afetivamente ouvido? Em seguida ele responde que o Evangelho não é uma teologia em primeiro lugar. O Evangelho é uma voz, Palavra de Deus, criando e recriando o mundo, em meio à transição [...].<sup>255</sup>

Muitas pessoas cristãs, mesmo lideranças ou pastores e pastoras, possuem certa dificuldade em falar e compartilhar da sua fé de uma forma que consigam impactar ou transformar a vida de pessoas pelo poder do Evangelho. Entretanto, há pastores e pastoras que são conhecidos por suas prédicas e palestras perceptivas e práticas que ajudam pessoas a encontrar Jesus Cristo, entender a si mesmas e aplicar

<sup>253</sup> ADAM, 2018.

<sup>254</sup> ADAM, 2018.

<sup>255</sup> ADAM, Júlio C. Pregação em transição: uma perspectiva homilética desde América Latina e Brasil. **REFLEXUS - Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões**, Ano IX, n. 16, 2016/2. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/312036553\\_Homiletica\\_da\\_Reforma\\_-\\_Reforma\\_da\\_Homiletica\\_uma\\_reflexao\\_sobre\\_a\\_pregacao\\_crista\\_no\\_contexto\\_brasileiro\\_a\\_partir\\_de\\_principios\\_homileticos\\_de\\_Martim\\_Lutero/link/61d6e464b8305f7c4b264b48/download](https://www.researchgate.net/publication/312036553_Homiletica_da_Reforma_-_Reforma_da_Homiletica_uma_reflexao_sobre_a_pregacao_crista_no_contexto_brasileiro_a_partir_de_principios_homileticos_de_Martim_Lutero/link/61d6e464b8305f7c4b264b48/download)>. Acesso em:

a Escritura Sagrada à vida. Como exemplo, Timothy Keller, pastor da igreja *Redeemer Presbyterian Church*, em Manhattan, Nova York – EUA. É alguém que apresenta a mensagem cristã da graça de maneira convidativa, apaixonada e compassiva.

### 4.3 O PODER DA SIMPLICIDADE

Se Lutero no século 16 já sinalizava a importância da simplicidade, porque insistimos em complicar e optamos em não pregar o óbvio-evidente? Talvez porque a complexidade seja algo natural aos seres humanos, já a simplicidade, requer um esforço para sairmos da zona de conforto. Como disse o pintor renascentista Leonardo da Vinci (1452-1512): *A simplicidade é o mais alto grau de sofisticação*. Nem sempre este é o caminho mais fácil, a simplicidade não é algo simples, pode ser mais difícil que o complexo, pois demanda de mais tempo, mais energia e talento. A simplicidade exige trabalho duro para esclarecer as ideias e simplificá-las.

Ao olharmos para o mundo corporativo, percebemos que para Steve Jobs a simplicidade foi uma religião. Na Apple a Simplicidade é mais que um princípio de design é um valor que permeia todos os níveis da organização.<sup>256</sup> A Apple é a segunda marca mais valiosa no mundo em 2022.<sup>257</sup>

A simplicidade permite agilidade, uma liderança mais humanizada, um ambiente mais colaborativo, investimento na inteligência emocional proporcionando engajamento e felicidade. Como escreve a escritora Suzanne Anjos Andrade: “Apesar de vivermos em um mundo complexo, a simplicidade é o caminho para conquistarmos essa realidade que acabamos de descrever” [...]. Ela prossegue e de forma enfática conclui que a “simplicidade corresponde a tudo o que não é excesso e desperdício, é a essência das coisas e das pessoas. Na simplicidade não há exageros, mas sim o que se é, de maneira genuína e autêntica.”<sup>258</sup>

Olhando para além da pessoa de Jesus Cristo que é o ícone da simplicidade, podemos buscar referências da simplicidade em Neemias no Antigo Testamento. Ele mostra ao longo de 13 capítulos todos os desdobramentos da simplicidade, mostra-

---

<sup>256</sup> SEGALL, Ken. **Incrivelmente simples**: a obsessão que levou a Apple ao sucesso. Rio de Janeiro: Alta Books. 2017. p. 37.

<sup>257</sup> SOUZA, Ivan de. As marcas mais valiosas no mundo. **RockContent**, 3 jan. 2018. Disponível em: <<https://rockcontent.com/br/blog/marcas-mais-valiosas-do-mundo/>>. Acesso em: 24 mar. 2022.

<sup>258</sup> ANDRADE, Suzanne A. O **poder da simplicidade no mundo ágil**: como desenvolver soft skills e aplicá-las com scrum e design thinking para ter mais resultado com menos trabalho, em menor tempo. Bahia: Gente, 2018. p. 23.

se um construtor-mestre, um líder carismático e visionário, motivado e motivador, um homem de oração, construindo vida espiritual com Deus, um gestor, organizado e um organizador, um líder que restaura a vida do contexto onde está inserido e a vida das pessoas a sua volta. Algumas características da simplicidade que podem auxiliar na pregação:

- a) Pensamento retilíneo: a simplicidade requer autenticidade e franqueza; sua sinergia está na clareza, em ser direto ao ponto e sem mais delongas, numa comunicação honesta, aberta para *feedbacks*.
- b) Objetividade: uma comunicação pautada no mínimo de pontos ou caminhos, pois exagero de opções confundem ou acabam diluindo a atenção do público. Portanto, é fundamental uma comunicação de alta qualidade estruturada num tema em comum que promova a ideia do texto. Muitos pontos ou temas acabam transformando a pregação em um paradoxo da atenção, onde mais é menos entendimento.
- c) Comunicação icônica: é importante e útil cristalizar a ideia central da mensagem, um *Sitz im Leben*, o espírito da mensagem. O qual proporcionará às pessoas um jeito fácil de identificar a ideia e assimilar a pregação.
- d) O poder das palavras: a quantidade de palavras não amplia a clareza e o poder da pregação. Simplicidade e clareza ajudam na fluidez do anúncio e da recepção da mensagem, portanto, uma linguagem limpa, sem tantos ornamentos, convenções e formalidade, permite a personalidade. Precisamos respeitar a natureza humana, sempre ter consciência de que os ouvintes são seres humanos, que naturalmente regem bem a simplicidade.

Segundo Chuck Smith, fundador da *Calvary Chapel Fellowship*, que insiste na premissa: *simplesmente ensine a Palavra de Deus de maneira simples*.<sup>259</sup> Isso começa com a leitura do texto bíblico sendo feita com clareza, se for interpretada, ajudará no processo de entendimento, assim a Palavra de Deus trará convicção dos princípios, do pecado e arrependimento ao coração das pessoas. Pois, o próprio Deus disse que sua palavra não retornaria a Ele vazia: *assim também ocorre com a palavra que sai da minha boca: Ela não voltará para mim vazia, mas fará o que desejo e*

---

<sup>259</sup> SMITH, Chuck. **O poder da simplicidade**: Vidas são transformadas quando simplesmente lemos, explicamos e aplicamos. In: ROBINSON, 2009, p. 146.

*atingirá o propósito para o qual a enviei (Isaías 55.11). O desafio que Chuck Smith deixa é este: simplesmente pregue a Palavra de Deus de forma simples.*<sup>260</sup>

O pastor e educador texano Charles (Chuck) Swindoll afirma que a simplicidade é a diferença entre algo *ser elegante e elaborado [...] Entre exatamente o suficiente e demais*. Uma constatação feita ao observar pregadores, ele afirma que estes falam exageradamente, em vez de concluírem com uma afirmação concisa sobre determinado assunto – explícita e clara – sentem-se compelidos a analisar, filosofar, inspecionar e moralizar sobre cada aspecto individual – deixando o ouvinte aborrecido, incontestado, confuso e (pior de tudo) entediado.<sup>261</sup>

Muitos pregadores buscam ser zelosos para serem precisos, e acabam despejando *tantas coisas triviais*, que o ouvinte perde a conexão e a paciência. Ele afirma que Jesus é o exemplo no uso da simplicidade.

Quanto mais estudo o método de comunicação de Jesus, mais convicto estou de que a sua sagacidade estava na habilidade de simplificar e esclarecer as questões que outros complicavam. Ele usava palavras que qualquer pessoa podia entender, não somente os iniciados. Ele dizia só o suficiente para inspirar e motivar os outros a pensarem por si só, a serem curiosos, a investigar mais. E ele pontuava os seus ensinamentos com ilustrações conhecidas, prática e até humorísticas que cravavam alavancas mentais em verdades abstratas. O melhor de tudo foi que ele não tentava impressionar as pessoas. Este estilo tão cativante conduziu outros a buscarem o seu conselho e a prosperarem com base nas suas ilustrações.<sup>262</sup>

A pessoa que prega a Palavra de Deus tem o privilégio de anunciar a melhor mensagem da terra, por isso não temos o direito de tornar esta mensagem confusa deturpando as questões. *Jesus sugere: Se a coisa for simplificada, eles se renderão*. Para simplificar, Swindoll faz um resumo: 1 - *Torne a coisa clara*. 2 – *Mantenha a coisa simples*. 3 – *Destaque as coisas essenciais*. 4 – *Esqueça a vontade de querer impressionar*. 5 – *Deixe alguma coisa por dizer*. Entrementes, *Lutero tornava isso ainda mais simples: Comece forte. Fale alto. Seja breve.*<sup>263</sup>

<sup>260</sup> SMITH, Chuck In: ROBINSON, 2009, p. 146.

<sup>261</sup> SWINDOLL, Charles. **Simplifique**: Como dominar o poder da economia. In: ROBINSON, 2009, p. 725.

<sup>262</sup> SWINDOLL, Charles In: ROBINSON, 2009, p. 726.

<sup>263</sup> SWINDOLL, Charles In: ROBINSON, 2009, p. 726.

### 4.3.1 Clareza da mensagem

A tarefa é pregar para que todas as pessoas entendam. Muitas vezes a tendência é ficar divagando por toda Bíblia, buscando uma infinidade de versículos para afirmar aquilo que se quer dizer. A lógica é, menos é mais. Pois, a pessoa que prega, *tem a responsabilidade de ajudar a sua congregação a pensar claramente*. Portanto, a clareza inicia ao escrever a prédica com um estilo que reduz a distância entre o texto e sua transmissão. A capacidade de *formular em termos precisos e definidos do que trata a prédica*.<sup>264</sup>

Se a prédica está estruturada em tópicos, se faz necessário ser claro em cada tópico. *Do que estou falando?* Após isso, é necessário responder à seguinte pergunta: *O que estou dizendo sobre o tópico que estou tratando? Quais as afirmações principais que estou fazendo sobre esta pergunta?* O professor de pregação Haddon Robinson afirma que: às vezes nos falta clareza porque não definimos essas duas coisas antes de chegarmos ao púlpito.<sup>265</sup>

Podemos observar as pessoas que fazem pregações temáticas, elas geralmente trazem um propósito embutido no título, diferente destes são os pregadores expositivos, os quais necessitam responder a mais uma pergunta: Qual é o meu propósito?

Um bom esboço sempre contribui para maior clareza. O esboço é essencial para elaborar a prédica. Da mesma forma como acontece um diálogo, no qual cada movimento está conectado ao que o antecedeu. Movimentos da prédica *podem ser lidos como uma conversa e não como três afirmações distintas* (tópicos). Um acréscimo de clareza ao reafirmar as ideias-chave. Observe o exemplo que segue:

Por exemplo, se você está pregando um sermão sobre o perdão, a introdução pode tratar da razão pela qual você está pregando esse tópico. No primeiro movimento você poderia dizer: “O perdão é necessário. Segundo poderia ser: “Mas mesmo que o perdão seja necessário, com frequência achamos que é difícil perdoar”. O terceiro poderia ser o seguinte: “Mas eu tenho boas notícias. Por mais difícil que o perdão seja, os cristãos podem ser extravagantes nele porque somos seguidores de Jesus Cristo”.<sup>266</sup>

<sup>264</sup> ROBINSON, 2009, p. 409.

<sup>265</sup> ROBINSON, 2009, p. 410.

<sup>266</sup> ROBINSON, 2009, p. 410.

Cada movimento realizado na prédica deve manter a conexão com o que antecedeu, assim como o uso de *um mapa da estrada* para mostrar e auxiliar as pessoas a seguirem no caminho que lhes é apresentado. Este mapa torna a pregação visual, auxiliando na clareza. Assim como as ilustrações, pois *elas tomam um conceito abstrato e o fundamentam na vida*. Partindo deste pressuposto, é importante que antes de ler o texto bíblico, se faça uma abordagem breve explicando o pano de fundo ou o contexto. Uma transição que gere fluidez. Robinson recomenda:

As transições, às vezes, tornam-se uma parte desafiadora para a clareza de um sermão. As transições são difíceis porque se a mensagem está clara para você, a sua tendência é não esclarecê-la para a plateia. A ideia é tão evidente para você que você não acha que seja importante fazer uma ponte. Uma boa transição, no entanto, recapitula o que já foi dito. Ela leva você de volta ao tópico do sermão e, depois, anuncia o que está por vir. Uma boa transição firma na mente das pessoas o ponto que você está por destacar.<sup>267</sup>

Uma das formas mais eficientes para realizar uma boa transição é fazendo perguntas. Essas perguntas de transição possibilitam um avanço com clareza para o ponto seguinte. Boas transições ajudam para chegar a uma boa conclusão. Uma das formas é retornar a pergunta central da prédica, geralmente apresentada na introdução, oferecendo aos ouvintes alguma satisfação e fechamento. *Uma conclusão forte* leva a pregação a *um foco intenso*.<sup>268</sup>

#### **4.3.2 Importância da habilidade em escrever com clareza e de anunciar claramente**

Elaborar um esboço que tenha uma progressão lógica é fundamental, tendo subordinações adequadas e unidade clara são imprescindíveis para alcançar o objetivo de escrever uma boa prédica (clareza na comunicação escrita). O que exige destreza para alcançar clareza na comunicação oral. O professor de pregação Don Sunukjian afirma que: “É necessário um conjunto especial de habilidades e ajustes para tornar clara para o ouvinte uma mensagem clara para o leitor”.<sup>269</sup> Ele diz mais:

Como pastores, precisamos que as marquem o passo conosco. Elas precisam seguir-nos, saber em que ponto queremos chegar e acompanhar-nos durante todo percurso. Destaco clareza oral porque a clareza oral é um

<sup>267</sup> ROBINSON, 2009, p. 412.

<sup>268</sup> ROBINSON, 2009, p. 412.

<sup>269</sup> SUNUKJIAN, Don. **Habilidades de clareza oral**: Escrever com clareza e falar com clareza são duas coisas distintas. In: ROBINSON, 2009, p. 413.

animal diferente da clareza escrita. Muitos de nós fomos treinados a sermos claros na nossa escrita e, quando escrevemos algo, como um sermão, estamos escrevendo isso para ser lido pelos olhos de alguém. Isso já é instintivo em nós. Nem nos damos conta de que estamos escrevendo algo para o ouvido de alguém. A clareza oral é totalmente diferente, e há certas habilidades da clareza oral que precisam ser embutidas em cada sermão.<sup>270</sup>

Seguindo essa lógica, o desafio é usar *frases-chave de forma consistente* durante toda a mensagem. Palavras que repetidamente serão mencionadas. Essas frases-chave são acionadas por perguntas retóricas nas transições ao longo da pregação, por exemplo: a) O que queremos dizer com...? b) Como é isso na prática? c) Como obtemos isso? É importante marcar o passo com as mesmas palavras o tempo todo. Conforme a pregação avança, essas palavras fixam na mente do ouvinte, o que resulta em clareza.

Por que isso é uma habilidade de clareza oral? Porque a pergunta retórica dá ao ouvinte a oportunidade de focalizar novamente na mensagem. Capacita o ouvinte a pensar: *Fiquei perplexo nos últimos dois ou três minutos. Mas garanto que nos próximos quatro minutos você vai me responder a essa pergunta.* Isso imediatamente traz a mente de volta ao ponto de: “Sim, estou com você de novo. Obrigado, você veio me buscar de novo”. É uma forma de destacar o fluxo das ideias.<sup>271</sup>

O desafio da pregação é abrir ouvidos e corações, logo, para tal, quanto mais clara for, melhor é o resultado. A parte técnica, do labor e da performance são importantes e tem seu papel. Contudo, não é o suficiente, o pastor e escritor nova-iorquino Peter Scazzero lembra que o Senhor Jesus quer que cada pessoa que anuncia o Evangelho lembre, de que a alegria dela vem do seu relacionamento com Jesus, não de suas realizações para Ele (Lc 10.20).

Scazzero ressalta:

Porque o amor de Jesus em você é o maior dom que você tem. Quem você é como pessoa – e especificamente quanto você ama – sempre terá um impacto maior e mais duradouro sobre os que estão ao seu redor do que o que você faz. O seu estar com Deus (ou não estar com Deus) acabará por anunciar o seu fazer para Deus o tempo todo.<sup>272</sup>

Como pregadores podemos ter prédicas inspiradoras sobre a importância do crescimento espiritual, do desfrutar da vida com Cristo. “Pregar valiosos princípios, valores e verdades do Reino de Deus. Mas se não tivermos vivido as verdades que

<sup>270</sup> SUNUKJIAN, Don In: ROBINSON, 2009, p. 413.

<sup>271</sup> SUNUKJIAN, Don In: ROBINSON, 2009, p. 415.

<sup>272</sup> SCAZZERO, Peter. **O líder emocionalmente saudável:** como a transformação de sua vida interior transformará sua igreja, sua equipe e o mundo. São Paulo: Hagnos, 2016. p. 33.

pregamos e sido transformados por elas pessoalmente, a transformação espiritual das pessoas a quem servimos ficará atrofiada”. Ainda assim, o Espírito Santo segue agindo como, quando e onde Ele quer agir (1Co 12.11). Scazzero complementa: “Não podemos dar o que não possuímos. Não podemos deixar de dar o que possuímos”. Isso reflete como estudamos a Bíblia além das preparações, quando e quanto tempo cultivamos no relacionamento com Deus. De como estruturamos nosso tempo com Deus e aquilo que fazemos.<sup>273</sup>

#### **4.3.3 Clareza e simplicidade pautadas na fidelidade doutrinária à confissão de fé cristã e a pregação bíblica**

Às pessoas cristãs é concedido o sublime chamado da pregação, a tarefa de serem fiéis ao que Deus quer que a pregação seja e faça. Em virtude de realizar a árdua tarefa de serem pregadores da Bíblia, homens e mulheres no ministério da pregação precisam estar comprometidos com certas verdades. Mesmo que muitas pessoas na contemporaneidade rejeitem a noção de valores absolutos ou verdades, elas estão curiosas a respeito do que a Bíblia diz. A exemplo de algumas que vão à igreja, isso no mínimo mostra algum interesse nos ensinamentos da Bíblia ou não estariam ali em primeiro lugar.

O lado positivo no contexto do individualismo, é o fato das pessoas estarem em busca daquilo que pode trazer algum sentido ou melhorar seu estilo de vida, logo podem ser alcançadas se lhes forem demonstrados os valores que ensinamos como verdades benéficas para qualquer pessoa. Os céticos modernos precisam conhecer “a sabedoria prática dos princípios bíblicos, particularmente aqueles princípios que parecem rígidos e intolerantes. [...] Conseguimos fazer com que os ouvintes do mundo secular nos ouçam quando não confundimos coisas essenciais com não essenciais”.<sup>274</sup>

É saber distinguir verdades, por exemplo: a) Verdades absolutas, que são essenciais à fé, verdades que nunca mudam, como a salvação somente por meio da graça e fé; b) Convicções de crença, as quais cristãos protestantes, católicos, ortodoxos e etc. podem diferir, como a forma do arranjo eclesiástico; c) Preferências

---

<sup>273</sup> SCAZZERO, 2016, p. 33.

<sup>274</sup> DODSON, Ed. **Abrindo a mente fechada dos ouvintes**: como pregar a céticos. In: ROBINSON, 2009, p. 180.

ou hábitos, são costumes da tradição, como gostos e estilos musicais, que podem ser compatíveis com a Bíblia, mas não são baseados na Bíblia e podem mudar de cultura para cultura ao longo do tempo.

Agora quanto à pregação bíblica, ela tem seu referencial e fundamento na Bíblia, pois a relevância está na Palavra de Deus, tão relevante quanto a água para sede, e o alimento para a fome. No Evangelho de Mateus 4.4 Jesus respondeu: Está escrito: Nem só de pão viverá o ser humano, mas de toda palavra que procede da boca de Deus. Portanto, a Bíblia é a Palavra de Deus. Como Agostinho o coloca: “Quando a Bíblia fala, Deus fala”. Essa é a convicção de que se eu posso realmente entender uma passagem em seu contexto, então o que eu sei é o que Deus quer dizer (mesmo que muitos evangélicos, assim como muitos liberais e progressistas, não acreditem nisso).<sup>275</sup>

A Bíblia em sua inteireza é a Palavra de Deus, não apenas o Pentateuco, Romanos e os Evangelhos, mas todos os livros que a compõem. Conseqüentemente, a autoridade da pregação se apoia na Bíblia, pois ela é auto-atestatória. É um princípio que funciona contra o espírito contrário à autoridade de nossa sociedade atual. Logo, se alguém prega a palavra, não o faz em seu nome, mas o faz em nome do Senhor, uma abordagem da pregação tipo: Assim diz o Senhor.<sup>276</sup>

O pastor e teólogo anglicano britânico John Robert Walmsley Stott define a pregação bíblica como: “Expor as Escrituras é esclarecer o texto inspirado com tal fidelidade e sensibilidade que a voz de Deus seja ouvida e seu povo lhe obedeça”.<sup>277</sup> Stott, conclui que a Bíblia é a palavra de Deus escrita. As Escrituras são o produto da revelação, inspiração e providência de Deus. Junto a isso, a indispensável convicção para pregadores. “Se Deus não tivesse falado, nós não nos atreveríamos a falar, porque não teríamos nada a expressar exceto nossas triviais especulações”.<sup>278</sup>

A tarefa é anunciar as boas novas do Senhor a este mundo da pós-verdade. Como pregadores da Palavra de Deus precisamos nos esforçar para entendermos o contexto no qual Deus nos vocacionou para viver, pois este ambiente está mudando a cada dia. Cabe a nós ter empatia, sentir sua dor, sua desorientação e seu desespero. Em parte, resume-se minimamente a sensibilidade cristã na compaixão

---

<sup>275</sup> ROBINSON, 2009, p. 26.

<sup>276</sup> ROBINSON, 2009, p. 26.

<sup>277</sup> STOTT, John R. W. Uma definição de pregação bíblica. In: ROBINSON, 2009. p. 27.

<sup>278</sup> STOTT, John R. W In: ROBINSON, 2009, p. 27.

pelo mundo (Jo 3.16). John Stott conclui dizendo que é a combinação de fidelidade às Escrituras e sensibilidade ao contexto/pessoas que cria uma pregação autêntica. Mas, ele ainda adverte:

Mas porque este processo é difícil, ele também é raro. A falha característica dos evangélicos é serem bíblicos, mas não contemporâneos. A falha característica dos liberais é serem contemporâneos, mas não bíblicos. Poucos de nós sequer começam a se importar com ser ambas as coisas simultaneamente.<sup>279</sup>

As Escrituras falam. Deus fala através do que Ele falou. Em Hebreus 3.7 está escrito: O Espírito Santo diz: Hoje, se vocês ouvirem a sua voz, não endureçam o seu coração. A palavra de Deus é viva e poderosa, e Deus fala por meio dela com uma voz viva (Hb 4.12).

O teólogo reformado suíço Karl Barth chama atenção para o caráter bíblico da pregação, do respeito e fidelidade que deve ser dada às Escrituras. Já em seu tempo, as diferentes vertentes como o liberalismo teológico alemão fomentavam e atribuíam o que elas pensavam que deveria ser dito.

Na atualidade, como no passado, um erro grosseiro é que muitos tentam impor seus pensamentos pós-modernos às mentes de autores bíblicos, para manipular o que eles disseram a fim de adaptar isso ao que gostariam que eles tivessem dito e, depois reivindicar a defesa deles às nossas ideias. Alguns contextos da igreja se tornaram um espetáculo de catarse e de manipulação motivacional das pregações *coach*. Por conta destes tipos de devaneios, Karl Barth é firme ao dizer:

A pregação deve submeter-se à fidelidade doutrinária. Trata-se de confissão de fé, que não é um resumo de ideias religiosas tiradas de nossa própria capacidade, senão o que cremos e confessamos, o que recebemos e cremos porque temos ouvido a revelação. A confissão é uma resposta do ser humano ao que Deus disse. E cada pregação é uma resposta da qual somos responsáveis.<sup>280</sup>

#### 4.3.4 Pregando com horizonte ao compromisso

O grande desafio para qualquer pessoa que é chamada a anunciar o Evangelho é dispor-se a viver o que o apóstolo Paulo estava tentando mostrar em suas epístolas, sintetizado em Atos 20.24: Porém em nada considero a vida preciosa

<sup>279</sup> STOTT, John R. W In: ROBINSON, 2009, p. 30.

<sup>280</sup> BARTH, Karl. **A proclamação do Evangelho**. 2. ed. São Paulo, SP: Novo Século, 2003. p. 30.

para mim mesmo, desde que eu complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus. Tendo esta convicção, desta devoção total a Cristo é viver a vida de fé e o ministério da pregação alinhados com a agenda dele.

O pastor e escritor estadunidense Bill Hybels salienta que é um desafio difícil quando assumimos o compromisso radical com Jesus, mas permite-nos vivenciar uma vida na sua plenitude. E uma vez experimentando essa vida plena, seremos servos fiéis que anunciam a poderosa e transformadora verdade de Deus, pois não podemos recuar ou deixar de desafiar as pessoas a fazerem o que será melhor para elas e subsequentemente dará a maior glória a Deus.<sup>281</sup>

Hybels lembra que anunciar o Evangelho e chamar as pessoas para o compromisso, afeta diretamente a vida de quem prega, pelo fato de quem anuncia e chama é desafiado a viver o que prega, é ser discípulo – modelo do padrão de Cristo.<sup>282</sup>

Timothy Keller lembra que o compromisso de quem prega, é de não evitar ou negligenciar nenhum assunto da Bíblia, muito menos as doutrinas desagradáveis da fé histórica. Omiti-las trará consequências anti-intuitivas. “Há um equilíbrio ecológico da verdade bíblica que não pode ser transtornado. [...] se negligenciarmos doutrinas “más” ou duras da fé histórica, descobriremos que esvaziamos também todas nossas crenças agradáveis e confortáveis”.<sup>283</sup>

A perda da doutrina do inferno e do juízo e da santidade de Deus causa uma perda irreparável aos nossos mais profundos consolos – nossa compreensão da graça de Deus e do seu amor, e da nossa dignidade humana e do valor que damos a ele. Para pregarmos as boas novas precisamos pregar as más novas.<sup>284</sup>

Keller encerra dizendo: É somente por causa da doutrina do juízo e do inferno que a proclamação da graça e do amor de Jesus é tão brilhante e espantosa. Entendendo isso, a pessoa consegue conhecer Jesus e aceitar o convite para ter um relacionamento íntimo com o Senhor, ele chama isso de “cerne da verdadeira salvação”.<sup>285</sup>

---

<sup>281</sup> HYBELS, Bill. Pregando em situações de crise. In: ROBINSON, 2009. p. 795.

<sup>282</sup> HYBELS In: ROBINSON, 2009, p. 788.

<sup>283</sup> KELLER, Timothy. Pregando o inferno em uma época de tolerância. In: ROBINSON, 2009, p. 780.

<sup>284</sup> KELLER, Timothy In: ROBINSON, 2009, p. 780.

<sup>285</sup> KELLER, Timothy In: ROBINSON, 2009, p. 785.

O executivo texano Fred Smith reforça a importância desse viver com Cristo, pois não há credibilidade, em quem não pratica o que prega, este já não pode pedir aos ouvintes que acreditem em algo em que o próprio pregador não acredita. Uma vez que as pessoas percebem se alguém está fingindo estar familiarizado com algo que não conhece ou pratica. É contraproducente tentar convencer as pessoas de um ponto em que você não acredita.<sup>286</sup> Já quem tem crédito ao falar, estabelece alguma autoridade e assim há motivos para outrem ouvir o que está sendo pregado (Hb 13.7). Pregador com autoridade é uma marca de Jesus (Mt 7.29, Lc 4.32).

Pregador a Palavra de Deus requer a habilidade de tornar o texto bíblico contemporâneo à medida que vai sendo apresentado e comunicado na linguagem do povo. É fundamental para quem prega crescer na disciplina e habilidade de deletar de sua prédica qualquer coisa que tenha cheiro de “evangeliquês” ou “igrejês”. A mensagem e a linguagem precisam ser culturalmente relevantes. Para haver um compromisso, primeiramente a pessoa que prega precisa mostrar que é confiável, da confiança vem a credibilidade e desta surge a possibilidade de compromisso.

#### 4.4 PROPOSTA ARQUITETÔNICA DA PREGAÇÃO

A atividade que mais demanda tempo na vida pastoral é a preparação da pregação. Para esta tarefa, em média, são investidas de 10 a 15 horas por semana. Embora tenham aqueles que afirmam que cinco horas são o suficiente. Porém, talvez, não estejam considerando as horas de preparação informal, como a leitura auxiliar, devocional, observação da cultura e da interação com os membros da igreja local.

Jeffrey Arthurs, capelão, professor de pregação e ex-presidente da *Evangelical Homiletics Society*, afirma que: Preparar sermões é uma grande parte de nossa vida. [...] é a convicção de que a pregação é indispensável à vida da igreja. Por meio da pregação, Deus forma a igreja e a faz crescer.<sup>287</sup>

A pregação tem como propósito a transmissão de princípios, valores e conceitos bíblicos. Os quais derivam e são transmitidos através do labor homilético no estudo gramático, literário e histórico da passagem bíblica no seu contexto. São nessas instâncias que o Espírito Santo primeiramente proporciona e aplica à

---

<sup>286</sup> SMITH, Fred. **Como ser ouvido**: como dominar profundamente cinco fundamentos tão esquecidos da boa comunicação. In: ROBINSON, 2009, p. 176.

<sup>287</sup> ARTHURS, Jeffrey. Pregando a vida na igreja: Como Deus usa o ministério da sua Palavra para criar e fortalecer o seu corpo. In: ROBINSON, 2009, p. 62.

personalidade e à experiência do pregador, e depois, por meio do pregador, aplica ao ouvinte.<sup>288</sup>

É salutar elaborar uma proposta arquitetônica da pregação, uma vez que cada prédica é um novo projeto a ser executado. Consiste na elaboração de representações a respeito de determinado texto bíblico, com ideias completas e verdades fundamentais, de seu ambiente histórico – geográfico – social, como os princípios – valores que o mesmo transmite.

Primeiramente observando o contexto, as necessidades do público e a cultura para qual será apresentado. Entretanto, o labor homilético tem exigências específicas para cada etapa muito além do layout, da disposição das partes ou da questão estética, mas, também, é a respeito de funcionalidade, clareza e relevância no anúncio da boa nova.

A pessoa que prega precisa ter em mente a ideia central do texto, tendo consciência de que não é um teólogo sistemático, mas alguém que exerce a função pastoral, e, portanto, a pregação deve estar voltada para as pessoas. Como Ian Pitt-Watson diz: A pregação divorciada do interesse pastoral é cega. Ela não sabe nem a respeito do que está falando e nem para quem está falando.<sup>289</sup>

Algumas passagens bíblicas são muito férteis. Elas são suscetíveis a vários tratamentos seletivos de acordo com os pontos que nelas serão enfatizados e com o objetivo específico e a correspondente aplicação que o pregador pode ter em vista.<sup>290</sup>

Brevidade e coerência são aliadas, pois auxiliam no enfoque principal ou na mensagem de Deus que está em evidência na passagem em que está trabalhando. Em 1Coríntios 4.13-16, como um pai que disciplina de forma amável, que é digno de ser imitado e que é usado por Deus para gerar vida. Já em Gálatas 4.19 a pessoa que prega é vista como uma mãe que passa pelas dores para ver seus filhos nascidos e criados. E, ainda, um bom despenseiro em 1Coríntios 4.12, que sabe distribuir o alimento e bens materiais para a família em nome do Mestre.

O apóstolo Paulo, em 1Coríntios 1.21, fala deste projeto que é confiado por meio da loucura da pregação: Deus libera o poder da sua Palavra para formar e fazer

---

<sup>288</sup> ROBINSON, 2009, p. 66.

<sup>289</sup> ARTHURS In: ROBINSON, 2009, p. 65.

<sup>290</sup> KELLER, 2017, p. 254.

a sua amada igreja. Assim, a pregação é indispensável à obra de Deus. Entrementes, a autoridade da pregação não se encontra no pregador, mas no texto bíblico.<sup>291</sup>

Ao elaborar a proposta arquitetônica da pregação, precisa ficar claro que quem prega é pastor ou pastora, conselheiro, líder e mentor, não alguém sem autoridade. Em Atos 2.20-24 o pregador é reconhecido como uma testemunha, a qual declara o testemunho apostólico quando revela sua experiência com Jesus.

A proposta arquitetônica da pregação precisa estar organizada de forma harmônica e contemplar alguns pontos essenciais, os quais delimitam as etapas da elaboração da prédica. Sendo assim, após apurada pesquisa em vários livros que tratam da arte e do ofício da pregação bíblica, constatam-se quatro principais diretrizes: Objetivo; Tema; Esboço e Materialização.<sup>292</sup>

- I. – Entender o objetivo do texto: elaborar uma lista de pontos mencionados no texto e, dentre estes, encontrar o propósito central do qual convergem todos os demais.
- II. – Definir o tema para pregação: este deverá contemplar o propósito central do texto bíblico e o objetivo pastoral, para assim ser ministrado a seus ouvintes em particular.
- III. – Elaborar o esboço em torno do tema da pregação: com o tema e os pontos definidos, estes devem suscitar *insights* do próprio texto, adaptando-os ao contexto e confrontando-o com intencionalidade, um movimento em direção ao ponto alto.
- IV. – Materializar os pontos com clareza argumentativa, ilustrações – imagens, exemplos e outros textos bíblicos que contribuam e sirvam de apoio e, essencialmente, com aplicação prática.

O pastor e escritor David Helm conclui: Diga a verdade, toda a verdade e nada além da verdade, com a ajuda de Deus. Deus ainda precisa de um pregador no mundo.<sup>293</sup>

---

<sup>291</sup> ARTHURS In: ROBINSON, 2009, p. 66-67.

<sup>292</sup> KELLER, 2017, p. 250.

<sup>293</sup> HELM, David. Permanecendo na linha: O que significa ir além ou ficar aquém da precisa linha da verdade. In: ROBINSON, 2009, p. 73.

#### 4.4.1 Primícias e movimentos para elaborar o esboço da pregação

O ponto de partida para a elaboração do esboço é o texto bíblico. A ideia central do texto e o objetivo pastoral produzem juntos o tema da pregação. Este tema mantém ao mesmo tempo a unidade na pregação, como no predomínio do discurso que será dirigido, a seus ouvintes em particular, mantendo assim a exclusividade da impressão prática.

Haddon Robinson afirma que a pregação bíblica, em sua essência, é mais uma filosofia do que um método. De que ela é uma resposta honesta à questão: Eu, como pregador, tento me submeter às Escrituras ou uso as Escrituras para apoiar meu pensamento?<sup>294</sup> Como pregador, creio que a resposta deve ter no horizonte a postura de um carteiro, sua função é entregar a carta com a mensagem do remetente (Deus), que lhe foi confiada. A tarefa é única, achar os meios, o endereço e fazer chegar a correspondência à pessoa destinatária.

Assim, podemos citar os passos abaixo como os primeiros movimentos:

- I. – Tenha um tempo de *Lectio Divina*.<sup>295</sup> Este é um exercício da escuta pessoal do texto – palavra de Deus. A qual funciona como uma escala de quatro degraus espirituais: leitura, meditação, oração e contemplação. O que permite abrir a ação do Espírito Santo.
- II. – Leia o texto e durante a meditação e faça a seguinte pergunta: O que o texto me diz? Busque descobrir à vista da mensagem lida no texto se você a vive, se você precisa vivê-la, busque descobrir aquilo que deve fazer ou como deve proceder. Após a meditação, busque por um tempo de solitude, e só então prossiga com um momento de oração, com suas palavras, sendo sincero e tendo temor a Deus.
- III. – Leia seguidas vezes o texto bíblico e inicie a apontar todos os detalhes que chamaram a atenção e que suscitaram alguma questão.
- IV. – Releia novamente o texto de duas a três vezes, identifique alguns elementos básicos, como metáforas, imagens, ideias, palavras repetidas ou formas gramaticais. Uma vez identificados, é importante questionar o porquê de cada

<sup>294</sup> ROBINSON, 2009, p. 67.

<sup>295</sup> Lectio Divina ou Leitura Orante da Bíblia, a qual segue uma escala de quatro degraus espirituais: a leitura, a meditação, a oração e a contemplação. DUARTE, Denis. O que é a Lectio Divina? **Canção Nova**. Disponível em: <<https://formacao.cancaonova.com/biblia/estudo-biblico/o-que-e-lectio-divina/>>. Acesso em: 18 maio 2022.

elemento. O que o autor quer comunicar? Por que o autor usou isso? Timothy Keller chama atenção para conectores no texto:

Nessa etapa, os conectores (portanto, porque, para, uma vez que, se e então) não apenas tornarão visíveis as partes constituintes o texto (as partes são as orações, frases e parágrafos que vêm antes e depois dos conectores), mas também mostrarão a maneira pela qual as partes se relacionam umas com as outras. A relação pode ser de causa e efeito, mostrando os resultados ou consequências de algo. Ou pode ser ainda uma relação do geral para o particular, em que uma parte do texto serve de elaboração ou elucidação de algo dito anteriormente. Essa relação pode também estar invertida, de modo que uma parte posterior do texto seja um resumo ou uma generalização baseada em partes.<sup>296</sup>

V. – Confira tudo o que foi encontrado e revise com uso de ferramentas como dicionários, comparação com outras versões bíblicas, texto na língua original, uso de *softwares* disponíveis para o estudo da Bíblia, e recorra à comentários bíblicos.<sup>297</sup>

- É essencial observar se as palavras importantes ocorrem em outras partes da Bíblia, seja por meio de alusões ou que as reproduzam.
- Ao recorrer às línguas originais, no hebraico e grego, vale conferir se por conta da tradução ou questão de estilo, não ocorreram omissões de palavras ou conectores.
- Observar de que maneira o texto em estudo aponta para Jesus Cristo.

VI. – Este é o momento para investigar o contexto sobre o texto e do livro que faz parte. Keller sugere que sejam feitas as seguintes perguntas: Como a passagem se encaixa no restante do livro? Qual é a mensagem do livro todo e de que maneira essa passagem específica contribui com ela?

Diretamente para o texto, ainda é possível perguntar o porquê dessa passagem estar ali? E caso este texto não estivesse no livro, que diferença faria? Ao obter as respostas das questões anteriores, é momento de observar as indicações para aplicação prática. Quais são os temas, princípios e valores que o texto elucida?

VII. – Elabore questões conclusivas quanto ao objetivo do texto e a definição do tema da pregação. Estas conclusões direcionam a aplicação, a qual não é incidental na pregação. Ela é essencial! A pessoa que prega, precisa

<sup>296</sup> KELLER, 2017, p. 251.

<sup>297</sup> BEALE, G. K; CARSON, D. A. **Indicação de comentário bíblico**: Comentário do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento. Editora Vida Nova. 2014.

discernir o que o Espírito Santo quer que ela diga a homens e mulheres da geração a que eles pertencem.

Para ter uma posição conclusiva sobre o objetivo do texto, é fundamental ter no horizonte uma indagação dupla: Qual é o ponto a que todas as demais coisas se referem? Com este ponto, o que o autor quis que seus ouvintes originais aprendessem, sentissem e/ou fizessem? Ao obter a resposta para a dupla indagação, e dispondo com clareza do objetivo, chega o momento de escrever duas a três sentenças. Essas deverão ser a essência recém-espremida da passagem. Para forçá-lo a destilar todo seu material, dê um título à sua passagem e, caso ela seja mais longa, com parágrafos e partes, dê a cada uma delas um título também.<sup>298</sup>

Finalmente é chegado o momento de definir o tema da pregação, o qual deve contemplar as ideias centrais do texto. Isso não esgota as possibilidades de temas que o texto possa oferecer. A ideia ou objetivo central pode, em geral, ser apresentada fielmente através de uma variedade de temas de pregação. Entrementes, o objetivo central do texto e o propósito pastoral produzem juntos o tema da pregação para aquele momento e contexto na medida adequada para igreja à qual ministramos.

Keller destaca que o tema da pregação pode variar dependendo da familiaridade das pessoas com a doutrina ou com o tipo de situações que estejam enfrentando na vida. A responsabilidade de quem prega é, em primeiro lugar, falar a verdade e, em segundo lugar, se dirigir a esse grupo específico de pessoas.<sup>299</sup>

A *Lectio Divina* ainda está em atividade, a oração não foi esquecida, o Espírito Santo segue agindo e terá prazer em fazer a obra necessária na vida dos ouvintes por meio da Pregação da Palavra.

#### **4.4.2 Prioridade, propósito e lapidação do esboço**

É chegado o momento de lapidação, o diamante bruto está nas mãos, com seu objetivo definido e todos os pontos enumerados, os quais devem esclarecer ou justificar progressivamente o tema da pregação, para que ele se torne mais claro, precioso, agradável e convincente conforme a prédica evolui. Conseqüentemente, o que era um projeto arquitetônico, passa a ser uma obra sendo construída, imprimindo não apenas uma ordem, mas também disciplina. O que força a pessoa que prega a

---

<sup>298</sup> KELLER, 2017, p. 253 -254.

<sup>299</sup> KELLER, 2017, p. 257.

praticar a destreza crucial de saber o que deixar de fora.<sup>300</sup> O tema da pregação responde três questões fundamentais:

Pergunta sobre a ideia principal do texto: “Sobre o que o texto está falando e o que ele diz a respeito do que está falando?” Pergunta sobre o objetivo pastoral: “Que diferença prática esse ensino teve para os leitores do autor e que diferença deve ter para nós hoje?” Pergunta sobre Cristo: “De que modo o texto aponta para Cristo, e como essa salvação nos ajuda a mudar em conformidade com o objetivo pastoral?”<sup>301</sup>

A prioridade no lapidar do esboço está na unidade da prédica, isto significa, todos os pontos devem sinalizar e conduzir para o tema principal. A prédica deve ser construída com proporção, isto é, cada ponto precisa receber equivalência de tempo e de importância. Para que a pregação possa ter uma evolução ritmada, não parecendo lenta demais e nem rápida demais.

A prédica adquire uma ordem, onde os pontos se relacionam com o tema, permitindo o avanço do pensamento, e não simplesmente repetindo aquilo que fora dito antes.<sup>302</sup> Keller afirma que o esboço e a pregação devem ter movimento. Não apenas ser uma apresentação de dados ordenados, muito menos ser a defesa de uma proposição. A pregação precisa oferecer às pessoas a percepção de que elas estão sendo conduzidas para algum lugar e, neste processo, elas cooperam para chegar a algum tipo de clímax até que, finalmente, estejam face a face com Deus.<sup>303</sup>

O propósito dos pontos e subpontos na prédica, são para contribuir com algo novo para o tema da pregação, com base nos anteriores, recorrendo, às vezes, a pistas e pensamentos não mencionados anteriormente, mas expostos, posteriormente, no momento certo. Procedendo desta forma é possível aplicar certo suspense que possa criar uma avidez nos ouvintes, para ouvirem aquilo que virá em seguida, possibilitando a sensação de estarem viajando ou caminhando em direção a um destino.

Ter um propósito e seguir o projeto arquitetônico da prédica, possibilita à pessoa que prega chegar à habilidade de, logo no início, propor pontos que fomentem interrogações na mente dos ouvintes, gerando interesse e desejo de ouvir aquilo que virá mais a frente. Por exemplo: Não há nenhum problema aí? E se isso for verdade,

---

<sup>300</sup> KELLER, 2017, p. 260.

<sup>301</sup> KELLER, 2017, p. 258.

<sup>302</sup> KELLER, 2017, p. 259.

<sup>303</sup> KELLER, 2017, p. 259.

não devo repensar minha vida? Se é isso que devemos fazer, onde acharemos os recursos para tanto? Desta forma, a pessoa que prega pode trazer as respostas às perguntas que estão no coração dos ouvintes à medida que avança com a pregação.<sup>304</sup>

A pregação tem a função de tirar o ouvinte da acomodação e criar uma crise, para após conduzir a um entendimento e tomada de decisão. A pregação vem ao encontro de pessoas, as quais trazem consigo uma série de suposições acerca de como a vida deveria ser, situações, problemas ou forças que impedem de ser dessa maneira, e um caminho por meio do qual é possível restaurá-la. Desta forma, não interagir apenas com a mente dos ouvintes, mas também com o seu coração. De ser um auxílio narrativo, não tão discursivo, mas rica de imagens, uma indução proposicional. O fluir e movimento da pregação devem seguir esse padrão geral, não necessariamente incorporados em pontos explícitos.<sup>305</sup>

#### 4.4.3 Acabamentos e corporificação da prédica

Segundo Bill Hybels, a maior parte de nossas pregações melhoraria muito se nos disciplinásemos a acrescentar uma hora ao nosso preparo. Muitos pregadores não acreditam que o trabalho entra na equação para uma grande pregação.<sup>306</sup>

O tempo para elaboração da pregação é inegociável na agenda da semana, não é aceitável burlar a regra de qualidade. O suor é essencial, portanto, investir tempo no preparo, demonstra temor, responsabilidade, zelo e honestidade para elaborar uma prédica aceitável. O restante da tarefa é do Espírito Santo.

Tempo de trabalho é fundamental para a criatividade, para melhorar a comunicação e falar com clareza. Isso para não cair na rotina, na mesmice e não utilizar sempre o mesmo estilo. Qualidade exige processo de aperfeiçoamento. Neste ínterim, sempre é salutar, periodicamente, permitir-se ser avaliado, pois esta é uma maneira de se beneficiar e crescer. Uma avaliação bem elaborada, realizada por pessoas coerentes, fiéis e tementes a Deus, sempre produz frutos. Obter um *feedback*

---

<sup>304</sup> KELLER, 2017, p. 263.

<sup>305</sup> KELLER, 2017, p. 264-265.

<sup>306</sup> HIBELS, Bill. Cresça na sua pregação: O chamado para pregar exige o nosso melhor. In: ROBINSON, 2009, p. 53.

construtivo, preciso e sério, fortalece para continuar crescendo e ajuda a ser mais eficiente em atingir pessoas com a verdade de Deus.<sup>307</sup>

A pregação ou o anúncio do Evangelho na era da pós-verdade, deve estar sensível à busca de pessoas, fazer as conexões imprescindíveis para criar credibilidade das afirmações cristãs. Deve se colocar como uma pregação pastoral, que responde às necessidades específicas entre os membros da comunidade.

Em todos os momentos e temas possíveis, o Evangelho, a pessoa e a obra de Jesus Cristo são aplicáveis aos problemas da vida e do mundo, e ele deve ser proclamado como a única solução para estes problemas. É uma solução superior a qualquer coisa que o mundo tenha para oferecer. Jesus infalivelmente é o protagonista de toda pregação bem arquitetada.

Keller apresenta pressupostos que fomentam um padrão profundo da pregação. Primeiramente, que a Bíblia lida com questões interiores que se aplicam a todo ser humano de qualquer lugar e século. Junto a isso, em toda Escritura Sagrada há imperativos, princípios, valores éticos e morais bíblicos sobre como devemos viver, seja no exemplo do caráter de Jesus ou das personagens nos textos. E por fim enfatiza: a fé em Jesus é a nossa única esperança – mas é uma esperança garantida.<sup>308</sup>

Portanto: a corporificação da prédica pode ser estruturada na seguinte forma como Timothy Keller elabora seus sermões:<sup>309</sup>

**Introdução** – Qual é o problema; nosso contexto cultural contemporâneo: É isto que temos diante de nós.

**Pontos iniciais** – O que a Bíblia diz; o contexto cultural original do leitor: É isso que devemos fazer.

**Pontos intermediários** – O que nos impede; contexto interior do coração dos ouvintes atuais: Por que não conseguimos fazê-lo.

**Pontos finais** – Como Jesus cumpre o tema bíblico e resolve o problema principal: Como Jesus o fez.

**Aplicação** – Como você deve viver agora pela fé em Jesus.

---

<sup>307</sup> HIBELS, Bill. Pregação bem focada: Fazer um retrato nítido da sua pregação requer uma lente objetiva grande angular e outra objetiva zoom. In: ROBINSON, 2009, p. 853-854.

<sup>308</sup> KELLER, 2017, p. 267.

<sup>309</sup> KELLER, 2017, p. 265-266.

Resumidamente precisamos ser realistas, vivenciar a simplicidade, falar com clareza, sugerir aplicações simples e específicas, dar equilíbrio entre diagnóstico e prescrição. Precisamos ser bíblicos e pregar para impactar. Motivar pessoas em vez de repreendê-las. Ser vem antes de fazer, pois estamos todos num processo, que somos vulneráveis. A pregação dá discernimento sobre como homens e mulheres se relacionam com o Deus eterno e como Deus se relaciona com eles.

Em última análise, a pregação eficaz não confia em técnicas. É mais uma postura do que método. A pregação transformadora de vidas não fala às pessoas sobre a Bíblia. Em vez disso, ela fala às pessoas sobre si mesmas – suas dúvidas, feridas, medos e lutas – com base na Bíblia. Quando enxergamos a pregação com essa filosofia, a pederneira bate no aço: ou melhor, a pederneira do problema de alguém bate no aço da Palavra de Deus e solta uma faísca que pode incendiar essa pessoa para Deus. Essa é a grandiosidade da pregação. Algo sempre pode acontecer quando um pregador leva a Palavra de Deus a sério.<sup>310</sup>

#### **4.4.4 Conclusão**

Como cristãos, estamos no mundo para comunicar ao mundo. Neste mundo vivemos e devemos nos relacionar com pessoas, servindo-as, revelando-lhe Cristo. Este ministério depende de cada cristão, de usar o que tem para servir a Deus, servindo aos da família de fé e aos incrédulos. Comunicar Cristo de modo que a Verdade prevaleça sobre o relativismo envolve encarnar sua mensagem e não apenas informação.

Anunciar a fé cristã e chegar à fé é um processo. Sem esquecer que, nosso etnocentrismo inerente pode, por si só, tornar-se uma barreira entre nós e aquelas pessoas que alcançaríamos com a mensagem de Cristo. Quando a barreira da nossa subcultura cristã se levanta, a distância costuma ficar intransponível. Precisamos ter consciência e agir de forma coerente para tornar o Evangelho verdadeiramente acessível e transformador.

---

<sup>310</sup> ROBINSON, 2009, p. 381.

## 5 CONCLUSÃO

Para o que foi proposto, esta pesquisa chega a algumas conclusões, diante das informações apresentadas e das reflexões realizadas. Primeiramente, foi realizada uma exegese cultural. Com isso, obteve-se uma série de recursos conceituais analíticos que podem servir de ferramentas para o leitor compreender as transformações e as características sociológicas da modernidade, da pós-modernidade e dos elementos que definem a era atual. Reconhece-se que há outros pontos possíveis de observação e constatação por meio da pesquisa, assim oportunizando o uso dessas informações e ferramentas. Claro que a temática não foi esgotada e que pode e deve ser continuada.

Constatou-se o paradigma da fé cristã na contemporaneidade. Da urgência, a qual demanda um retorno às bases da cristandade, pois claramente percebe-se o quanto a relativização busca forçar o cristianismo a fazer uma releitura das Escrituras Sagradas, seus princípios e Tradição. A teologia e a práxis têm um firme fundamento, Jesus Cristo e seu Evangelho e estes são inegociáveis.

Claramente, podemos afirmar que há uma guerra contra a fé cristã, velada por vezes, mas real. Ela acontece em vários espaços: nas universidades, no campo das emoções e da razão, nos relacionamentos, no âmbito das etnias, nas comunicações e nas mídias, no púlpito, bem como no amplo espectro das experiências e dos valores humanos.

A teologia cristã e a pregação da Palavra são responsáveis em fazer a leitura do contexto atual e empreender um trabalho significativo e relevante em meio aos desafios da pós-verdade: ser uma voz que ressoe como uma palavra viva e eficaz, que dialogue e proponha um caminho seguro para as expectativas e as questões da atualidade.

Anunciar a Verdade bíblica poderá ajudar a estabelecer um fundamento seguro e necessário para ensinar o sentido de um encontro com a verdade inegociável a mulheres e homens pós-modernos. Apresentar para estas pessoas o absoluto revelado na Bíblia, apontando para a realidade do pecado e para a necessidade de um salvador faz necessário. Anunciar, ensinar e convidar a receber em suas vidas o amor de verdade, amor que deu seu Filho unigênito, para toda pessoa que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna (João 3.16) é tarefa da igreja.

Agora, após o levantamento de duas áreas de ação concretas, do contexto e do perfil dos indivíduos que existem no atual arranjo social e do conhecimento da cosmovisão reinante, abre-se a possibilidade de anunciar o mistério de Deus, Jesus Cristo, uma mensagem e pregação simples (1Coríntios 2.1-4). Não é pensar em categorias filosóficas, mas criar uma estreita proximidade com Jesus.

A possibilidade de conexão com um Jesus real, histórico, sobre quem determinadas coisas devem ser ditas e cridas torna-se fundamental. E, uma vez conectados, em Jesus, toda a vida é influenciada, a conduta, os relacionamentos, os valores e as prioridades. A fé cristã não é uma opção de preferência religiosa entre muitas. A fé cristã não se destina basicamente a fazer com que pessoas se sintam bem consigo mesmas. A vivência da fé fomenta um diálogo em meio as diferentes perspectivas de visão de mundo, apresenta a cosmovisão cristã, de como as boas novas do Evangelho se adaptam de maneira poderosa nessas histórias reais, para que homens e mulheres consigam enxergar sua relevância, poder, veracidade e capacidade de transformar vidas.

As Escrituras Sagradas são a Palavra de Deus escrita, e estas fortalecem os pés do pregador e da pregadora em direção ao púlpito. A palavra os deixa cheios de confiança, pois Deus falou e providenciou para que ficasse registrado, inspirando as mãos de quem escreveu. E essa palavra de Deus é viva e eficaz, mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para julgar os pensamentos e propósitos do coração (Hebreus 4.12).

Conforme o professor Adam afirma: “É pela pregação – em sua graciosa articulação divina e humana – que a fé é gestada e nutrida. Essa fé viva mantém a igreja viva”.<sup>311</sup> Portanto, a Palavra nas mãos de quem prega, dinamiza sua vida fazendo a cabeça refletir, o coração palpitar, o sangue correr e os olhos brilhar com a glória absoluta de ter a Palavra de Deus em suas mãos e lábios. Seguem seu ministério como embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por meio destes. Em nome de Cristo, pois, pedem que as pessoas se reconciliem com Deus (1Coríntios 5.20).

---

<sup>311</sup> ADAM, Júlio César. Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 53, n. 1. p. 160-175, jan. 2013. p. 162. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/650](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/650)>. Acesso em: 22 set. 2022.

Homens e mulheres que pretendem anunciar o Evangelho de Jesus Cristo neste contexto de pós-verdade, devem ser mais que bons exegetas, devem ir adiante e aplicar as boas novas ao mundo pós-moderno. Para tal, é fundamental entender o contexto para o qual Deus os chamou para viver e pregar. Portanto, é essencial estar sensível à vida contemporânea, sentir suas dores, suas desorientações e seu desespero. Anunciar é viver a compaixão. É combinar fidelidade com sensibilidade para comunicar com autenticidade.

Anunciar o Evangelho é uma dádiva que se exerce com alegria e responsabilidade. John Stott declara: É um enorme privilégio ser um expositor bíblico – estar no púlpito com a Palavra de Deus em nossas mãos, o Espírito Santo em nosso coração e o povo de Deus perante nossos olhos aguardando esperançosamente a voz de Deus para ser ouvida e obedecida.<sup>312</sup>

Por fim, cabe a cada pessoa cristã compreender a mensagem da Bíblia bem o suficiente para explicá-la e aplicá-la a outros cristãos e a seu próximo em situações informais e pessoais. Como pregadores e pregadoras da Palavra, cabe-nos convidar as pessoas e atraí-las por meio das aspirações de sua cultura, chamando-as para que venham a Cristo, a verdadeira sabedoria e a verdadeira justiça, o verdadeiro poder e a verdadeira beleza.

Neste mundo da pós-verdade, das *fake news*, é essencial anunciar Cristo, pregando fielmente o texto bíblico e sempre o Evangelho, estabelecendo uma conexão com a cultura e alcançando o coração, cooperando com a missão do Espírito Santo no mundo – assim pregamos Cristo em toda a Escritura. Pois, Jesus Cristo é O Caminho, A Verdade e A Vida. Ninguém chega ao Eterno sem Ele. (João 14.6).

---

<sup>312</sup> STOTT, John In: ROBINSON, 2009, p. 33.



## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 3. ed. Nova Almeida Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

ADAM, Júlio C. Pregação em transição: uma perspectiva homilética desde América Latina e Brasil. **REFLEXUS - Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões**, Ano IX, n. 16, 2016/2. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/312036553\\_Homiletica\\_da\\_Reforma\\_-\\_Reforma\\_da\\_Homiletica\\_uma\\_reflexao\\_sobre\\_a\\_pregacao\\_crista\\_no\\_contexto\\_brasileiro\\_a\\_partir\\_de\\_principios\\_homileticos\\_de\\_Martim\\_Lutero/link/61d6e464b8305f7c4b264b48/download](https://www.researchgate.net/publication/312036553_Homiletica_da_Reforma_-_Reforma_da_Homiletica_uma_reflexao_sobre_a_pregacao_crista_no_contexto_brasileiro_a_partir_de_principios_homileticos_de_Martim_Lutero/link/61d6e464b8305f7c4b264b48/download)>. Acesso em:

ADAM, Júlio Cezar. Homilética da Reforma – Reforma da Homilética: uma reflexão sobre a pregação cristã no contexto brasileiro a partir de princípios homiléticos de Martim Lutero. **REFLEXUS - Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões**, v. 10 n. 16, 2016. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/article/view/425>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

ADAM, Júlio Cezar. Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 53, n. 1. p. 160-175, jan. 2013. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/650/799](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/650/799)>. Acesso em: 17 set. 2022.

ADAMI, Anna. Meme. **Info Escola**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/comunicacao/memes/>>. Acesso em: 08 maio 2019.

AGRESTE, Ricardo. Entre a sinagoga e o areópago. **Chácara Primavera**, 4 jan. 2016. Disponível em: <<http://chacaraprimavera.org.br/blog-do-ricardo/entre-a-sinagoga-e-o-areopago-33>>. Acesso em: 12 abr. 2020.

ALEXANDRINO, Alan Rennê. **Teologia Brasileira**, n. 94, 2022. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/teologia-do-coaching/>. Acesso em: 04 abr. 2022.

Algoritmos de redes sociais formam “bolha política” em torno dos usuários”. **Canal Tech**, 29 mar. 2016. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/algoritmos-de-redes-sociais-formam-bolha-politica-em-torno-dos-usuarios-60755/>. Acesso em: 08 maio 2019.

ALLEN, Gary; ABRAHAM, Larry. **Política, Ideologia e Conspirações**. A sujeira por trás das ideias que dominam o mundo. Tradução Eduardo Levy. Barueri: Faro Editorial. 2017.

ALMEIDA, Rodrigo de. **À sombra do poder: bastidores da crise que derrubou Dilma Rousseff**. São Paulo: Leya, 2016.

AMORESE, Ruben. **Icabode**: da mente de Cristo à consciência Moderna. Viçosa/MG: Concluído. 1998.

ANDRADE, Suzanne A. O **poder da simplicidade no mundo ágil**: como desenvolver soft skills e aplicá-las com scrum e design thinking para ter mais resultado com menos trabalho, em menor tempo. Bahia: Gente, 2018.

ARENDT, Hannah. **A condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense, 2016.

BARBOSA, Livia. **Sociedade de consumo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar. 2010.

BARBOSA, Mariana. **Pós-verdade e fake news**: Reflexões sobre a guerra de narrativas. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

BARTH, Karl. **A proclamação do Evangelho**. 2. ed. São Paulo, SP: Novo Século, 2003.

BAUMAN, Z. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar. 1999.

BAUMAN, Z. **A Cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. DONSKIS, Leonidas. **Cegueira Moral**: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. 2014. p. 23.

BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Zahar Editora: Rio de Janeiro, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt; RAUD, Rein. **A Individualidade Numa Época de Incertezas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

BEALE, G. K; CARSON, D. A. **Indicação de comentário bíblico**: Comentário do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento. Editora Vida Nova. 2014.

BEEKE, Joel et ali. **Sola Scriptura**: numa época sem fundamentos, o resgate do alicerce bíblico. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

BERMÚDEZ, Ángel. Por que a América Latina é a única região do mundo onde o islã não cresce. **BBC News Brasil**, 5 abr. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39501016>>. Acesso em: 04 set. 2021.

BIBLIOTECA VIRTUAL DA SAÚDE. **Transtorno do Pânico**. Disponível em: <<https://bvsmms.saude.gov.br/transtorno-do-panico/>>. Acesso em: 20 out. 2021.

BIRCHAL, F. F. S. Nova Era: uma manifestação de fé da contemporaneidade. **Horizonte – Revista de estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 5, n. 9, p. 97-105, 3 dez. 2006. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/481>>. Acesso em: 22 set. 2022.

BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade**: espaço, dor e desalento na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CAMBRIDGE DICTIONARY. Verbete: Spin Doctor. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/spindictor>>. Acesso em: 08 maio 2019.

CARBONARI, Paulo. Globalização e Direitos Humanos: identificando desafios. **DHnetDh**. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/carbonari/carbonari\\_t03\\_global\\_dh.htm](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/carbonari/carbonari_t03_global_dh.htm)>. Acesso em: 19 abr. 2022.

CARDOSO, Adalberto. Escravidão e sociabilidade capitalista: um ensaio sobre a inércia social. **Novos estud.**, CEBRAP (80), mar, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/nec/a/rQ69pSZsgmm9ByXjVNRVGwP/?lang=pt>>. Acesso em: 09 fev. 2022.

CARSON, D. A. **A verdade – Como comunicar o evangelho a um mundo pós-moderno**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

CARSON, D. A. **O comentário de João**. 3. reimpressão. São Paulo, SP: Shedd Publicações, 2015.

CASTELLS, M. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & Sociedade**, n. 1, vol. 1, 2020. Disponível em: <<https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Como-vencer-uma-eleic%CC%A7a%CC%83o-sem-sair-de-casa.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2022.

CONFISSÃO DE AUGSBURGO. **Confissão de Augsburgo, confissão básica da Igreja Luterana**. Porto Alegre: Concórdia, 1945.

COVEY, Stephen M. R. **O poder da confiança**: O elemento que faz toda diferença. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: FranklinCovey, 2008.

CUNHA, Magali do Nascimento. Religião na esfera pública: a tríade mídia, mercado e política e a reconstrução da imagem dos evangélicos brasileiros na contemporaneidade. **Religião e Sociedade**: desafios contemporâneos, São Leopoldo, RS, 2012.

DEIFELT, Wanda. Palavras e outras palavras: a teologia, as mulheres e o poder. **Estudos Teológicos**, Vol./No. 36/1, p. 7-16, 1996. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/808/738](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/808/738)>. Acesso em: 10 set. 2021.

DILTHEY, Wilhelm. **Introdução às Ciências Humanas**: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história. São Paulo/SP: Forense Universitária, 2010.

DUARTE, Denis. O que é a Lectio Divina? **Canção Nova**. Disponível em: <<https://formacao.cancaonova.com/biblia/estudo-biblico/o-que-e-lectio-divina/>>. Acesso em: 18 maio 2022.

DURKHEIM, Emile. **As Regras do Método Sociológico**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DUSSEL, Enrique. **Teologia da Libertação – Um panorama do seu desenvolvimento**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

FAUSTO, Ruy. **Marx: lógica e política: investigação para uma reconstituição do sentido da dialética**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2011.

FORDISMO. **Educa Mais Brasil**, 29 abr. 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/fordismo>. Acesso em: 16 mai. 2022.

GAARDER, Joisten. Kierkegaard. **Folha de São Paulo**, 10 ago. 1995. Disponível em: <[https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/8/10/caderno\\_especial/3.html](https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/8/10/caderno_especial/3.html)>. Acesso em: 08 maio 2019.

GATARD, Marie. MARCIER-BERNADET, Fabienne. **Lutas de mulheres, de uma guerra para outra**. Sceaux, Esprit des livres, coll. “Imagens históricas”, 2009.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record. 2003. Original 1999.

GOLDMAN, Wendy. **Mulher, Estado e Revolução**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2002.

HENRY, Carl F. H. “**Postmodernism: the new specter?**” In: DOCKERY, David. S., org. *The challenge of postmodernism: an Evangelical engagement*. Grand Rapids - Michigan: Baker. 1997.

HOPKO, Thomas. Orthodoxy in Pluralistic Post-Modern Societies. **The Ecumenical Review**, 51, p. 364-371. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/j.1758-6623.1999.tb00404.x>>. Acesso em: 06 maio 2021.

HUTCHEON, Linda. A incredulidade a respeito das metanarrativas: articulando pós-modernismo e feminismos. **Labrys: estudos feministas**, número 1-2, jul/dez, 2002. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20030320035807/http://www.unb.br/ih/his/gefem/linda1.html>>. Acesso em: 11 fev. 2022.

JUBILUT, Liliana Lyra; LOPES, Rachel de Oliveira (Orgs.). **Histórico e mitos da Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2018. p. 29-39. Disponível em: <<https://www.unisantos.br/wp-content/uploads/2018/12/DIREITOS-HUMANOS-E-VULNERABILIDADE-E-A-DECLARAÇÃO-UNIVERSAL-DOS-DIREITOS-HUMANOS.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2021.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**: Notas sobre a mentira na era Trump. Trad. de André Czarnobai e Marcela Duarte. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

KARL, Marx; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Global, 2000.

KELLER, Timothy. "Preaching to the secular mind". **Journal of Biblical Counseling**, 14 (Fall), 1995. p. 56. Disponível em: <<https://www.ccef.org/shop/product/jbc-volume-14-1-pdf/>>. Acesso em: 22 set. 2022.

KELLER, Timothy. **A fé na era do ceticismo**: como a razão explica Deus. São Paulo: Vida Nova, 2015.

KELLER, Timothy. **Pregação – Comunicando a fé na era do ceticismo**. Tradução A.G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 21.

KIRST, Nelson. **Rudimentos de homilética**. Sinodal/Paulinas: São Leopoldo/São Paulo, 1985.

KONFLANZ, Celso. **A moderna tradição gaúcha**: um estudo sociológico sobre o Tradicionalismo Gaúcho. 2013. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/4715/1/448318.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2021.

KURZAWA, Kitty. **Verdade ou mentira?**: uma análise cristã do fenômeno das fake news. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2020.

LINDGREN ALVES, J. A. A Declaração dos Direitos Humanos na Pós-Modernidade. **DHnetDh**. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/lindgrenalves/lindgren\\_100.html](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/lindgrenalves/lindgren_100.html)>. Acesso em: 19 abr. 2022.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Barcelona, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo**: Resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LLORENTE, José Antonio. A era da pós-verdade: realidade versus percepção. **Revista Uno**, nº 27. São Paulo: Mattavelli Gráfica e Editora, 2017. Disponível em: <[https://www.revista-uno.com.br/wp-content/uploads/2017/03/UNO\\_27\\_BR\\_baja.pdf](https://www.revista-uno.com.br/wp-content/uploads/2017/03/UNO_27_BR_baja.pdf)>. Acesso em: 22 set. 2022.

LUTERO, Martim. **Auxílios para anunciar a Boa Nova**: perícopes de Mateus na pregação de Martim Lutero. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 2010.

MANTZARLIS, Alexios. Verificação dos fatos. In: IRETON, C.; POSETTI, J. (Orgs.). **Jornalismo, Fake News e Desinformação**: Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo. Paris: UNESCO, 2019. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>>. Acesso em: 22 set. 2022.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias**: sua dimensão educativa na contemporaneidade. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MESLE, C. Robert. **Teologia do Processo**: uma introdução básica. São Paulo: Paulus, 2013.

MONDIN, Battista. **Os grandes teólogos do século vinte**. São Paulo: Teológica; Paulus, 2003.

MUNCK, Luciano. SOUZA, Rafael Borim de. A relevância do ser humano no contexto de institucionalização e legitimação do paradigma da sustentabilidade. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 1-14, julho-setembro 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rege/article/download/36674/39395>>. Acesso em 17 set. 2022.

Nietzsche e suas frases contundentes. **MDIG**, 30 maio 2008. Disponível em: <<https://www.mdig.com.br/index.php?itemid=2847>>. Acesso em: 17 set. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE - OPAS. **Folha informativa sobre COVID-19**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 22 set. 2022.

OXFORD LERNER'S DICTIONARY. Verbete: Post-Truth. Disponível em: <<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/post-ruth>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

PACHECO, Clarisse. Frase sobre 'Sociedade se distanciando da verdade' não é de George Orwell. **Estadão**, 26 jan. 2022. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/george-orwell-quanto-mais-a-sociedade-se-distancia-da-verdade/>>. Acesso em: 09 mar. 2022.

PALMER, Richard. E. **Hermenêutica**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1969.

POLANYI, Karl. **A Grande Transformação**: as origens políticas e econômicas de nossa época. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto. 2021.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Guia Politicamente Incorreto da Filosofia**. São Paulo: Leya, 2012.

PORTELA, Solano. Desconstrução e Reconstrução: O pós-modernismo, da Teologia da Esperança à Teologia da Nova Era, e seus reflexos no campo educacional. **Fides Reformata** – v. XXVI, n. 1 – São Paulo: Mackenzie, 2021. Disponível em: <<https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2021/07/Fides-26-1-2-Desconstrucao-e-Reconstrucao-O-Pos-Modernismo-Solano-Portela.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2022.

'Pós-verdade' é eleita a palavra do ano pelo Dicionário Oxford. **G1**, 16 nov. 2016. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638\\_931299.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638_931299.html)>. Acesso em: 25 mar. 2021.

Pós-verdade: o conceito político da moda é equivocado. **Carta Capital**, 03 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/revista/933/a-era-da-pos-verdade>>. Acesso em: 28 mar. 2022.

QUÉTEL, Claude. **As mulheres na guerra 1939-1945**. Vol. 1. Tradução Ciro Mioranza. São Paulo: Larousse, 2009.

REZENDE, Milka de Oliveira. O que é feminismo? **Mundo Educação**. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/o-que-e-feminismo.htm>>. Acesso em: 09 jul. 2021.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**. Tradução: Artur Morão. Porto: Porto Editora, 1995.

ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig Brian. **A arte e o ofício da pregação bíblica**. São Paulo, SP: Shedd Publicações, 2009.

ROMEIRO, Paulo. **Supercrentes: O Evangelho Segundo Kenneth Hagin, Walnice Milhomens e os profetas da prosperidade**. São Paulo: Mundo Cristão, 1993.

ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. **Rev. Estud. Fem**, 14 (1), abr, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/ZZ7mhVDBZCMGLmnDMpBMhNS>>. Acesso em: 18 set. 2021.

SCAZZERO, Peter. **O líder emocionalmente saudável: como a transformação de sua vida interior transformará sua igreja, sua equipe e o mundo**. São Paulo: Hagnos, 2016.

SCHAPER, Valério Guilherme. O humano em questão: os direitos humanos como proposta social. In: VIOLA, Solon Eduardo Annes; ALBUQUERQUE, Marina Z. de (Orgs.). **Fundamentos para educação em direitos humanos**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011.

SEGALL, Ken. **Incrivelmente simples: a obsessão que levou a Apple ao sucesso**. Rio de Janeiro: Alta Books. 2017.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SHINN, Terry. Desencantamento da modernidade e da pós-modernidade: diferenciação, fragmentação e a matriz de entrelaçamento. **Sci. stud.**, 6 (1), Mar, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s1678-31662008000100003>>. Acesso em: 20 out. 2020.

SILVA, Ricardo Agreste da. **Feito Para Durar – Relacionamentos duradouros numa cultura do descartável**. Santa Bárbara d'Oeste. SP: SOCEP, 2009.

SODRÉ, Muniz. **A salvação cotada em dólar.** Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/idioma/20010711.htm>>. Acesso em: 29 maio 2019.

SORJ, Bernardo. **A democracia inesperada:** cidadania, direitos humanos e desigualdade social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

SOUZA, Bertone de Oliveira. A Teologia da Prosperidade e a redefinição do protestantismo brasileiro: uma abordagem à luz da análise do discurso. **Revista Brasileira de História das Religiões.** ANPUH, Ano IV, n. 11, Set. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30407>>. Acesso em: 21 set. 2022.

SOUZA, Ivan de. As marcas mais valiosas no mundo. **RockContent**, 3 jan. 2018. Disponível em: <<https://rockcontent.com/br/blog/marcas-mais-valiosas-do-mundo/>>. Acesso em: 24 mar. 2022.

STRECK, Edson E. A prédica ao longo da história da Igreja. **Estudos Teológicos**, ano 33, v. 2, p. 168-182, 1993. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/312036553\\_Homiletica\\_da\\_Reforma\\_-\\_Reforma\\_da\\_Homiletica\\_uma\\_reflexao\\_sobre\\_a\\_pregacao\\_crista\\_no\\_contexto\\_brasileiro\\_a\\_partir\\_de\\_principios\\_homileticos\\_de\\_Martim\\_Lutero](https://www.researchgate.net/publication/312036553_Homiletica_da_Reforma_-_Reforma_da_Homiletica_uma_reflexao_sobre_a_pregacao_crista_no_contexto_brasileiro_a_partir_de_principios_homileticos_de_Martim_Lutero)>. Acesso em: 22 set. 2022.

TRIGO, Luciano. **Guerra de narrativas** – A crise política e a luta pelo controle do imaginário. Ebook Kindle – Globo Livros.

VEITH, JR., Gene Edward. **Tempos pós-modernos:** Uma avaliação cristã do pensamento e da cultura de nossa época. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

VINER, Katharine. How technology disrupted the truth. **The Guardian**, 12 jul. 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/media/2016/jul/12/how-technology-disrupted-the-truth>>. Acesso em: 07 maio 2019.

WATSON, Peter. **Despertar:** um guia para a espiritualidade sem religião. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.